

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES**

**Programa de Pós-graduação em Administração Mestrado**

**ANDRÉIA MOREIRA DA SILVA**

**VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR:**

**Uma análise dos casos de Bullying e Cyberbullying na perspectiva do marketing  
macrossocial**

Belo Horizonte

2024

**ANDRÉIA MOREIRA DA SILVA**

**VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR:**

**Uma análise dos casos de *Bullying* e *Cyberbullying* na perspectiva do marketing  
macrossocial**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.** Caissa Veloso e Sousa

**Área de concentração:** Organização e Estratégia

**Linha de pesquisa:** Estratégia, Inovação e Competitividade

Belo Horizonte

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário  
Bruno Tamielt de Almeida CRB6 3082

S586v Silva, Andréia Moreira da

Violência no ambiente escolar: uma análise dos casos de bullying e cyberbullying na perspectiva do marketing macrossocial. Belo Horizonte: Centro Universitário Unihorizontes, 2024.  
107 p.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Caissa Veloso e Sousa  
Dissertação (mestrado). Centro Universitário Unihorizontes.  
Programa de Pós-graduação em Administração.

1. Violência escolar - Bullying - Cyberbullying - Marketing macrossocial  
I. Andréia Moreira da Silva II. Centro Universitário Unihorizontes – Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: 658.70

**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES**

MESTRANDO(A): Andréia Moreira da Silva

Matrícula: 241487902

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Organização e Estratégia

LINHA DE PESQUISA: Estratégia, Inovação e Competitividade

ORIENTADORA (A): **Profª. Drª. Caissa Veloso e Sousa**

TÍTULO: "VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: Uma análise dos casos de Bullying e Cyberbullying na perspectiva do marketing macrossocial".

DATA: 21/11/2024

RESULTADO APÓS DELIBERAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA: **APROVADO(A)**

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente  
 CAISSA VELOSO E SOUSA  
Data: 12/02/2025 17:52:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

-----  
Profª Drª Caissa Veloso e Sousa  
Centro Universitário Unihorizontes  
ORIENTADOR(A)

Documento assinado digitalmente  
 RONIELTON REZENDE OLIVEIRA  
Data: 21/11/2024 19:04:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

-----  
Prof. Dr. Ronielton Rezende  
Centro Universitário Unihorizontes

Documento assinado digitalmente  
 ANDRE FRANCISCO ALCANTARA FAGUNDES  
Data: 21/11/2024 16:39:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

-----  
Prof. Dr. André Francisco Alcântara  
Universidade Federal de Uberlândia

**DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Declaro ter procedido à revisão da dissertação de mestrado intitulada

**VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR:**

**Uma análise dos casos de *Bullying* e *Cyberbullying* na perspectiva do  
marketing macrossocial**

apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico Centro Unihorizontes, como requisito

parcial para obtenção do título de

**MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO**

de autoria de

**ANDRÉIA MOREIRA DA SILVA**

contendo 107 páginas

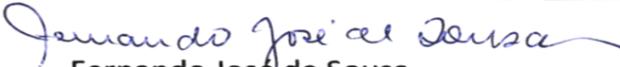
sob orientação de

**PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. CAISSA VELOSO E SOUSA**

**ITENS DA REVISÃO:**

- Correção gramatical
- Inteligibilidade do texto
- Adequação do vocabulário

Belo Horizonte, 11 de outubro de 2024

  
**Fernando José de Sousa**  
REVISOR

Registro: 20710, Livro LR-36 – Decreto nº 5786/2006, Processo 2758814/2014  
Licenciado em LETRAS  
Centro Universitário de Belo Horizonte  
UNI-BH

**REVISADO**

## AGRADECIMENTOS

A jornada até a conclusão dessa dissertação foi marcada por desafios e aprendizado que só foram possíveis graças ao apoio e incentivo de várias pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para este momento tão importante na minha vida.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por me dar força, sabedoria e resiliência para superar todos os obstáculos ao longo deste caminho. Sem sua presença constante, nada disso seria possível. Agradeço por iluminar meus passos e por me dar a coragem necessária para prosseguir.

À minha mãe que sempre me ensinou o valor da educação e nunca mediu esforços para me apoiar em todas as fases da vida.

À minha filha Isabela, por ser minha motivação diária de viver e crescer profissionalmente, estando sempre ao meu lado.

Ao meu noivo, Geraldo, meu companheiro de mestrado e de vida, que esteve comigo em vários momentos desta jornada. Seu amor, paciência e constante apoio me deram força para continuar, mesmo nos dias mais desafiadores. Sou imensamente grata por sua compreensão e por estar ao meu lado durante o processo.

À minha orientadora, `Profa. Dra. Caissa Veloso e Sousa, minha sincera gratidão por sua orientação, confiança e dedicação ao longo desta caminhada. Sua sabedoria, paciência e feedbacks sempre precisos foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço por ter me guiado com competência e generosidade, sempre encorajando a ir além.

À Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais que, por meio do Projeto Trilhas Educadores, financiou o Curso de Mestrado e permitiu que a coleta de dados fosse realizada no âmbito das escolas da rede estadual.

## RESUMO

**Aderência à Linha de Pesquisa:** A presente pesquisa esta inserida na linha de pesquisa “Estratégia, Inovação e Competitividade, do Programa de Mestrado em Administração do Centro Universitário Unihorizontes. O estudo se apresenta alinhado ao programa por propor uma análise relacionada à área de Marketing e sua relação com a convivência democrática e social, para a promoção do bem-estar social. Nesse contexto, a teoria principal que embasa o estudo compreende o marketing macrossocial, que avalia a tríade sociedade, governo e indivíduos, como entes que atuam em determinado aspecto social e, portanto, são atores envolvidos na ampliação da segurança e bem-estar no ambiente escolar. O estudo foi desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Estratégia e Inovação, Marketing e Sociedade, liderado pela Professora Doutora Caissa Veloso e Sousa e está associado ao projeto “Ampliação do Bem-Estar social na Perspectiva do Marketing Macrossocial”, financiado pelo CNPq na modalidade de bolsa de Produtividade em Pesquisa.

**Objetivo:** Identificar e analisar como os casos de violência escolar, mais especificamente os de *Bullying* e *Cyberbullying*, são percebidos pelos profissionais da área de educação e pais/responsáveis pelos alunos, a partir da perspectiva do marketing macrossocial.

**Revisão de Literatura:** Fundamenta a pesquisa proposta estruturada nas seguintes temáticas: A violência e o ambiente escolar, causas e consequências atribuídas ao contexto de violência escolar, *Bullying*, *Cyberbullying* e o Marketing Macrossocial.

**Método:** O percurso metodológico utilizado para a realização da pesquisa se caracteriza como do tipo descritivo, de uma abordagem qualitativa, sendo o método, um estudo de caso. Os sujeitos da pesquisa foram 15 profissionais da educação e 10 pais e responsáveis e a coleta de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas. Como unidade de análise figura a violência escolar, o *bullying* e *cyberbullying* e a análise dos resultados se deu através da análise de conteúdo.

**Resultados:** A pesquisa apontou que a maioria dos entrevistados percebe de forma clara a tratativa da violência no ambiente escolar e reconhece as causas e consequências do *bullying* e *cyberbullying*. A maioria dos entrevistados relatou reconhecer os casos de *bullying* e *cyberbullying*, relatando a urgência em se manter ações direcionadas à prevenção e mitigação dos casos no ambiente escolar. O estudo destacou que as ações implementadas precisam ser mais assertivas. Mesmo com os programas já existentes, as ações se mostram ineficientes e os entrevistados percebem a relevância do marketing macrossocial nas futuras ações e políticas públicas direcionadas a mitigar e prevenir a violência no ambiente escolar.

**Contribuições teóricas/metodológicas:** Esta pesquisa avança no campo da violência escolar em instituições de ensino público do Estado de Minas Gerais, ao analisar a percepção da violência, o *bullying* e *cyberbullying*, revelando que essas práticas estão acontecendo rotineiramente. Além disso, sugere ações e intervenções por meio de políticas públicas, associadas à teoria do marketing macrossocial na mitigação e prevenção da violência no ambiente escolar.

**Contribuições gerenciais/sociais:** A pesquisa sugere a contribuição do marketing macrossocial, servindo como ferramenta de elaboração de ações e políticas públicas, promovendo um ambiente escolar mais harmônico e seguro, com ações éticas e assertivas nas relações internas, beneficiando toda a comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Violência escolar. *Bullying*. *Cyberbullying*. Marketing macrossocial.

## ABSTRACT

**Alignment with the Research Line:** This research is part of the "Strategy, Innovation, and Competitiveness" research line within the Master's Program in Administration at Centro Universitário Unihorizontes. The study aligns with the program by proposing an analysis related to the field of Marketing and its connection with democratic and social coexistence to promote social well-being. In this context, the main theory underlying the study is Macromarketing, which assesses the triad of entities, society, government and individuals acting within a particular social aspect and therefore plays a role in enhancing safety and well-being in the school environment. The study was developed within the Research Center in Strategy and Innovation, Marketing and Society, led by Professor Doctor Caissa Veloso e Sousa, and is associated with the project "Enhancing Social Well-being from the Perspective of Macromarketing," funded by CNPq under the Research Productivity Grant.

**Objective:** To identify and analyze how cases of school violence, specifically bullying and cyberbullying, are perceived by education professionals and parents/guardians, from a Macromarketing perspective.

**Literature Review:** The research is based on the following themes: Violence and the school environment, causes and consequences attributed to the context of school violence, bullying, cyberbullying and Macromarketing.

**Method:** The methodological approach for this research is descriptive, using a qualitative approach, and the method is a case study. The subjects of the research were 15 education professionals and 10 parents/guardians, with data collection conducted through semi-structured interviews. The units of analysis are school violence, bullying, and cyberbullying, and results were analyzed through content analysis.

**Results:** The research indicated that most interviewees clearly understand how violence is addressed in the school environment and recognize the causes and consequences of bullying and cyberbullying. Most of the respondents reported recognizing cases of bullying and cyberbullying and highlighted the urgency of maintaining preventive and mitigating actions in the school environment. The study underscored that the implemented actions need to be more effective, as existing programs prove insufficient, and interviewees see the relevance of Macromarketing in shaping future actions and public policies aimed at mitigating and preventing school violence.

**Theoretical/Methodological Contributions:** This research advances the field of school violence in public educational institutions in Minas Gerais by analyzing the perception of violence, bullying, and cyberbullying, revealing that these practices occur routinely. Additionally, it suggests actions and interventions through public policies, associating the theory of Macromarketing with the mitigation and prevention of school violence.

**Managerial/Social Contributions:** The research suggests the contribution of Macromarketing as a tool for the development of actions and public policies, promoting a more harmonious and safe school environment with ethical and effective actions in internal relationships, benefiting the entire school community.

**Keywords:** School violence. Bullying. Cyberbullying. Macromarketing.

## RESUMEN

**Adherencia a la Línea de Investigación:** La presente investigación se inserta en la línea de investigación “Estrategia, Innovación y Competitividad” del Programa de Maestría en Administración del Centro Universitario Unihorizontes. El estudio se alinea con el programa al proponer un análisis relacionado con el área de Marketing y su relación con la convivencia democrática y social, promoviendo el bienestar social. En este contexto, la teoría principal que fundamenta el estudio comprende el marketing macrosocial, que evalúa la tríada sociedad, gobierno e individuo, entidades que actúan en determinado aspecto social y, por lo tanto, son actores involucrados en la ampliación de la seguridad y el bienestar en el ambiente escolar. El estudio fue desarrollado en el ámbito del Núcleo de Investigación en Estrategia e Innovación, Marketing y Sociedad, liderado por la Profesora Doctora Caissa Veloso e Sousa, y está asociado al proyecto “Ampliación del Bienestar Social desde la Perspectiva del Marketing Macrosocial”, financiado por el CNPq en la modalidad de beca de Productividad en Investigación.

**Objetivo:** Identificar y analizar cómo los casos de violencia escolar, más específicamente el bullying y ciberbullying, son percibidos por los profesionales del área de educación y los padres/responsables de los alumnos, desde la perspectiva del marketing macrosocial.

**Revisión de Literatura:** La investigación se basa en los siguientes temas: La violencia y el ambiente escolar, causas y consecuencias atribuidas al contexto de violencia escolar, Bullying, Ciberbullying y Marketing Macrosocial.

**Método:** El enfoque metodológico utilizado en esta investigación es de tipo descriptivo, con un enfoque cualitativo, siendo el método un estudio de caso. Los sujetos de la investigación fueron 15 profesionales de la educación y 10 padres y responsables, y la recolección de datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas. Las unidades de análisis fueron la violencia escolar, el bullying y el ciberbullying, y el análisis de los resultados se llevó a cabo a través del análisis de contenido.

**Resultados:** La investigación mostró que la mayoría de los entrevistados perciben claramente el tratamiento de la violencia en el ambiente escolar y reconocen las causas y consecuencias del bullying y el ciberbullying. La mayoría de los encuestados indicó reconocer los casos de bullying y ciberbullying, además de señalar la urgencia de mantener acciones orientadas a la prevención y mitigación de los casos en el ambiente escolar. El estudio destacó que las acciones implementadas necesitan ser más asertivas. A pesar de los programas ya existentes, las acciones resultan ineficaces, y los entrevistados reconocen la relevancia del marketing macrosocial en futuras acciones y políticas públicas dirigidas a mitigar y prevenir la violencia en el ambiente escolar.

**Contribuciones Teóricas/Metodológicas:** Esta investigación avanza en el campo de la violencia escolar en instituciones de educación pública del estado de Minas Gerais, al analizar la percepción de la violencia, el bullying y el ciberbullying, revelando que estas prácticas ocurren de manera rutinaria. Además, sugiere acciones e intervenciones mediante políticas públicas, asociadas a la teoría del marketing macrosocial para la mitigación y prevención de la violencia en el ambiente escolar.

**Contribuciones Gerenciales/Sociales:** La investigación sugiere la contribución del marketing macrosocial, sirviendo como una herramienta para la elaboración de acciones y políticas públicas, promoviendo un ambiente escolar más armonioso y seguro, con acciones éticas y asertivas en las relaciones internas, beneficiando a toda la comunidad escolar.

**Palabras clave:** Violencia escolar. Bullying. Ciberbullying. Marketing macrosocial.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> Perfil sociodemográfico dos entrevistados, profissionais da educação (PE)..	57
<b>Figura 2</b> Perfil sociodemográfico dos entrevistados na categoria Pais e Responsáveis (PR) .....	59
<b>Figura 3</b> Categoria 1 - Percepção e Conscientização .....	61
<b>Figura 4</b> Categoria 2: Causas e Consequências .....	67
<b>Figura 5</b> Categoria 3 - Clima Organizacional.....	72

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> Levantamento realizado nas bases de dados .....	20
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS

AMA	American Marketing Association
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
GT	Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas
MEC	Ministério da Educação
NEIMS	Núcleo de Estudos em Inovação, Marketing e Sociedade
SAGE	Sistema de Apoio à Gestão
SEEMG	Secretária Estadual de Educação de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1 Objetivos</b> .....	<b>19</b>
<b>1.1.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>19</b>
<b>1.1.2 Objetivo Específico</b> .....	<b>19</b>
<b>1.2 Justificativa</b> .....	<b>19</b>
<b>1.3 Adequação à linha de pesquisa</b> .....	<b>22</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>23</b>
<b>2.1 A Violência e o Ambiente Escolar</b> .....	<b>23</b>
<b>2.2 Causas e Consequências atribuídas ao contexto de violência escolar</b> .....	<b>28</b>
<b>2.3 Bullying</b> .....	<b>33</b>
<b>2.4 Cyberbullying</b> .....	<b>39</b>
<b>2.5 Marketing Macrossocial</b> .....	<b>43</b>
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>50</b>
<b>3.1 Tipo e abordagem de pesquisa</b> .....	<b>50</b>
<b>3.2 Método de Pesquisa</b> .....	<b>51</b>
<b>3.3 Unidade de análise e sujeito de pesquisa</b> .....	<b>52</b>
<b>3.4 Técnica de coleta de dados</b> .....	<b>52</b>
<b>3.5 Estratégia de análise de dados</b> .....	<b>54</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>57</b>
<b>4.1 Caracterização dos entrevistados</b> .....	<b>57</b>
<b>4.2 Percepção e Conscientização</b> .....	<b>60</b>
<b>4.3 Causas e Consequências</b> .....	<b>66</b>
<b>4.4 Clima Organizacional</b> .....	<b>71</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>78</b>
<b>5.1 Limitações do estudo</b> .....	<b>82</b>
<b>5.2 Sugestões para pesquisas futuras</b> .....	<b>83</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE A - Revisão da literatura- Marketing Macrossocial.....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO .....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE C - Roteiro de Entrevistas .....</b>	<b>106</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A violência nas escolas é um problema que impacta professores, pais, responsáveis, o poder público e toda a sociedade envolvida na educação. Isso coloca em dúvida a estrutura da escola, suas práticas e relações. A violência, segundo Weber (1999), está presente nas interações humanas e pode ser interpretada de diversas formas, por meio de atitudes e comportamentos. Suas características se ampliam para além do ato corporal em si, podendo também ser compreendida como uma vivência baseada na repressão física ou emblemática, não se pautando, exclusivamente, na maneira como as relações são estabelecidas.

A violência transcende o ato físico, manifestando-se também em formas simbólicas e repressivas nas interações humanas. Essa concepção amplia a compreensão da violência, evidenciando que ela pode se materializar não apenas por meio de agressões corporais, mais também através de controles e opressões implícitas nas estruturas sociais. Dessa maneira, a violência pode se enraizar em relações de poder, normas culturais e sistemas institucionais, influenciando a maneira como os indivíduos se comportam e se relacionam em diferentes contextos sociais, (Bryant & Cox, 2002; Rivara *et al.*, 2019).

Minayo (2005) descreve a violência como um termo aparentemente neutro, mas ao estudar os episódios violentos, revela-se a imposição de autoridade e poder sobre outros ou seus bens. Além disso, as dificuldades para definir a violência estão ligadas ao seu impacto psicológico em quem a comete, presencia ou sofre. Dada a sua magnitude e importância, a violência compreende um fenômeno que precisa receber atenção de toda a administração pública, incluindo a segurança pública, judiciário, os profissionais da educação, saúde e promoção social, sendo extensiva a todos os profissionais que mantêm contato de forma direta ou indireta com o ser humano (Castro *et al.*, 2001). Considerando que sua presença, em maior ou menor magnitude, está presente nas diversas comunidades, os autores a caracterizam como um episódio enfático e de difícil tratamento, relacionando-se com as esferas psicossociais do indivíduo, o que, conforme Medeiros (2005), influencia e é influenciada pelas alternâncias de valores morais e sociais no convívio coletivo.

A violência, em suas diversas formas, é amplamente reconhecida na literatura como causadora de dor e sofrimento. Devido às suas consequências, é considerada um problema global de saúde pública. Nesse contexto, a violência, tal como em outras esferas

sociais, é um fenômeno preocupante no ambiente escolar. A escola é um espaço essencial para o desenvolvimento pessoal, social e educacional dos indivíduos (Unesco, 2019).

Especificamente no que se refere ao ambiente escolar, Debarbieux (2002) e Blaya (2005), corroboram o entendimento de que esse espaço é visto pela sociedade como um local seguro e de aprendizado que, no entanto, vem perdendo essa característica, em todas as partes do mundo, incluindo o Brasil. Nesse aspecto Routt *et al.* (2006) ponderam que o fenômeno da violência no ambiente escolar não é recente e desde a década de 1980 já se encontram estudos que tratam do problema. Em função disso, o tema tem ganhado lugar nos debates e planejamento de políticas públicas, mostrando ser um problema complexo e multifacetado que envolve aspectos sociais, políticos e psicológicos (Teles, 2013; Cruz, 2014, Oliveira *et al.*, 2015).

Nessa perspectiva, sua definição está em sucessiva transformação, com novos conceitos, dados os preceitos e as maneiras comportamentais da sociedade em um determinado tempo histórico. A violência no ambiente escolar possui uma expressão múltipla no contexto social, emergindo nos muros da escola, evidenciando características diversas. Para Abramovay, Cunha e Calaf (2009), essa violência se destaca e se classifica como violência dura, micro violência ou incivilidade e a violência simbólica ou institucional.

Lopes Neto (2005), considerando o histórico de acontecimentos violentos no ambiente escolar, pondera que a violência, o mal-estar e o sofrimento ao permearem o ambiente escolar, afastam cada vez mais o prazer pela aprendizagem, uma vez que os confrontos e embates diários entre alunos e professores empobrecem as respectivas relações.

Em concordância com a relevância do tema, diversificadas pesquisas referentes à violência no ambiente escolar no Brasil e em outros países demonstram preocupação com o problema desde o final do século XX, Abramovay, (2012), o que faz emergir amplo debate a fim de sugerir políticas públicas para o seu combate (Unesco, 2019).

Estudos no ambiente escolar americano estão sendo pesquisados desde meados da segunda metade do século XX, destacando-se os debates do Instituto Nacional de Educação (1978) que pondera que a violência no ambiente escolar, desde a década de 1970, já se configurava um problema nacional. Desde então, debates e pesquisas envolvendo educadores e sociólogos visam a identificação dos fatores que colaboram para a sua ocorrência, sendo destaque aspectos como o convívio familiar e na vida em

sociedade, a ausência de ambientes para o lazer e a ausência de representatividade comunitária (Remboldt, 1994, Johnson et. al., 1995, Hyman *et al.*, 1997).

Na América Latina destacam-se, mas não exclusivamente, as pesquisas sobre a violência no ambiente escolar realizadas na Argentina, Uruguai e México, que por sua vez, impulsionados pelos incentivos da Unesco, apresentam acervo acadêmico expressivo referente às definições, tipos, causas e consequências dessa modalidade de violência (Martinez 1999, Miguez 2008, Mallo 2010, Furlan 2012, Silva & Silva 2018).

O fenômeno também é identificado em países europeus como na França, onde o fenômeno da violência na escola é debatido desde 1981 no âmbito da FEN - Federação da Educação Nacional, entidade que, em 1994, organizou um Colóquio sobre a “Violência e a Missão Educativa” Debarbieux (2006). Outro exemplo é visto no início do século XXI, em Utrecht, na Holanda, quando ocorreu a Conferência Europeia, que reuniu cientistas especializados e servidores públicos de primeiro escalão de todos os países- membros da União Europeia. O tema dessa conferência foi a “segurança nas escolas”. Dos presentes, poucos apresentaram estudos de seus respectivos países, entre eles: Alemanha, França, Inglaterra, Holanda e Suécia. Tal fato leva ao entendimento de que algumas organizações, mesmo diante de evidências, negam sua existência (Debarbieux, 1998).

No Brasil, desde a década de 1990, a violência nas escolas vem adquirindo relevância no debate público e acadêmico, além de vasta visibilidade da mídia (Zaluar, 1992; Guimarães, 1998; Candau, *et al.*, 1999; Tavares *et.al.*, 1999; Njaine *et al.*, 2003; Assis *et al.*, 2010; Abramovay, 2018; Souza, 2023). De acordo com os estudos, ocorrências de violência dentro da escola estão relacionadas, em sua maior parte, à indisciplina e ao reflexo da educação que crianças e adolescentes recebem em seus núcleos familiares Basso, (2010).

A fim de apresentar a ação social de atos violentos ao qual os jovens estão sujeitos, é preponderante observar três pontos plausíveis: a prática da violência, ou seja, se esses jovens vivem uma “cultura de violência”; o preceito de uma sociedade violenta; e a individualidade ao qual a juventude se comporta. A violência no ambiente escolar pode ser percebida em vertentes distintas, envolvendo a violência física, a violência psicológica, a violência sexual, o *bullying* e o *cyberbullying* Unesco, (2019).

Nesse aspecto, é possível identificar que pesquisas relacionadas ao *bullying* no âmbito escolar vem ganhando espaço, fato que pode estar relacionado aos episódios catastróficos que acometem crianças e adolescentes de diversos níveis sociais e

localidades. Portanto se torna uma preocupação de professores, comunidade escolar, poder público, pais e responsáveis, englobando toda a sociedade civil (Mattos et al., 2023).

Atualmente, o *bullying* é reconhecido no meio acadêmico como um subconjunto de comportamentos agressivos e repetitivos. A opção em usar o termo *bullying* resulta da dificuldade em encontrar na língua portuguesa uma tradução fiel para o termo, deixando de lado as especificidades do fenômeno. Em uma definição mais ampla, Bana (2016) o define como um tipo de violência, física e/ou psicológica, caracterizada pela repetição de atos e pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Trata-se de um fenômeno antigo ao qual, apenas recentemente, tem sido dada atenção às suas causas e consequências. A elevada frequência de ocorrências *bullying* no ambiente escolar deixa de ser vista como uma brincadeira de escola e passa a ser vista como uma forma de violência que pode implicar em sequelas, tanto às vítimas quanto aos agressores (Bayraktar et al., 2015). No contexto escolar pode compreender uma série de agressões como xingamentos, apelidos, fofocas, empurrões e chutes, que ocorrem com frequência contra uma pessoa (Abramoway & Ruas, 2002).

Ainda no contexto do *bullying*, esse pode tomar contornos diversos, relacionados ao avanço tecnológico, que tem produzido um mundo cada vez mais instantâneo e ágil por meio da internet, com as relações acontecendo pelas redes sociais, com mensagens e interações em tempo real (Crochik et al. 2014). Esse ciberespaço propicia positivamente um *locus* de aprendizagem e refinamento da capacidade de exercer o autocontrole, de se relacionar com tolerância e respeito aos pontos de vista dos outros, de expressar sentimentos de maneira saudável e normativa e de se engajar no pensamento crítico e na tomada de decisões (Levy, 2000, Mattos et.al., 2023). No mesmo sentido, oferta como pontos negativos a exposição de crianças e adolescentes à violência interpessoal, diversificadas formas de agressão, maus-tratos e assédio, sendo essa vertente da violência denominada *cyberbullying* (Patchin & Hinduja 2020).

O *cyberbullying* se beneficia do anonimato e da segurança, gerando a sensação de proteção, refletida pela tela do computador, que favorece aos sujeitos a liberdade de evitar de forma normativa as cobranças da sociedade e sua ética moral. Esse ambiente propicia ao agressor usar diferentes personalidades e identidades, dificultando para a vítima identificar quem são seus agressores virtuais, refletindo uma sensação de livre expressão do infrator no ambiente virtual (Casado, 2011, Ferreira 2018).

Nesse contexto, é factível afirmar que problemas no ambiente escolar, que, por consequência, geram episódios de violência em todos os seus níveis, necessitam de ampla interação entre as políticas públicas relacionadas e a comunidade escolar composta por alunos, pais, responsáveis legais e profissionais da educação, a fim de estimular o convívio social de forma saudável e segura (Souza, 2023).

Adversidades sociais, como a violência nas escolas brasileiras, são complexas e interligadas. Elas apresentam causas diversas e fatores interdependentes, tornando sua definição desafiadora. No entanto, buscando analisar esses problemas multifacetados, se faz necessária uma abordagem sistêmica. Nessa perspectiva, optou-se por fundamentar teoricamente a pesquisa a partir do marketing macrossocial, por esse permitir a análise em distintos níveis de envolvimento, como o indivíduo, a sociedade e os governos (Kennedy & Parsons, 2012).

Ressalva-se que contribuição do marketing macrossocial não compreende o abandono de ações individuais e coletivas, mas visa algo além, que se inicia no marketing social pelas políticas públicas, no âmbito dos governos, em suas distintas esferas (Kennedy & Parsons, 2012). Relacionando aos níveis sociais, as pesquisas envolvendo marketing macrossocial estenderam o campo de atuação em modos relevantes para três níveis: micro (*downstream*), grupal (*midstream*) e macro (*upstream*), (Huff *et al.* 2017). Contudo, essa atuação ocorre em um *continuum* por meio de intervenções integradas entre todos eles. Com isso, o nível *downstream* (individual) é influenciado pelo nível *midstream* (escola, sociedade e grupos de interação), que, por sua vez, é influenciado pelo nível *upstream* (governos) (May & Previte, 2016).

O nível *upstream* está relacionado ao domínio estrutural (como normas, economia e governo) e influencia o comportamento dos indivíduos de várias maneiras, incluindo ações educativas e impositivas. A análise do *midstream* se relaciona ao espaço social, como os níveis familiar, comunitário, escolar e demais segmentos que se enquadram em entidades de referência, que conjuntamente com as entidades e ambientes estruturais, são influenciados pelas políticas públicas equivalentes. Por fim, o nível *downstream* analisa as influências sobre o comportamento ao avaliar a personalidade individual, mesmo quando esses comportamentos são impactados por outros níveis (Gordon, 2012).

O marketing macrossocial integra as ações individuais com as políticas governamentais, capazes de promover transformações em nível macroeconômico, circunstâncias nas quais se aspira ampliar a convivência pacífica, sugerindo a aplicabilidade de ações conjuntas nos três níveis (Kennedy & Parsons, 2012, Kennedy,

2016; Nguyen *et al.*, 2014; Huff *et al.*, 2017), mediante o acordo entre as partes interessadas no problema (Huff *et al.*, 2017), proporcionando um contínuo de ações de natureza sistêmica (May & Previte, 2016).

Diante das considerações apresentadas, como centro da pesquisa e indagação, emerge o seguinte questionamento: Como os casos de violência escolar, mais especificamente os de *Bullying* e *Cyberbullying*, são percebidos pelos profissionais da área de educação e pais/responsáveis pelos alunos, a partir da perspectiva do marketing macrossocial?

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Identificar e analisar como os casos de violência escolar, mais especificamente os de *Bullying* e *Cyberbullying*, são percebidos pelos profissionais da área de educação e pais/responsáveis pelos alunos, a partir da perspectiva do marketing macrossocial.

### **1.1.2 Objetivo Específico**

- 1- Compreender as possíveis causas e consequências dos atos de *bullying* e *cyberbullying* provenientes do ambiente escolar, segundo a percepção dos entrevistados.
- 2- Analisar como é percebido o papel dos governos na prevenção dos casos de *bullying* e no ambiente escolar;
- 3- Identificar, segundo a percepção dos profissionais da educação e dos familiares como têm sido conduzidos os casos de *bullying* e *cyberbullying* no ambiente escolar e possíveis estratégias de mitigação.

## **1.2 Justificativa**

Objetivando conhecer o panorama de estudos existentes acerca da temática abordada nesta pesquisa, foi realizado um mapeamento bibliográfico dos trabalhos acadêmicos brasileiros e internacionais vinculados aos Programas de Pós-Graduação que colocam a

problemática da violência no ambiente escolar, relacionando o *bullying* e *cyberbullying* como suas principais causas, sendo os mesmos publicados no período de 2013 a 2023.

O mapeamento bibliográfico foi construído com suporte do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), com base nas seguintes palavras chave: violência escolar, *bullying*, *cyberbullying*, *School violence*, *Bullying behavior*, *Cyberbullying in schools*. O critério de seleção principal recaiu sobre os objetivos e/ou resultados dos estudos que deveriam abordar a preocupação de discutir especificamente a “violência no ambiente escolar - *bullying* e *cyberbullying*”, além de estarem com divulgação liberada.

### Tabela 1

*Levantamento realizado nas bases de dados*

PALAVRAS -CHAVE	IDIOMA	CAPES	SCIELO
Violência Escolar	Português	163	196
Bullying	Português	43	178
Cyberbullying	Português	12	14
Scholl Violence	Inglês	35	2
Bullying Behavior	Inglês	208	17
Cyberbullying in Schools	Inglês	184	0
Violência no ambiente escolar <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i>	Português	30	14

**Fonte:** Elaboração própria

Utilizando as palavras-chaves desta pesquisa, foram encontrados 675 artigos na plataforma Capes, e na Scielo foram localizados 421 artigos publicados em português e inglês. Percebe-se a vastidão de pesquisas sobre o tema, em um escopo mais amplo. Ao associar ao termo o descritor “violência escolar”, o número de artigos é maior e possui uma diversidade de apontamentos. Quando adicionado o termo “*Bullying*”, o resultado em pesquisas estrangeiras se mostra mais robusto. O mesmo acontece quando se associa o descritor *Cyberbullying* à pesquisa, em que as publicações no exterior superam as brasileiras, o que serviu de referência para se trabalhar a nível nacional e internacional.

Com base nos resultados acima elencados, nota-se a grande quantidade de pesquisas sobre o fenômeno do *Bullying* e *Cyberbullying* em artigos internacionais. Depreende-se daí a importância de desenvolver mais estudos a nível nacional que transcendam as barreiras conceituais do *Bullying* e *Cyberbullying* e abarquem também os fenômenos da violência no

ambiente escolar, agregando a teoria do Marketing Macrossocial como ferramenta de intervenção.

Desse modo, uma segunda etapa fez-se necessária: a escolha de quais estudos fariam parte da composição da amostragem e, conseqüentemente, o *corpus* do estudo de todos os artigos relevantes à pesquisa.

Após o processo de localização dos trabalhos, seguiu-se a leitura dos resumos dos mesmos, uma vez que essa ação possibilita uma classificação inicial. Depois, focou-se nos temas explorados, identificando os principais resultados. Cabe ressaltar que os documentos que apresentaram resumos não muito claros em sua compreensão e percepção de nuances importantes para a sistematização necessária, foram explorados em sua integralidade. Feito isso, foram realizadas as análises contidas neste trabalho.

A violência no ambiente escolar é um problema social significativo que afeta não apenas os indivíduos diretamente envolvidos, como também a comunidade escolar e a sociedade como um todo. Compreender suas causas, manifestações e conseqüências é essencial para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

A pesquisa acadêmica está dedicada ao estudo da violência no ambiente, particularmente focada em *bullying* e *cyberbullying*, a fim de fornecer informações detalhadas sobre esses fenômenos, desenvolver estratégias com o aporte do marketing macrossocial que sejam eficazes para combatê-los e criar um ambiente escolar seguro e saudável para todos os estudantes.

Seguiu-se o estudo bibliométrico nas bases Google Acadêmico, SAGE, Periódicos CAPES, AMA, SciELO e SPELL no período de 2013 a 2023, a fim de analisar o que foi produzido a respeito do marketing macrossocial nos últimos 10 anos. Foram encontrados alguns artigos e dissertações que relacionassem o marketing macrossocial à temática de fenômenos multifacetados, semelhantes ao da violência no ambiente escolar. Dentre os estudos coletados, apenas 09 são estudos empíricos que atenderam aos critérios da pesquisa. Para uma melhor visualização de como o marketing macrossocial vem sendo implementado na prática, construiu-se o quadro, que se encontra no Apêndice A, com estudos empíricos publicados, o qual possui o título, autores, ano, objeto e objetivo de cada estudo empírico analisado.

Uma pesquisa aprofundada pode ajudar a sensibilizar e mobilizar diferentes atores sociais para trabalhar em conjunto na resolução desse problema. Ao realizar uma pesquisa acadêmica sobre a violência na escola com aporte do marketing macrossocial, é possível obter *insights* valiosos que contribuam para a compreensão desse fenômeno complexo e

multifacetado, e mais importante ainda, para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

A justificativa desta pesquisa, do ponto de vista acadêmico, é a de enriquecer o conhecimento já produzido, direcionado ao contexto específico de uma instituição pública de ensino, analisando a percepção dos sujeitos frente à violência no ambiente escolar, nos casos de *bullying* e *cyberbullying*, e analisando a ação do governo perante os episódios de violência e as ações de enfrentamento, prevenção e mitigação do fenômeno.

Os resultados da pesquisa acadêmica podem auxiliar a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), na formulação de políticas públicas voltadas para a promoção de ambientes escolares seguros e inclusivos. Isso pode envolver mudanças legislativas, alocação de recursos para programas de prevenção e capacitação de profissionais da educação para lidar com situações de violência. Estudos acadêmicos sobre violência escolar podem aumentar a conscientização sobre o problema e educar a comunidade escolar, incluindo estudantes, pais, professores e gestores, sobre suas causas e formas de abordagem.

Portanto, uma pesquisa acadêmica sobre violência no ambiente escolar é fundamental para abordar esse problema complexo e promover ambientes educacionais seguros e saudáveis para todos os estudantes.

### **1.3 Adequação à linha de pesquisa**

A presente pesquisa está inserida na linha de pesquisa “Estratégia, Inovação e Competitividade” do Programa de Mestrado em Administração do Centro Universitário Unihorizontes. O estudo se apresenta alinhado ao programa por propor análise relacionada à área de marketing e sua relação com a convivência democrática e social, para a promoção do bem-estar social. Nesse contexto, a teoria principal que embasa o estudo compreende o marketing macrossocial, que avalia a tríade (sociedade, governo e indivíduo), como entes que atuam em determinado aspecto social e, portanto, são atores envolvidos na ampliação da segurança e bem-estar no ambiente escolar.

O estudo foi desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Estratégia, Inovação, Marketing e Sociedade (NEIMS), liderado pela Professora Doutora Caissa Veloso e Sousa e está associado ao projeto ‘Ampliação do Bem-Estar Social na Perspectiva do Marketing Macrossocial’, também financiado pelo CNPq na modalidade de bolsa de Produtividade em Pesquisa.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo apresenta-se a revisão de literatura que fundamenta a pesquisa proposta estruturada nas seguintes temáticas: A violência e o Ambiente Escolar, causas e consequências atribuídas ao contexto de violência escolar, *Bullying*, *Cyberbullying* e o Marketing Macrossocial.

### 2.1 A Violência e o Ambiente Escolar

A educação é um ativo social universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades (Enguita, 1989). Por meio da ação educativa, o meio social exerce influência sobre os indivíduos, que se tornam capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora. Essa influência se manifesta por meio de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados, transmitidos e recriados de uma geração a outra (Abromoway & Ruas 2003).

Neves Viera *et al.* (2011) entendem que a escola é um local de inserção social e de prática do direito universal da educação, local onde não deveria se aplicar a discriminação ou preconceito, sendo que esses fatos compreendem problemas educacionais que podem anteceder episódios de tragédias de violência no ambiente. Compreende, portanto, um fenômeno multifacetado e dinâmico, caracterizado pela complexidade das interações sociais no respectivo ambiente (Abromoway & Charlot 2002, Mena *et al.* 2021).

Tais aspectos fazem com que a determinação do conceito, único para o fenômeno, se mostre difícil e, dada essa complexidade, os pesquisadores e profissionais muitas vezes adotam uma abordagem multidimensional, reconhecendo a diversidade de comportamentos e contextos associados à violência no ambiente escolar. É crucial considerar a perspectiva de múltiplas partes interessadas, envolvendo comunidades, educadores, estudantes e pesquisadores, para criar definições que capturem a ampla gama de manifestações da violência escolar (Antunes 2008).

A violência nas escolas não é um fato novo. É uma realidade preocupante e pode ter suas raízes pautadas na violência no ambiente familiar, ou na forma como essa é estruturada. A educação é o estabelecimento de comportamentos vantajosos para o indivíduo e para a convivência em sociedade, portanto, o ambiente escolar se mostra

complexo pois envolve, além das questões de ensino e aprendizagem, as características sociais do indivíduo, além de sofrer influências do núcleo ao qual o aluno está inserido (Colomby *et al.* 2024).

A organização do ambiente escolar pode influenciar a violência nesse contexto, especialmente quando fatores externos também contribuem. A violência é um fenômeno multifacetado, com mudanças significativas em suas causas e consequências. Essas manifestações ocorrem através de atos violentos na convivência social (Santos, 1999; Lanzoni, 2009; Mendoza, 2015; McMahon *et al.*, 2020).

A associação da violência na resolução de conflitos ocorre quando, em vez de recorrer a diálogos construtivos e métodos pacíficos, indivíduos ou grupos optam por ações agressivas ou coercitivas para impor suas vontades. Esse tipo de resposta é geralmente fruto da habilidade de comunicação, empatia e gestão emocional, criando um ciclo de hostilidade e sofrimento, Mena *et.al.* (2021).

Quando os conflitos são resolvidos por meio de violência, a consequência tende a ser um agravamento dos problemas, causando traumas e ressentimentos carregados de um alto grau de agressividade. A utilização da violência como meio de resolução de conflitos inviabiliza intervenções duradouras, uma vez, que não trata as causas do conflito e não promove um entendimento pacífico. Desenvolver a cultura de paz e orientar para a resolução de conflitos de forma amigável são etapas fundamentais para construir um ambiente escolar saudável e colaborativo. Hink *et al.*, (2022).

No momento atual as escolas dispõem de públicos cada vez mais heterogêneos, que carregam consigo uma bagagem histórica, familiar e de vivência com realidades distintas, fato esse observado frente às dificuldades que esses alunos vêm demonstrando em se socializar, consequência de suas realidades como violência, falta de estrutura familiar, fome, entre outras, Veiga *et al.*, (2013).

Charlot (2002) evidencia que a violência ressalta o uso da força e a impetração de poder e superioridade e, desse modo, quanto maior e forte forem os ataques de violência ela se torna mais evidente, podendo refletir ou ser refletida nestes cenários nos quais a sociedade mantém suas relações cotidianas Santos, (2004). Portanto, a violência não se configura uma solução eficaz para resolver problemas, embora possa parecer uma maneira rápida de lidar com conflitos. A violência geralmente gera mais problemas ao invés de solucioná-los, Abramovay, (2018).

Sposito (2002), já no início do século XXI, ressaltou que o fenômeno estava se mostrando recorrente e de ampla abrangência, podendo ser contabilizados relatos de sua

existência em todos os estados e diversos municípios do país. Ainda, conforme o autor, na década de 1990, houve um aumento na publicação de pesquisas sobre agressões contra professores, atos de vandalismo e problemas comportamentais de jovens e adolescentes, observados em instituições de ensino com diferentes normas disciplinares. As ocorrências de violência no ambiente escolar, está relacionada a diversos fatores e reproduzem tipos complexos perante a natureza desse fenômeno. Abramovay (2003), classifica a violência na escola, em três níveis, de acordo com as ocorrências elaboradas e relatadas por Charlot (2002). Distinguir o fenômeno e classificar os tipos de violência no ambiente escolar, esclarece a função dos profissionais da educação e a instituição de ensino na busca por prevenção da violência.

Sendo a violência uma manifestação multifacetada no âmbito social, presente em diversificados locais, suas características são diversificadas no ambiente escolar. Para Abromoway, Cunha e Calaf (2009), essa se destaca e se classifica como sendo, a violência dura, micro violência ou incivilidade e a violência simbólica ou institucional:

- Violência dura: golpes, ferimentos, violência sexual, lesão corporal, furtos, roubos, crimes de ameaça, vandalismo, tráfico de drogas; configurando a ações que se relacionam a crimes de violação previstas em lei, ou seja, descritas nos códigos penais
- Incivildades: entende-se por ser uma ação que não contradiz a lei, não está prevista nos regimentos escolares, porém entram em discordância com as normas da boa convivência (indisciplina, má educação), portanto com ações envolvendo humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- Violência simbólica ou institucional: faz citação à uma maneira de autoridade que se apoia em um aparato simbólico, compreendida como a falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

Priotto (2008), em concordância com Abromoway (2003), discrimina a violência, classificando-a em: violência física, violência verbal e simbólica. A violência física de um indivíduo, ou grupo contra a integridade e mesmo contra a si mesmo, abrange desde os suicídios, espancamentos, roubos, assaltos e homicídios, além das diversas formas de

agressões sexuais. Violência Verbal se traduz pela pressão psicológica utilizando a exposição do indivíduo a momentos pelos quais passa por humilhação, através de palavras grosseiras, desrespeito, intimidação, resultando na prática de *bullying*. Violência Simbólica: usa a linguagem verbal e o assédio moral para impor poder sobre o outro, integrando práticas didáticas que reforçam essa supremacia.

Ao estudar a violência escolar, segundo Silva & Silva (2018), é fundamental considerar os crimes e delitos como furtos, roubos, assaltos, extorsões, tráfico e consumo de drogas, entre outros, conforme a classificação do código penal. É importante também incluir as incivildades, conforme definidas por autores sociais, e o sentimento de insegurança, ou o "sentimento de violência", que resulta desses componentes e de um sentimento mais amplo presente em diversos meios sociais.

Contudo, pesquisas no Brasil realizadas pelo INEP (2019), têm buscado aprimorar o conceito de violência levando em consideração a comunidade, crianças, adolescentes e o ambiente escolar como entidade. Seguindo essa perspectiva, os estudos brasileiros abrangem, além da violência física, a ética, a política e o cuidado de evidenciar as “violências simbólicas”, Abramovay (2003,2012).

Pesquisas realizadas pela Talis (2017-2018) em 48 países da OCDE, relacionadas aos tipos de violência são analisadas e possuem pontos comuns apontados na literatura norte-americana, por exemplo, a ênfase sobre práticas de xenofobia, *bullying* e a formação de gangues. Na Europa, destaca-se a França, onde se estuda a incivildade no ambiente escolar (Becker, Kassouf; 2016).

As pesquisas corroboram o estudo de Charlot (2002), explicando que as incivildades são expressas de modo empírico como:

- delitos contra objetos e propriedades (onde se danifica o interior das escolas, sua estrutura física, mobiliário, ou seja, bem duráveis e não duráveis);
- ameaças físicas (empurrões e escarros) e verbais (ofensas, humilhações e afrontas);
- exposição às formas de violência;
- indiferença pela segurança dos locais de uso coletivo (quadras, banheiro, por exemplo);
- Uso e tráfico de drogas; maneiras de amedrontar e aflorar o medo (por ações de exposição de armas de fogo e armas brancas).

Derbarbieux (1998), pondera que as incivildades, definidas por ele como violência antissociais e fora do contexto escolar, com consequências traumáticas, principalmente quando a motivação ocorre de forma banal, são silenciadas com o propósito de não expor a instituição escolar.

(Silva & Silva 2018), propõe que as incivildades se definem a partir das atitudes que vão de encontro às normas de boa convivência e conduta. Nessa linha, exemplifica como incivildades as desordens, ofensas verbais, ações truculentas, ou seja, de modo global, um conjunto de maneiras de expressar a ausência de respeito com o próximo e em seu ambiente.

Considerando os dados publicados pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas (GT), instituído pela Portaria MEC nº 1.089, de 12 de junho de 2023, os ataques de violência extrema contra as escolas são frequentemente praticados por alunos e ex-alunos, quase sempre como uma reação a ressentimentos, fracassos e violências experienciadas na vida e na comunidade escola. Ainda segundo o GT (2023), o Brasil teve, entre 2002 no momento de conclusão do relatório em outubro de 2023, 36 ataques diretos a escolas, vitimando 37 comunidades escolares, ocasionado um total de 164 vítimas, sendo 49 casos fatais e 115 pessoas feridas. Após 2017 houve um aumento significativo de ataques às escolas no Brasil, com exceção de 2020 devido à pandemia de SARS-CoV-2, a Covid-19, momento em que não havia interação presencial no ambiente.

Mena *et al.* (2021) destaca que a relação entre o educando e educador é fundamental para o processo convivência e ensino, sendo marcada por uma troca contínua de conhecimentos, valores e experiências. Essa relação vai além do ensino de conteúdo acadêmico, envolvendo aspectos emocionais e sociais, que influenciam diretamente o desenvolvimento integral do aluno.

Polanin *et al.*, (2020) salienta que os valores e a convivência proporcionada na escola desempenham papel crucial no desenvolvimento integral dos estudantes, o que torna preocupante o aumento de casos de violência relacionados. A escola deve ser entendida não apenas como um lugar de aprendizado sistemático ou pedagógico, mas também um ambiente onde são cultivados valores sociais, éticos e morais.

Apesar disso, Pereira (2008) observa que, na sociedade brasileira, a escola continua sendo um espaço vital para a expressão emocional de crianças e jovens. Para muitos, frequentar a escola é uma das principais atividades diárias, alinhando-se a valores e ideais que promovem seu desenvolvimento. O objetivo é estar nesse ambiente para

adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades e compreender seus direitos, deveres e a vida em sociedade (Sposito, 2014).

Nesse ambiente, os estudantes, além de adquirir e fomentar conhecimentos e habilidades do currículo escolar, agregam a associação de convivência entre os sujeitos, com os quais criam laços de amizade e mantêm relacionamentos sociais com trocas de experiências e vínculos amorosos, mesmo que essas vivências não sejam relevantes na trajetória escolar (Dayrell, 2002; Sposito, 2014, Mattos, 2015).

Ponderando as ramificações da violência no ambiente escolar, essa se relaciona a diferentes acontecimentos que surgem no cotidiano da rotina escolar, envolvendo professores, alunos, diretores, comunidade escolar, pais e responsáveis, podendo acontecer nas áreas de convivência como pátio e quadra, na portaria da escola e na via pública, especificamente nos arredores da escola, sendo que os alvos mantêm vínculos com a instituição de ensino, se caracterizando como vítimas ou agressores, características que se mantêm nos dias atuais. (Hinduja & Partchin, 2020).

Portanto, o fenômeno possui peculiaridades e pode influenciar as atividades pedagógicas, não ocorrendo apenas no interior da escola, mas perfazendo uma extensão de reprodução das ações de autoridade e submissão de determinados grupos ou classes de indivíduos. Além de episódios contra indivíduos, identificam-se ainda vínculos interligados de violência retratados por atitudes de vandalismo, roubo, furtos, quebração e destruição do patrimônio como: paredes, mobiliário, cabeamento de telefone e internet, fios de energia e materiais de uso pedagógico Katic et al.,(2020).

Deste modo, podem acometer seus integrantes e a estrutura física, podendo levar às defasagens de aprendizagem, à evasão escolar, integração entre o conteúdo lecionado e as expectativas dos alunos, o preconceito (racial, gênero e social), à desvalorização do ser docente, à indisciplina e os abusos de autoridade por parte da equipe docente, além de diversas outras ações e fatos indesejados, como aqueles que não envolvem a força física, e sim ataques de ordem psicossocial, citados por( Abramovay 2003; Sposito2014, Mattos et al., 2023).

## **2.2 Causas e Consequências atribuídas ao contexto de violência escolar**

A violência no contexto escolar é um fenômeno complexo e diversificado, cujas causas estão enraizadas em fatores individuais, familiares, sociais e institucionais. Elencando de forma generalizada, as principais causas estão relacionadas à falta de

controle emocional, dificuldades de comunicação e à ausência de maneiras eficazes na resolução de conflitos. A desigualdade socioeconômica, os diversos tipos de preconceito e discriminação aumentam a vulnerabilidade de determinados grupos, (Lourenço & Senra, 2014).

No que diz respeito às consequências dessa violência, as marcas são profundas, afetando negativamente o desempenho escolar, a saúde mental e o desenvolvimento social dos estudantes. Contudo, compreender essas causas e consequências é de suma importância para a construção e implementação de políticas públicas educacionais que promovam um ambiente seguro e inclusivo para todos, Souza (2023).

Considerada como um local de formação intelectual, a escola tem por objetivo promover o desenvolvimento do indivíduo, nos seus aspectos culturais, sociais e cognitivos. Seu ambiente promove o exercício da boa convivência em sociedade, o respeito aos direitos e deveres constitucionais envolvidos em um local que transmita segurança e proteção. No entanto, a realidade das instituições de ensino pode refletir eventos violentos e que ganham destaque nas mídias pela sua intensidade, conforme destaca (Debarbieux 2002, Tognetta *et al.*, 2017).

Devido ao crescente aumento nos índices de violência em escolas desde o pós-guerra, mesmo em países com alto nível de educação, destacando-se os Estados Unidos, o debate ganhou atenção a partir da década de 1990. Promovido pela Unesco, o Simpósio Internacional sobre Violência Escolar e Bullying debateu sobre o tema, com o objetivo consistente de fornecer um panorama dos dados mais recentes disponíveis sobre a natureza, sua abrangência e impacto, bem como sobre as iniciativas que abordam o problema Unesco, (2017).

Na Europa, o relatório publicado pela Rede Europeia de Prevenção do Crime intitulado “Uma Revisão das Boas Práticas cientificamente avaliadas na prevenção e Redução da Violência e do *Bullying* na Escola nos Estados-Membros da União Europeia” tinha por objetivo centrar nas melhores práticas de combate aos atos violentos. (*World Health Organization Europe*, 2004).

O *World Anti- Bullying Forum* promovido pela UNESCO em 2023, é a edição mais recente que reuniu especialistas profissionais de diversos segmentos para debater a violência escolar, incluindo o *bullying* e o *cyberbullying*. Assim, os encontros internacionais sobre violência no ambiente escolar têm por objetivo debater e propor ações e aplicar soluções para o problema da violência escolar, incentivando a cooperação global e o compartilhamento de boas práticas, Unesco, (2023).

Segundo Viana e Vieira (2002) é importante relacionar e identificar suas causas, a fim de estabelecer medidas para possíveis soluções. Os primeiros diagnósticos baseados em levantamentos parciais apontaram as depredações, furtos e invasões em períodos ociosos como os grandes problemas dos anos 1980 em cidades como São Paulo, Salvador, entre outras (Sarmiento, 1987; Pinto, 1992; Sposito, 1994, 1999).

No decurso da década de 1990, a violência nas escolas emergiu como um fenômeno preocupante, refletindo uma junção de fatores sociais, culturais e psicológicos. As brincadeiras deram lugar ao *bullying*, que em suas formas físicas quanto psicológicas, tornou-se uma preocupação central, gerando atos violentos de agressões físicas e intimidação. A década é ainda marcada pelo aumento dos casos de violência física, com casos extremos, como o massacre de Columbine em 1999, que trouxeram a questão da segurança nos ambientes escolares como pauta no debate público e político, Ferreira (2018).

O uso de substâncias ilícitas (drogas) e o álcool marcou o final da década de 1990 e o decurso do século XXI, onde seu elevado consumo entre adolescentes, intensificou e gerou comportamentos agressivos. Em paralelo, a mídia representava a violência associando-a à uma cultura social exercendo ainda mais influência sobre as percepções dos jovens, normalizando seus comportamentos agressivos. Esses fatores evidenciaram a necessidade de intervenções e políticas voltadas para a prevenção da violência no ambiente escolar, Souza (2023).

A violência incidida e praticada contra crianças e adolescentes no ambiente escolar não pode ser excluída do contexto familiar no qual estes estão inseridos. O primeiro contato social de interação entre pessoas pela qual a criança inicia a socialização principia no núcleo familiar, na escola, nas igrejas, ou seja, nos locais de influência mútua de convívio social. Ocorrências dentro de um contexto de incertezas, contradições, insociabilidade são tidos como elemento natural de qualquer processo de alteração no ambiente escolar Lanzoni, (2009).

Nesse aspecto, conforme Bourdieu (2002), os alunos, tidos como agressores apenas espelham a violência. Não são ensinados a serem agressores, considerando que todo ensinamento abre o precedente da dubiedade, o que não acontece nesses casos. Nessa perspectiva, (Pereira & Zuin, 2019) relatam que pais que possuem atitudes autoritárias e manifestam ações violentas exercem significativas influências no comportamento, desempenho e relacionamento escolar. Essa não é uma constatação recente. Steinberg *et al.* na década de 1990 já destacavam que o ciclo de convivência que

crianças e adolescentes vivem é relevante na análise das práticas de violência destes. Nessa perspectiva, ponderam que a violência é o produto das relações familiares relacionadas à falta de moral e bons costumes, ou ainda a forma arbitrária de castigos. Destacam também a displicência dos pais Katic, (2020).

O núcleo familiar, composto por pais e/ou responsáveis legais, quando adota uma postura negligente, exerce influência negativa no comportamento desses alunos, especialmente porque a família tem a função primordial de ser a base da educação, promotora do comportamento em outros contextos, como nas escolas. Contudo, a partir das necessidades e contextos de algumas famílias, essa responsabilidade tem sido transferida para as escolas, uma aparente mudança de deveres, na qual os pais transferem para a escola o dever de educar esse indivíduo para a convivência em sociedade Pereira, (2019).

Apontadas como causas relevantes da violência escolar, as propagações de espaços violentos, como a participação em brigas no núcleo familiar, a carência paternal, problemas financeiros, desigualdade social, a amplificação da violência pelas mídias (digitais, canais de televisão, games, celulares entre outros), a violência sexual, dentre outros, são responsáveis por comportamentos não desejáveis que são ‘moldados’ nas crianças e adolescentes, ainda em processo de formação para o convívio social (Silva & Nunes, 2004). Nessa perspectiva, fatores como carência afetiva, falta de dignidade e a ausência de bons valores podem contribuir para que esses alunos se tornem pessoas violentas, possivelmente levando à criminalidade (Veiga et al., 2013).

A carência afetiva detectada em crianças pode impactar negativamente sua formação pessoal e moral, ou seja, seu caráter. Segundo Derbarbieux (2002), a agressividade de algumas crianças reflete suas experiências familiares difíceis. Essa agressividade, vivida em um ambiente tumultuado, muitas vezes se manifesta na escola através da intimidação de colegas.

Lopes Neto (2011) identifica que acontecimentos externos, que submetem a criança ou o adolescente à condição de vítima, podem trazer impactos futuros, influenciando o indivíduo a se transformar em um agressor, em uma nova situação, tendo o desejo de imputar no outro a dor e o sofrimento que antes lhe foram causados. É, portanto, um fator negativo no desenvolvimento desse aluno, que de uma situação de vítima, passa a ser agressor.

A violência no ambiente escolar pode ainda acontecer a partir dos preconceitos transmitidos por adultos Salles, (2000), fazendo com que aspectos de discriminações e

infâmias, mesmo que sejam de ordem social, entranhem no meio escolar (Camacho 2001; Salles *et.al.*, 2008).

Portanto, é factível assumir que considerando as diversas formas e motivos variados relacionados às causas de violências no ambiente escolar, pode-se destacar a degradação ou desestrutura familiar. Somado a isso, o fenômeno ainda se relaciona a elementos convidativos que podem permear o ambiente da escola, como a oferta de drogas, o porte de armas, dentre outros Lopes Neto, (2005).

Para Araújo (2002), a escola sofre influências de grupos externos que podem corromper a sua composição interna ou rotina diária, manifestada pelas invasões de forma direta e ameaçadora para solucionar problemas ocorridos fora do ambiente escolar, e também do narcotráfico que se manifesta de forma sutil, por meio dos alunos, com o objetivo de aumentar o seu domínio social e físico, tanto dentro como fora das escolas. As agressões nem sempre são físicas e casos de violência psicológica são mais comuns e menosprezados, pois constantemente são julgados como brincadeira.

A sociedade brasileira, por sua vez, vem-se deparando com o aumento das violências nas escolas, segundo os dados apresentados pelo Grupo de Trabalho (GT) de Especialistas em Violências nas Escolas (2023), sendo relatados diversos episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar, fato que vem despertando as atenções das diversas instâncias governamentais, dos organismos internacionais e da sociedade civil.

Esses episódios reproduzem consequências profundas e multifacetadas, afetando os estudantes diretamente envolvidos e os demais sujeitos no ambiente escolar. Para as vítimas, a violência pode gerar sérios problemas emocionais e psicológicos, como as crises de ansiedade, depressão e baixa autoestima, levando a uma postura de isolamento reproduzindo dificuldades nas interações sociais, Fujiwara *et.al.*, (2017).

A violência no ambiente escolar pode trazer várias consequências negativas para a formação do sujeito, quando este, na condição de agressor, pratica os atos de violência, e para a vítima, aquele que sofre as agressões. Estar envolto em situações de agressividade pode prejudicar a aprendizagem, além de afetar o relacionamento interpessoal dos estudantes, criando um ambiente mais tenso e inseguro para toda a instituição (Nobre *et al.*, 2018).

Além disso, a violência escolar reproduz efeitos nocivos na saúde mental dos alunos, sendo eles tanto vítimas quanto agressores, causando consequências que perduram por muito tempo e necessitam de acompanhamento psicológico, Polanin *et al.*,

(2020). Dentre as diversas consequências dos atos de violência escolar na saúde mental, destaca-se: Depressão, Ansiedade, Síndrome do Estresse Pós Traumático, Problemas de Auto estima, Comportamentos de Risco e Distúrbios Alimentares, Mena et.al. (2021).

Nos agressores, o desenvolvimento de um comportamento violento está frequentemente relacionado a problemas como a impulsividade, dificuldade de controle emocional e barreiras na interação social. Esses sujeitos, na maioria das vezes, possuem dificuldades em gerenciar suas emoções e as situações de conflito o que acaba gerando episódios violentos. Esses jovens tendem a apresentar maior risco de uso de drogas e álcool, perpetuando suas dificuldades em interagir nos contextos sociais, Ristum et.al., (2023).

Nesse sentido, Pereira (2019), ressalta que a violência no ambiente escolar reproduz consequências negativas em toda a comunidade escolar, gerando um clima de medo e insegurança, o que tende a comprometer o desenvolvimento emocional de todos os envolvidos, refletindo em um ambiente inadequado à aprendizagem e à convivência social. Dessa forma, as consequências vão além dos indivíduos diretamente envolvidos, afetando a dinâmica coletiva da escola e a qualidade de vida dos indivíduos.

A escola, enquanto instituição de ensino, também é acometida pelos efeitos da violência, que comprometem o clima escolar, transformando o ambiente de aprendizado em um espaço hostil e de conflitos. Afeta o comprometimento dos professores e a qualidade da educação ofertada. Além do mais, a violência no ambiente escolar pode ocasionar um aumento nos gastos com intervenções disciplinares, apoio psicológico e, em alguns casos, provocar danos físicos ao patrimônio da escola, (Silva & Silva 2018).

As consequências da violência no ambiente escolar ultrapassam as vítimas e os agressores, impactando negativamente a qualidade de vida de toda a comunidade escolar. Os atos de violência comprometem o desenvolvimento da aprendizagem e os aspectos sociais e emocionais de todos os envolvidos. Ela destrói a qualidade do ambiente escolar, minando a segurança, a confiança e as relações entre os profissionais da educação, os alunos e a comunidade escolar, Souza (2023).

### **2.3 Bullying**

O termo *Bullying* provém do inglês, que ao ser traduzido, adequando à língua portuguesa, é entendido como atos verbais relacionados a expor outrem à uma situação vexatória de humilhação, zoação e importunação, sendo considerado por longas décadas

como uma brincadeira natural que ocorria em ambientes diversificados, principalmente na escola. Compreende um tipo de violência, que pode se dar de forma intencional ou repetitiva Fante, (2005).

Olweus (2001), em sua definição para o fenômeno do *bullying*, o descreve como sendo práticas que abrangem agressão intencional e de forma repetitiva a longo prazo, contendo uma disparidade de poder entre o agressor e a vítima. O *bullying* pode ser relacionado de forma direta, abarcando agressões físicas e/ou verbais e, na forma indireta, que implica na exclusão social dos semelhantes, calúnia, difamação, entre outros (Fekkes *et al.*, 2010), ainda que não exista na literatura um consenso para a definição do *bullying*, de acordo com Olweus (2001), Caurcel (2007), Lisboa *et al.* (2009), Freire e Aires (2012), Paul *et al.* (2012) Nashiki (2013), Souza (2023). Sua existência ocorre no ambiente escolar, na perseguição e intimidação de um ou mais alunos contra outro companheiro de escola.

O *bullying* é descrito diante da conduta sistemática e permanente, observada por um tempo superior a seis meses, constatado pela repetição de ações negativas semelhantes a insultos, exposição das vítimas, assédio verbal, atos ofensivos, precarização do ambiente de trabalho (Einarsen *et al.*, 2009).

Autores como Fante (2005), Lopes Neto (2011), Oliveira e Barbosa (2012), Malta *et al.*, (2014) e Mattos *et al.*, (2023), ao tratarem o fenômeno, destacam que suas formas podem abranger violências físicas, sociais e, com o desenvolvimento da internet, o *cyberbullying*. Frequentemente se caracteriza pela intimidação pautada na sua forma intencional e repetitiva, sem motivação evidente, exercida por alguém ou mesmo por um coletivo de pessoas contra um ou mais indivíduos afim de intimidar, ou mesmo agredir, causando dor e aflição em uma relação de disparidade significativa de poder entre os envolvidos.

A interpretação do *bullying* com sua magnitude aponta características relacionadas a comportamentos repetidos e agressivos de um ou mais indivíduos sobre outrem mais fraco. Pode ser executado de forma física ou verbal, tido em sua maioria como uma maneira de brincar. No entanto, o *bullying* se faz presente desde o surgimento das escolas, Gaio (2016).

O conceito se demonstra diferenciado das demais violências, produzindo variações conceituais. Crianças e adolescentes - alvos de práticas do *bullying* - são frequentemente selecionados pelas suas diferenças individuais, ou seja, características

físicas, comportamentais ou emocionais tendem a torná-los mais vulneráveis às ações dos agressores e dificultar a sua aceitação pelo grupo, Lopes Neto (2005), Katic (2020).

Tendo o *bullying* como um tema recente em termos de pesquisas acadêmicas, não se pode depreciar sua existência nas instituições de ensino há muito tempo, até mesmo antes que as primeiras pesquisas demonstrassem sua ocorrência (Olweus, 1995, Freire & Aires, 2012; Polanin, 2020).

Pesquisas relacionadas à conscientização sobre o *bullying* têm sido tema de grande interesse em diversos campos, incluindo Psicologia, Educação, Sociologia e Saúde Pública. Os estudos, a partir de 1970, na Suécia, destaca o interesse em saber as consequências que o *bullying* pode acarretar. Durante as décadas de 1970 e 1980, estudos na Europa começaram a examinar o comportamento agressivo entre crianças e adolescentes, identificando-o como *bullying*, Fante (2005), Silva et al.,(2022).

Olweus (2001) destaca a Noruega, onde se começou a analisar e definir o *bullying* de maneira mais precisa. A década de 1990 se destaca pelo crescimento do interesse global em se pesquisar o fenômeno do *bullying*. Fante (2005), complementa elucidando com estudos concretos sobre três crianças na faixa etária de 10 a 14 anos de idade que cometerem suicídio por motivo de maus tratos, perseguições e intimidação sofridos no ambiente escolar por seus colegas.

Portanto, amplas pesquisas realizadas no mundo em países como Austrália, Coreia, Estados Unidos, França, Holanda, Portugal demonstram a preocupação pela alta frequência de incidentes de violência escolar pela prática de *bullying*, em instituições públicas e privadas, (Camodeca & Goossens, 2005; Martins, 2005; Yang *et al.* 2006; Bond *et al.*, 2007; Carlyle & Steinman, 2007).

Analisando os estudos referentes ao tema, destacando os países Europeus, constata-se que nas escolas do Reino Unido, o *bullying* é também visto com um sério problema, com consequências que trazem muito sofrimento em um acentuado grau em crianças e adolescentes, que se veem impossibilitados de reagir. A prática da intimidação, ao analisar os espectadores, denota também essa incapacidade de intervenção perante a ocorrência, (Blaya & Derbabieux, 2002, Sposito, 2014, Zagorscak et al.,2018). Estudos brasileiros iniciaram registros de pesquisas relacionadas ao *bullying* na década de 1990, com pesquisas relacionadas à realidade dos territórios em estudo. Destacam-se na década de 1980 estudos referentes a danos causados ao patrimônio público associados às relações de convivência e às agressividades presentes (Antunes & Zuin, 2008).

Sposito (2001) aponta que o aumento da violência no ambiente escolar revela tratar-se de um problema social. Freire e Aires (2012), corroboram que essa forma de violência surge através de atos de perseguição e intimidação de um aluno para outro (podendo ocorrer em grupo), com propósito de causar dor e sofrimento, através de ocorrências repetidas. (Mattos *et al.*2023), destaca em seu estudo o fenômeno *bullying* visto como uma violência que afeta o desenvolvimento social dos estudantes.

O bullying, uma forma de violência crescente nas escolas, muitas vezes se manifesta de maneira sutil através de brincadeiras. O fenômeno tem acometido crianças e adolescentes, originando implicações críticas para suas relações em sociedade perdurando por toda vida se não acompanhada, Lopes Neto (2005).

O bullying se caracteriza como uma compilação de ações truculentas, premeditadas, recorrentes que interferem sem nenhum motivo plausível, escolhido por um e/ou grupo de estudantes que se enfrentam, ocasionando sofrimento, dor, abalos psicológicos e tendo como consequência traumas psíquico-psicológicos (Levandoski 2009, Souza 2022).

Atitudes ofensivas, exposição de momentos nos quais, de forma individual ou coletiva, os alunos se ferem, é algo que está presente na rotina escolar sem distinção socioeconômica da escola. Pereira (2008), identifica o *bullying* como um abuso sistemático de poder, fenômeno relacionado a um comportamento agressivo, maldoso, persistente no qual as vítimas têm dificuldades de defesa.

Nessa perspectiva, Fante (2005), evidencia que alunos portadores de deficiência física e de necessidade educacionais especiais estão sujeitos a sofrer grandes ameaças e, por consequência, se tornam vítimas de *bullying*, riscos estes duas a três vezes maiores do que aqueles considerados perfeitos, ou seja, os normais.

O *bullying* tem consequências negativas para todos os envolvidos, quer sejam vítimas, quer sejam agressores e os demais observadores que se veem incapazes de se ajudar e até mesmo procurar ajuda gerando constrangimento, sofrimento e conflitos psicológicos. Os estudos referentes ao *bullying* no ambiente escolar revelam um problema com prevalência elevada, que afeta as relações sociais, o ensino-aprendizagem, resultando na evasão escolar, conturbadas relações interpessoais, comprometimento sócio emocional, psicológico e afetivo que reduz o clima de segurança e proteção sentido nas instituições de ensino, (Salles2009, Katic 2020).

Ao longo desses anos, os estudos sobre *bullying* evoluíram à medida que os pesquisadores buscavam compreender melhor suas causas, efeitos e estratégias eficazes

de prevenção e intervenção. O trabalho contínuo nesta área é fundamental para criar ambientes seguros e saudáveis para crianças e jovens, (Mattos *et al.*, 2023).

O exercício da intimidação é um indicativo de agressividade na vida adulta. É importante considerar que crianças agressivas muitas vezes enfrentam rejeição dos colegas e apresentam características psicológicas de natureza antissocial. Hargreaves (2004), em sua análise com grupos compostos por sujeitos tidos como criminosos incluídos na escola como alunos, identificou que os mesmos exerciam liderança e em paralelo eram ousados e valentes perante os demais alunos.

Nessa perspectiva, esses jovens se destacam no ambiente escolar devido a suas atitudes agressivas, falta de socialização e episódios de violência. Ressalva-se que se verifica, nesses agressores, a relevância de se considerar que as desigualdades sociais, a pobreza e o entorno violento no qual são criados possuem forte influência em personalidades delinquentes (Farrington, 1995; Randall, 1996, Sposito, 2002, Tognetta 2017).

A ocorrência do *bullying* pode se manifestar de duas maneiras: direta ou indireta. Segundo Lopes Neto (2005), o *bullying* direto acontece quando os agressores atacam suas vítimas por meio de atos verbais e não-verbais, utilizando ameaças, apelidos e gestos para constranger a vítima. Já o *bullying* indireto envolve comportamentos como displicência, isolamento, difamação e injúrias, ocorrendo na ausência das vítimas. Nessa perspectiva, predominam comportamentos de maus-tratos ou de intimidação, configurando exercício do *bullying* em sua manifestação de caráter físico e material: psicológico e moral, sexual, verbal e virtual. Silva (2010).

Lima (2013), destaca que a inserção da tecnologia e os avanços da internet na sociedade contemporânea, em especial no ambiente escolar, permite que sua utilização de forma errônea, em especial da internet, particularmente analisando adolescentes e jovens, contribuam para as variadas práticas de *bullying*, destacando seu caráter virtual, conhecido como *cyberbullying*.

Silva & Silva (2018) pondera que os atos de violência não ocorrem de uma única maneira, mas indicam tipos, formas e modos singulares e particulares, em concordância com o ambiente onde elas incidem. As diversificadas maneiras de ocorrência destacam a forma verbal e psicológica/moral com uma incidência maior agregada por agressões físicas/morais. Estudos realizados por (Bandeira & Hutz 2012), apontam que as ocorrências por meios de afrontas e desacatos, tiveram grande crescimento. Vale destacar que nos atos de *bullying* utilizando agressões verbais, o ato de humilhar e zombar da

vítima, para os alunos é um comportamento comum e não uma forma de menosprezar o outro.

Silva (2017), de maneira corrente, discorre que os casos mais graves de *bullying* se iniciam pelas provocações, insultos e ofensas. Regularmente essas agressões são gratuitas e supostamente inocentes e geralmente são diárias entre os alunos que, na maioria das vezes, não as consideram como prejudiciais aos relacionamentos, muito menos como danosas, não as indicando como geradores de situações de violência.

Na prática do *bullying* percebe-se que os incentivos de auto conservação, o medo, as atitudes de insegurança e a falta de afeto podem despertar no agressor a vontade de vingar no outro o que lhe faz falta à vida. Por seu lado, a vítima, ao se apropriar de sentimentos de fraqueza, reproduz o que ameaça o agressor. Portanto, a condição de frieza dos indivíduos reside na falência da individualidade, na dificuldade de identificação e de estabelecimento de laços sociais, e, por conseguinte, dificulta a capacidade de ter compaixão, de amar e de ser generoso. Todavia, não se pode negligenciar que tais disposições devem ser relacionadas com sua base social: “A compaixão permite visualizar o universal a ser estabelecido – o direito de todos à vida sem humilhação –, e serve também para manter essa humilhação, uma vez que se reconhece o sofrimento, não critica o que o gera”, Crochik (2001, Silva, 2010, Souza 2023).

O agressor é alguém que impõe autoridade por meio de ações coercitivas, combinadas à força física e/ou psicológica, demonstrando a necessidade de poder e dominação. Autores como Fante (2005) e Antunes (2008), afirmam que o agressor não carece necessariamente de causa ou motivo aparente para manifestar comportamentos agressivos e, ao se destacar dos demais colegas, também pode vir a ser tomado por eles como modelo a ser seguido. Em acréscimo Crochik (2017), diz, ainda, que os autores do *bullying* em geral são os que têm pouca preferência social, e gozam de alta popularidade.

As vítimas, geralmente, são aquelas com baixo escore na popularidade e na preferência entre pares Crochik,(2017), e podem ser, inclusive, estudantes considerados com bom desempenho escolar. De acordo com (Levandoski & Luiz Cardoso, 2013), o fato é que estes recebem as ações agressivas, sejam elas, diretas ou indiretas, físicas ou psicológicas, sem tê-las motivado e costumam ser a pessoa mais frágil e apresentam alguma característica que difere do padrão estabelecido pela sociedade.

O autor destaca que os sujeitos envolvidos – professores, alunos e pais – possuem dificuldades de distinguir entre *bullying* e mau trato e por isso conjecturam que a presença do fenômeno deva ser maior do que a verificada, Crochik (2012). Bem como evidencia

que o *bullying* difere de outros modos da agressão, porque é repetido sistematicamente nas relações interpessoais, com assimetria de poder entre vítima e agressor, Crochík (2019).

Especificamente sobre o *cyberbullying*, esse envolve a postagem e envio de mensagens eletrônicas, incluindo textos, fotos ou vídeos, com o objetivo de assediar, ameaçar ou atingir outra pessoa por meio de uma variedade de mídias e plataformas sociais, como redes sociais, salas de bate-papo, *blogs*, mensagens instantâneas e mensagens de texto, (Melo 2011, Silva *et al.*, 2022).

O *cyberbullying* pode incluir difamação, postagens contendo informações falsas, mensagens ofensivas, comentários ou fotos constrangedoras, ou a exclusão de alguém das redes sociais ou outro sistema de comunicação. O *cyberbullying* permite que os agressores permaneçam anônimos, podendo atingir a vítima a qualquer hora e em qualquer dia com mensagens e imagens que podem ser rapidamente visualizadas por uma vasta audiência (Ferreira & Deslandes, 2018).

## 2.4 Cyberbullying

Os termos *cyberbullying* e *bullying* precisam ser adaptados ao português. "Cyber" refere-se ao uso de novas tecnologias de comunicação, como e-mail, smartphones e redes sociais, enquanto "bullying" se refere a comportamentos agressivos. Assim, "cyberbullying" significa "bullying cibernético."

O *cyberbullying* surge a partir das redes sociais sendo um tipo de *bullying* praticado em meio digital. Para melhor compreensão do fenômeno, é preciso uma análise de como surgiu este fenômeno, desde o nascimento da Internet até os dias atuais. O *cyberbullying* difere-se do *bullying* pelo fato da agressão não ocorrer necessariamente entre pares, como de aluno para aluno, (Hinduja & Patchin 2020).

O *cyberbullying* representa as manifestações de *bullying* no espaço virtual, utilizando a internet, em específico as redes sociais, os aplicativos de mensagens e outras plataformas *on-line*, com o propósito de intimidar, hostilizar, denegrir e humilhar os estudantes. Possui várias características do *bullying* tradicional, manifestando a intenção de causar dor e desequilíbrio. No *cyberbullying*, a violência é muitas vezes anônima e pode ser disseminada em grande proporção, ampliando os sofrimentos das vítimas, Ferreira, (2022).

Dado ao fato de que esse tema é de interesse para educadores, psicólogos e demais profissionais da educação, bem como para a sociedade e o poder público, é importante pesquisá-lo em profundidade, focando em alguns aspectos que, devido à sua novidade e desconhecimento, o *Cyberbullying* chama especial atenção (Mattos *et al.*, 2023).

Em concordância com o Departamento de Justiça dos EUA, entende-se por *cyberstalking* como "o uso da Internet, *e-mail* ou outros equipamentos de comunicação eletrônica para perseguir outra pessoa", Rocha (2012). Portanto, refere-se à prática de perseguir ou assediar alguém de forma persistente e obsessiva através da internet ou de outras formas de comunicação digital, sendo uma forma de comportamento predatório que pode causar sérios danos à vítima. (Williams & Stelko-Pereira, 2013).

O prelúdio do *cyberbullying* marcou uma nova era de assédio associado ao *bullying*. Com a globalização proporcionando fácil acesso à internet e conseqüentemente o uso das redes sociais, o *bullying* não se limita mais aos ambientes físicos, mas transcende no ambiente virtual. Contudo o *cyberbullying* se refere à utilização de tecnologia, especialmente a internet através das redes sociais, com o propósito de assediar, intimidar, constranger ou ameaçar uma ou até mesmo um grupo de pessoas, sendo então um tipo de assédio que ocorre no ambiente digital (Amado *et al.*, 2009, Mattos *et al.*, 2023).

O *cyberbullying* é o uso de plataformas digitais, como e-mails, mensagens de celular e redes sociais, para promover comportamentos ofensivos contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de insultá-las. Os agressores, por sua vez aplicam o *cyberbullying* encorajados pelo anonimato, pois utilizam apenas apelidos, ou se fazem passar por outras pessoas (Fante & Pedra, 2008, 2011).

De forma abrangente, a perseguição contém ações envolvendo ameaças diretas e indiretas, onde o alvo se torna uma vítima podendo ainda envolver seu núcleo familiar. Idealizado pelo educador e pesquisador Bill Belsey com o objetivo de conceituar o *bullying* virtual, se perfaz através do uso repetitivo das tecnologias com o propósito de insultar, atacar, hostilizar alguém (Melo, 2011). Configura, portanto, uma forma de violência digital que acontece pelas redes sociais e demais mídias de comunicação digitais por intermédio de temas rudes associados à humilhação, causando impactos à saúde mental das vítimas. (Powell *et al.*, 2018).

Segundo, (Lima *et al.*, 2013) “isso ocorre porque no ciberespaço as pessoas, na maioria das vezes, não expõem suas identidades reais”. Para Casado (2011), o

*cyberbullying* possui todas as configurações de intolerância vividas e praticadas no mundo real para o mundo virtual, salvo em sua única exceção, a violência física.

Paull et al., (2012), designam o ciberespaço como o ambiente virtual criado através da internet, com o propósito de manter a comunicação digital e a troca de dados e informações. O conceito abarca tanto a infraestrutura física dos dispositivos e redes, quanto aos *softwares* e dados de tráfego. Configura-se em um mundo digital paralelo que replica e expande muitas ações do mundo físico.

O ciberespaço se caracteriza através de sua interatividade, que permite a comunicação em tempo real entre os usuários de forma globalizada. Sua virtualidade proporciona ambientes digitais que podem replicar ou expandir o mundo físico, Lima et al., (2012). A conectividade é o alicerce do ciberespaço, proporcionada pelas interligações das redes de computadores interligadas, embora o *hardware* seja físico, a imaterialidade das interações e dados no ambiente virtual não possuem presença física, Tognetta, (2017).

O ambiente digital se distingue por eliminar fronteiras geográficas, promovendo a globalização de acesso à informação, oferecendo possibilidades de anonimato, que tendem a ofertar benefícios e ao mesmo tempo riscos. Sua funcionalidade é em tempo real, mas também pode armazenar dados e interações para futuros acessos, demonstrando sua temporalidade, características que configuram o ciberespaço como um campo vasto e dinâmico para atividades diversificadas, McMahon *et al.*, (2020).

O *cyberbullying*, através do ciberespaço, pode se destacar como uma forma de agressão intencional com atos repetitivos prescritos através de meios eletrônicos digitais. Com a evolução da tecnologia que conta com aparelhos interligados a internet, se configura uma ferramenta permissiva de comunicação, onde nesse mundo virtual uma pessoa em uma figura de agressor tem a possibilidade de, através de mensagens, produzir conteúdo ofensivo, intimidatório e de desonra ao fazer suas vítimas. (Hinduja & Patchin , 2020).

A internet possui uma força transformadora, e, através do avanço tecnológico, vem expandido conhecimento em diversas áreas, sendo este seu ponto mais positivo. Em contrapartida, a ferramenta é utilizada também de forma negativa, que se configura como uma arma de cunho criminoso no ambiente virtual, onde o *cyberbullying* se revela como uma forma de violência da era digital e, em sua crescente diversificação, tem configurado uma preocupação crescente, pelas consequências que as agressões se reproduzem principalmente na vida de crianças e adolescentes. Andrade (2012, Souza 2022).

No *Cyberbullying*, as agressões são fatores determinantes provocando a exclusão social da vítima, através de mensagens provocativas, rumores, xingamentos e o uso de imagens que complementam essa violência, que ocorre de modo indireto e na maioria dos casos de forma anônima. Essa é uma forma de intimidação com semelhança ao *bullying*, porém mais abrangente, uma vez que a internet (meio pelo qual as agressões são realizadas) pode ser acessada por inúmeras pessoas, de diferentes localidades, culturas e níveis socioeconômicos, gerando maior impacto na forma de ocorrência, (Perrem *et al.*, 2010, Ferreira, 2022).

Um fator crucial no aumento do *cyberbullying* é o crescimento rápido do acesso à internet e às novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) principalmente por crianças e adolescentes. Uma estimativa recente sugere que um terço dos usuários da internet em todo mundo têm menos de 18 anos, onde essa faixa etária tem estado *on-line* cada vez mais cedo e em maior número e a idade média para o início do uso da internet tem diminuído, UNESCO (2019).

Seguindo o mesmo relatório apresentado pela UNESCO (2019), embora a maior parte dos dados disponíveis sobre a prevalência do *cyberbullying* seja proveniente de pesquisas conduzidas em diversos países com destaque para os Estados Unidos, o uso da internet tem crescido no mundo todo. Daí a importância de outros países serem proativos no monitoramento do problema e adotarem medidas para prevenir e combater essa forma específica de *bullying*, Gaio, (2016).

Estudos disponíveis na CAPES nos últimos dez anos sobre o *cyberbullying* abordam o tema tanto como um fenômeno da era tecnológica quanto como uma continuidade do *bullying* presencial. No entanto, na literatura alguns estudos promovidos pela UNICEF e ONU (2019), consideram o *cyberbullying* uma extensão do *bullying*, compreendido como assédio digital, agressão *on-line* ou ainda um fenômeno recente da era digital (Ferreira & Deslandes, 2018, Mena, 2021).

No entanto, mesmo representando uma variação do *bullying*, o *cyberbullying* tem características próprias, exemplo do anonimato e do alcance imenso do objeto de humilhação. Ele é detectado principalmente entre adolescentes e jovens adultos que cursam o Ensino Médio e as Universidades, porém as crianças são potenciais alvos desse tipo violência. Especificamente quando a violência se expressa no mundo virtual denomina-se de assédio ou abuso digital (Powell *et al.*, 2018).

Campbell (2007), corrobora que o *cyberbullying* se agrava mais intensamente por não conter limites geográficos, sendo envolto na persuasão e no poder da palavra escrita.

Nesse sentido, tem seu campo de ação ampliado, embreando no interior das residências. Considera-se, ainda, o agravante de sua permanência, já que é praticamente impossível sua total eliminação do ambiente virtual. A violência digital impacta a saúde mental e as relações sociais das vítimas, independentemente de gênero, orientação sexual ou classe social. Este é um problema de saúde pública (Ferreira, 2018; Silva et al., 2022).

O *cyberbullying* pode ter sérias consequências para a saúde mental e emocional da pessoa afetada, incluindo estresse, ansiedade, depressão e até mesmo suicídio em casos extremos. É importante reconhecer os sinais de *cyberbullying* e tomar medidas para prevenir e responder a esse tipo de comportamento, tanto a nível individual quanto coletivo. Isso inclui promover uma cultura de respeito e empatia *on-line*, educar sobre o uso responsável da tecnologia e implementar políticas de segurança *on-line* em escolas, locais de trabalho e comunidades, Souza (2022).

Quanto ao *cyberbullying*, Zagorscak *et al.*, (2018), estabelecem que ainda há certa escassez de programas que focalizem as consequências negativas, prevenção da violência, riscos e fatores de proteção diante de um ataque virtual. Salimi *et al.*, (2019), propõem que, apesar da ampliação dos estudos na área, ainda há dificuldades em determinar quais componentes das intervenções são mais eficazes. Embora a literatura apresente diferentes tipos de intervenção, poucas têm obtido resultados significativos na redução ou prevenção do *bullying* (Silva *et al.*, 2022).

## 2.5 Marketing Macrossocial

O marketing na década de 1960, passou por transformações expressivas. Inicialmente o objetivo estava relacionado à produção e venda dos produtos fabricados, porém, durante a década de 1960, ocorreu uma mudança gradual em direção a uma ótica mais focada no consumidor. Contudo o marketing vem apresentando mudanças significativas ao longo de sua história, o que no início era empregado com propagandas que motivavam persuadir o público de todas as formas, foi transformado de maneira gradativa em estratégias de marketing, mais encantadora para os consumidores Rez (2016).

Para tanto, as mudanças sociais da época influenciaram esforços na área, direcionando-os para interesses que superaram as ações comerciais, focando também no enquadramento social (Andreassem, 2003). Essas mudanças ficaram evidentes com a publicação do artigo "Social Marketing: *A New Approach to Planned Social Change*",

(Kotler & Zaltman, 1971), que destacou o marketing social além do mercado, voltando-se especificamente para as ideologias sociais (Andreassem, 2003). Dentre as mudanças apresentadas pelo marketing, na década de 1970 foi o marco do Marketing Social, quando os autores Philip Kotler e Gerald Zaltman, ao analisar os objetivos do Marketing tradicional, relacionados à venda de produtos poderiam também ser utilizados para as causas sociais, transmissões de ideias, condutas e atitudes comportamentais.

Kotler & Zaltman (1971), caracterizam o marketing social através da criação, execução e inspeção de projetos direcionados a influenciar a predileção de conteúdos sociais, envoltos por planejamentos, tributação, comunicação e seriação de mercadorias e pesquisa de mercado. Sustentam ainda que as técnicas de marketing propiciam variações comportamentais e teóricas do marketing social, além de versar sobre a influência e induzimento na liderança social como meio para conseguir consumidores que conduza à mudança de comportamento temporário ou permanente, Dann (2010).

Kotler e Roberto (1992) correlacionam o marketing social ao marketing na dimensão micro, destacando que ele não visa ao lucro. É aplicado por órgãos governamentais para padronizar indivíduos ou grupos. Wilkie e Moore (2003) baseiam-se em estudos que afirmam que as técnicas de marketing social seriam desenvolvidas por um coletivo sem fins lucrativos e agências governamentais, que abordam problemas sociais de forma eficaz através de intervenção estratégica.

O marketing social tem por base a conduta do indivíduo, por ser ele o ator principal de todas as campanhas, Andreasen (2006). Todavia, em ocasiões consideradas como críticas ou de risco a influência de outros atores, o torna mais eficiente. Ainda que as ações elaboradas no processo de marketing social sejam propensas para o comportamento individual, o produto esperado vai além, sendo preponderante o envolvimento de um grupo de aliados, Wymer (2010).

Segundo Machado Neto (2010), em um período em que a atenção da sociedade civil se volta para pautas sociais que governos de menor escala negligenciam, é compreensível que se busque ampliar o alcance dessas iniciativas por meio do marketing. Gordon (2012) define o Marketing Social como uma abordagem viável para questões econômicas e sociais, destacando as demandas sociais não consideradas pelo Estado.

Os atuais conceitos relacionados ao marketing social ainda colocam o sujeito com avaliações que seguem um padrão do marketing comercial, podendo ser empregados com o objetivo de adquirir os aspectos do bem social, (Shineider & Bins Luce 2014). Em contraposição à essa análise, (Carvalho & Mazzon 2013) questionam que são primordiais

ao se estabelecer que as influências são sociais e políticas, e têm a tarefa de instigar a diminuição dos obstáculos frente às oportunidades, ao contrário de apenas procurar aperfeiçoar o cenário individual.

Segundo Lazer (1969), o marketing social é uma área do marketing que visa ganhos sociais pelo uso de conhecimento, conceitos e técnicas de marketing. Contudo, o marketing social tem sua finalidade basicamente comunitária, instigando atitudes e comportamentos, com o propósito de emergir em setores da sociedade, que lidam pelo bem do coletivo, nas áreas de educação, saúde, saneamento básico dentre outros. Necessita, no entanto, da participação mútua da sociedade para a promoção social, além de incentivos para a realização de campanhas, Andreassen (2006).

O marketing social tem sua finalidade voltada a temas diversificados associados a problemas que refletem diretamente na sociedade, tais como a importância de o marketing social tendo a finalidade de promover mudanças de comportamento dos cidadãos frente à pandemia de COVID-19, (de Oliveira *et al.*, 2023). Corroborando o estudo que analisa o uso do marketing social, como ferramenta de gestão de saúde coletiva em que a nível de complexidade são sugeridas mudanças na sociedade em relação ao combate do tabagismo, (Barros & Sauerbronn, 2021).

A aplicabilidade das técnicas de marketing social pode ser analisada, por exemplo, no enfoque no bem da sociedade como o Médico sem Fronteiras (organização humanitária internacional que fornece cuidados médicos para pessoas envolvidas em crises humanitárias), e os Doutores da Alegria (organização sem fins lucrativos brasileira, que utiliza a arte do palhaço de circo, para ajudar crianças e adolescentes em hospitais públicos, Damasceno *et al.*, (2020).

O marketing social é usado para promover mudanças sociais e disseminar ideias. No estudo em Portugal da Heineken, identificou-se um problema: pessoas com opiniões diferentes achavam difícil compartilhar momentos devido a tabus. O objetivo era ajudar essas pessoas a se conectarem e dialogarem de forma mais aberta. A campanha "Worlds Apart" convidou pessoas com visões opostas a compartilharem suas diferenças de vivência social, associando a promoção do bem-estar social ao prazer de saborear uma cerveja Heineken (Rodrigues *et al.*, 2023).

Embora o marketing social tenha trazido avanços significativos na mudança social, alguns contextos envolvem problemas mais complexos, conhecidos como problemas perversos. Para esses casos, é necessário atuar em vários níveis: indivíduo, sociedade e governo, em suas diferentes esferas. Assim, para atingir os objetivos sociais

desejados, é essencial que haja uma colaboração nesses três níveis, elevando o esforço a um patamar denominado macrossocial, conforme a literatura de marketing (Andreassen, 2006; Gordon, 2012).

Ao analisar a conjuntura do marketing macrossocial, se faz necessário ponderar o propósito que a teoria tem perante a relação entre as realidades sociais nos pontos micro e macro, com o objetivo de não restringir a abrangência do estudo. Para projetar estratégias de mudança comportamental em nível macrossocial, é essencial compreender as experiências individuais dentro da sociedade, conforme Oliveira (2018).

Segundo Huff *et al.* (2017), as ciências sociais atuais analisam a vivência em sociedade buscando ir além do individualismo e da simples união de experiências micro sistêmicas. A análise sugere que os níveis macrossociais criam padrões de ação e formam estruturas, enquanto os níveis microssociais concebem paradigmas que se materializam nessas configurações, organizando, assim, os eventos menores.

Corcuff (1995) corrobora que as novas sociologias relegam as perspectivas tendenciosas, pois os processos e estruturas sociais estão inerentemente conectados aos métodos micro e macrossociais.

Compreendendo as estruturas sociais, no que se refere o ambiente escolar contemporâneo, sujeitos às transformações tecnológicas e culturais, estando, portanto, inseridas nesse novo cenário educacional e, explicitando os pressupostos teóricos, parte-se para o estudo e análise das ações de marketing macrossocial, em diversos níveis, Rodrigues *et.al.*, (2023).

O marketing macrossocial se caracteriza como ferramenta do marketing social a fim de proporcionar alterações estruturadas e abrangentes. A junção da sociedade com o marketing atenta aos problemas de forma generalizada, tendo como ponto de partida os problemas mais graves e severos, Kennedy, (2017). Ao argumentar expressões teóricas e aplicadas no contorno do marketing macrossocial, é preponderante um prognóstico conceitual entre os cenários nos níveis macro e micro, a fim de não comprometer a abrangência da pesquisa.

Deste modo, neste estudo adota-se como pressuposto teórico as perspectivas das novas sociologias, entendendo que a mudança comportamental perpassa pelo nível micro e macrossocial concomitantemente, dada a multifatorialidade e complexidade das relações nas teias sociais. Com isso, considera-se importante olhar para o marketing macrossocial nos variados níveis que se expressam.

Compreendendo que as estruturas administrativas educacionais, no que se refere ao sistema de ensino atual, estão a todo momento submetidas às transformações tecnológicas e culturais que a modernidade oferece, elas permanecem incorporadas às pesquisas e diagnósticos das ações do marketing macrossocial nos diversificados níveis, Gordon (2012).

O marketing macrossocial se aplica ao saber social a fim de agenciar mudanças e estabelecer intervenções no núcleo social a partir de problemas diagnosticados pelo grau de severidade, Kennedy (2007). Sendo parte da composição de marketing social, demonstra uma teoria aplicada às instituições de cunho social em que as configurações culturais da sociedade exprimem seus problemas de relacionamento, Mattos et.al (2023).

Wymer (2011) sugere o uso do marketing social na esfera governamental, definindo-o e reconhecendo-o como marketing macrossocial. Considerando as categorias em que são divididas um governo, adotar marketing macrossocial objetivando mudanças e adequações nos âmbitos sociais, nas políticas públicas, arrecadação de impostos, pesquisa torna-se uma estratégia a ser aplicada a longo prazo proporcionando uma mudança social e de comportamento voltada à uma intervenção positiva na estrutura do governo. Rothschild (1999).

(Barbosa & Costa 2014) determinam uma estrutura ética do marketing macrossocial fundamentada na interação entre os indivíduos, para obter uma representatividade nas questões mais importantes, possibilitando a identificação dos acontecimentos que resultam em problemas, causas e efeitos a fim de encontrar uma solução que permita a mitigação à solução do fato.

Considerando a aplicabilidade do marketing macrossocial, sua amplitude temática é diversificada. Dentre essas aplicabilidades, o estudo do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ONU) para 2030 objetiva reduzir as doenças não transmissíveis e promover o bem-estar, abordando o grave problema da obesidade, abrangendo ações para abordar a obesidade em cidades brasileiras, conduzindo o analisando o marketing macrossocial associado ao modelo de planejamento total (TPP). A intervenção foi bem sucedida na realização de mudanças sistêmicas, visando públicos multiníveis, Bastos *et.al.*, (2022).

Os estudos publicados sobre o marketing macrossocial com diversificados benefícios são encontrados em temas variados, nos estudos mais contemporâneos. Neste cenário, destaca-se Silva (2023) com a problemática do abandono animal que ocasiona prejuízos imensuráveis ao âmbito social, de saúde pública, ecológica e econômica, além

de promover o bem-estar animal. O estudo objetivou identificar as interações e os atores envolvidos na perspectiva do marketing macrossocial.

Nesse conjunto de circunstâncias surge a questão acerca do marketing macrossocial, que conceitua o domínio social, apontando três níveis de influência, sendo eles: *downstream*, *midstream* e *upstream*, requisitando um trabalho em conjunto dos interessados, com o propósito de exercer juntos atividades que, possam ter em cada nível a oferta de uma diversificada forma de intervenções, Gordon (2012).

Ainda seguindo essa perspectiva, o autor Andreasen (2005) recomendou também a aplicação do marketing macrossocial em três níveis, que colaboram com a perspectiva de mudança de comportamento, sendo caracterizados em Marketing social como *upstream*, *downstream* e *midstream*, tendo como preponderante sua aplicabilidade em grupos sociais.

É essencial que as análises sejam feitas simultaneamente nos três níveis relacionados aos diferentes modos de estabelecer relações humanas. É importante entender esses níveis dentro das compreensões epistemológicas para evitar a simplificação teórica e promover atitudes colaborativas no meio acadêmico, garantindo a veracidade dos fenômenos (Huff *et al.*, 1987; Elias, 1992; Gordon, 2012).

O marketing macrossocial de nível (montante) configura-se uma influência mais intensa, abrangendo *stakeholders*, políticos, entidades institucionais, dentre outros, tendo o propósito de direcionar mudanças de comportamentos alinhando as políticas públicas à realidade social. Hastings, (2007).

Kennedy (2021) caracteriza o nível *downstream* (jusante), ao individualismo, por se tratar de prática de uma estratégia centrada em colaborar com o público-alvo a confrontar-se e aperfeiçoar sua competência em lidar com a possibilidade de ameaças ao seu bem-estar e da comunidade na qual está inserido.

O nível *midstream* (meia corrente) abarca a implementação de uma estratégia direcionada a contribuir com as pessoas, a fim de enfrentar e aprimorar a sua habilidade de lidar com as precárias condições sociais e as ameaças contíguas ao seu bem-estar e de seus familiares, Kennedy (2021).

Bastos *et al.*, (2022) relatam que este nível está contido em um ambiente macro e dinâmico que acomete a rotina de mudanças na estrutura e convivência dos indivíduos, principalmente em ambientes com diferentes modos culturais. Ao compreender o sistema no qual o indivíduo está inserido, o rastreamento das características e comportamentos concebe uma visão abrangente que permite afeiçoar-se ao escopo da intervenção, com

propósito de envolver as partes envolvidas e suas instituições para selecionar métodos e maneiras de avaliação e interpretação das ações finais.

Portanto o Marketing Macrossocial pode ser uma ferramenta eficaz na prevenção do *Bullying* e *Cyberbullying* ao promover mudanças sociais amplas e duradoras por meio de campanhas educativas, políticas públicas e ações comunitárias envolvendo a tríade (escola, governo e sociedade), Rodrigues *et.al.*; (2023).

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse capítulo apresenta-se o percurso metodológico utilizado para a realização desta pesquisa. Assim, são descritos o tipo de pesquisa, o tipo de abordagem, o método de pesquisa, o sujeito, o método de coleta de dados e a técnica de análise de dados.

#### 3.1 Tipo e abordagem de pesquisa

A pesquisa se caracteriza como pesquisa descritiva, que segundo (Godoi, 2006; Gil, 2007) observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando descobrir como ocorre e a frequência de sua relação e conexão com outros e suas características. Busca-se o conhecimento em diversas esferas que ocorrem na vida social, política e econômica e demais aspectos do comportamento humano, sendo assim bem aplicada em pesquisas nas ciências humanas e sociais.

Nesse aspecto, utilizar o tipo de pesquisa sendo ela descritiva, se torna preponderante, uma vez que se pretende descrever o fenômeno da violência no ambiente escolar, a partir dos atores nele envolvidos e ao mesmo tempo não havendo nenhum tipo de interação com esses atores. Partindo de uma realidade vivenciada no ambiente escolar, sua complexa relação dinâmica entre os atores que convivem diariamente na escola, instigou o campo de pesquisa tão abstruso como o da violência no ambiente escolar, uma vez que visa descrever a violência e os autores envolvidos Gil (2017).

Objetivando compreender o fenômeno da violência no ambiente escolar, através do *bullying* e *cyberbullying*, a teoria do marketing macrossocial pode auxiliar na busca por ambiente mais seguro. Para tanto esta pesquisa apoiou-se na abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, para Merriam (1998), envolve a obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos ambientes, assim como a complexidade de um determinado fenômeno, a fim de decodificar e traduzir o sentido dos fatos e acontecimentos.

Bogdan e Biklen (2010) corroboram o conceito de pesquisa qualitativa envolvendo cinco características fundamentais que caracterizam este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutivo.

Para Luchesi (2012), a pesquisa qualitativa é eminentemente adequada em

contextos que há a pesquisa por dados relativos à compreensão dos fenômenos relacionados ao comportamento, crenças, opiniões e emoções perante a própria perspectiva do participante do estudo, além de proporcionar a explanação do ponto de vista e o sentido que as pessoas dão à concepção de um entendimento e interpretação de comportamentos, crenças e ações.

O modelo descritivo de pesquisa com abordagem qualitativa adota procedimentos específicos para a coleta de dados, o uso de entrevista e observação em geral, priorizando como recursos, o uso de questionários, formulários, entrevistas e entre outros. São características da pesquisa qualitativa sua grande flexibilidade e adaptabilidade, com o afastamento da utilização de instrumentos e procedimentos padronizados, sendo que a pesquisa qualitativa considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos próprios e dinâmicos (Günther, 2006).

### **3.2 Método de Pesquisa**

A pesquisa é um estudo de caso de cunho qualitativo, conforme relatam Lüdke e André (1986), sendo o estudo de uma delimitação e tema específico. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é uma investigação empírica entre o fenômeno atual e o contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

O estudo de caso, segundo Gil (2017), é caracterizado pelo estudo profundo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa dificultada mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

O estudo de caso, como procedimento técnico, possibilita maior integração entre coleta e análise de dados, de modo que é assegurada a observação do comportamento no seu contexto natural, criando experimentos que utilizem o sujeito como seu próprio controle, tendo em vista a condução de entrevistas, aplicação de questionários ou administração de testes Gunther (2006).

O caso estudado é uma escola pública da rede estadual de ensino do Estado de Minas Gerais, localizada no município de São Joaquim de Bicas, área de maior concentração populacional da cidade. A escola atende cerca de 963 alunos matriculados no Novo Ensino Médio, com um total de 32 turmas subdivididas nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), oriundos da região central do município, bem como de bairros vizinhos e distantes.

A escolha dessa escola em específico se fez devido ao fato de ser uma escola central, atendendo bairros vizinhos e distantes, e com isto agrega estudantes de diferentes perfis socioeconômicos. Com isso, a problemática da violência escolar é reconhecida pelos profissionais da educação, os pais e responsáveis, a segurança pública do município, por haver ocorrências envolvendo diversificados episódios de violência dentro e no entorno da escola.

### **3.3 Unidade de análise e sujeito de pesquisa**

Collis e Hussey (2005), consideram que a unidade de análise abarca os fatores que agregam e analisam os dados referentes ao fenômeno estudado a cerca do problema de pesquisa. Portanto, compreende os fenômenos coletados e analisados neste estudo: as ações de violência no ambiente escola, o *bullying* e *cyberbullying*.

Reconhecemos que , para melhor interpretação do fenômeno/problema da violência no ambiente escolar, é preponderante um diálogo prévio com os sujeitos pesquisados. Assim a observação *in loco* se iniciou em fevereiro de 2023, a fim de determinar o local de estudo e os sujeitos de pesquisa.

A violência no ambiente escolar se configura como a unidade de análise do estudo. Como sujeito de pesquisa serão entrevistados professores ( do ensino médio de todas as áreas do conhecimento), especialistas e o diretor escolar, os pais/responsáveis legais . Os participantes foram selecionados com base no critério de acessibilidade, que Sanches (1993) corrobora, definindo a seleção de elementos disponíveis e em reais condições de fornecer informações preponderantes para a análise da pesquisa, portanto analisando como esses sujeitos interagem no contexto da violência no ambiente escolar relacionando suas percepções, causas e consequências.

### **3.4 Técnica de coleta de dados**

Para coleta de dados optou-se por utilizar a técnica de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas semiestruturadas são instrumentos na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa. Faz-se necessário entender a entrevista como um instrumento utilizado frequentemente no campo das pesquisas científicas. A forma como será a abordagem adotada pelo entrevistador caracteriza a entrevista como semiestruturada. (Lüdke & André, 2004).

Neste formato, a pesquisadora usou um roteiro para a entrevista, sendo flexível abandonar o roteiro para que o entrevistado possa discorrer subjetivamente sobre a questão colocada, constituindo-se de um compilado de perguntas que permite que o entrevistado tenha maiores possibilidades de relatar sobre a temática abordada, sem se prender à uma observação formulada, Minayo (2009).

Portanto o método adotado é composto por perguntas gerais e/ou tópicos, onde o entrevistador segue o roteiro com o foco na centralidade da pesquisa, mantendo a conduta do saber ouvir para realizar novos questionamentos, sem influenciar o discurso do respondente, aprofundando o relato do participante e destacando atenção perante os detalhes relevantes da pesquisa, Triviños (1987).

O grande objetivo na escrita é possibilitar a reflexão acerca da aplicabilidade da entrevista semiestruturada como instrumento na produção de dados em pesquisa acadêmica. As potencialidades e fragilidades no uso desse instrumento pragmático de pesquisa tem como fruto a produção de dados na iniciação científica. A montagem das perguntas para a formatação da entrevista desenvolveu-se com base nos artigos selecionados e a partir de atividades realizadas na pesquisa científica, buscando contribuir para novas compreensões e diferentes perspectivas (Santos *et al.*, 2021).

A entrevista semiestruturada como um instrumento na pesquisa científica conduz ao objetivo de trazer maior compreensão, reflexão e facilitação na aplicabilidade, bem como a possibilidade de flexibilização da entrevista de acordo com a necessidade do entrevistador. O mesmo se torna protagonista e mediador para o entrevistado, fazendo com que este produza novos entendimentos acerca do tema abordado na entrevista (Santos *et al.*, 2021).

A produção destas novas compreensões auxilia, também, a análise do pesquisador dos dados coletados. Os dados obtidos em uma entrevista semiestruturada podem, na maioria das vezes, se apresentarem muito subjetivos aos sujeitos entrevistados, cabendo ao pesquisador analisar estes como dados admissíveis à pesquisa. O pesquisador tem um papel fundamental de reconhecer sua posição como entrevistador para realizar a entrevista, flexibilizar a mesma, sem a comprometer, e analisar os dados com cautela (Santos *et al.*, 2021).

Todos os critérios metodológicos e técnicos foram apresentados e orientados nas duas reuniões pedagógicas realizadas pela escola. A coleta de dados foi realizada após a aprovação do projeto de pesquisa, pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Unihorizontes e acompanhado do termo de anuência ( nº 96703730), da

Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerias, em pesquisa acadêmica aprovado pela Assessoria de Ensino Superior – Dire B.

Na presente pesquisa, foram convidados de forma espontânea e aleatória professores e supervisores pedagógicos, o diretor da unidade escolar e os pais e responsáveis, sendo o convite feito de forma escrita. O primeiro contato com os sujeitos de pesquisa foi realizado por meio de uma abordagem pessoal quando foram fornecidas e esclarecidas informações sobre este estudo e apresentado uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (Apêndice B), para a leitura minuciosa do mesmo. Após a aceitação desses sujeitos em participar da pesquisa a entrevista semiestruturada seguiu o roteiro composto por questões norteadoras (Apêndice C).

Sendo assim, a entrevista semiestruturada foi realizada na referida Escola Estadual, da regional Metropolitana B selecionada para o estudo, pertencente à rede estadual de ensino de Minas Gerais para o segmento dos profissionais da educação (composto por especialista, vice-diretor, e diretor escolar e professores). Foram realizadas 15 entrevistas e no segmento comunidade escolar (composto de pais e responsáveis), foram entrevistados 10 participantes deste segmento.

Nessa pesquisa, a escolha foi manter os temas de discussão e alternando as entrevistas em conformidade com a escala de trabalho, no caso dos pais e responsáveis, e a matrícula e frequência dos filhos no turno de estudo, o que proporciona diferentes pontos de vista do mesmo contexto da pesquisa.

### **3.5 Estratégia de análise de dados**

Ao final da etapa de entrevistas semiestruturadas, as transcrições das entrevistas foram realizadas manualmente, garantindo uma representação fiel das respostas dos entrevistados. Durante o processo, cada detalhe das falas foi criteriosamente registrado, respeitando as pausas, entonações e ênfases colocadas pelos participantes. Essa técnica minuciosa permitiu maior precisão na transcrição dos conteúdos abordados, além de facilitar a análise qualitativa dos dados coletados, o que proporcionou uma visão mais autêntica das percepções e vivências relatadas.

As descrições obtidas durante as entrevistas nos encontros presenciais, constituíram elementos para a análise e interpretação dos resultados por meio da análise de conteúdo Bardin (2010).

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, na própria unidade escolar selecionada para o estudo. As perguntas constantes no roteiro foram elaboradas a fim de se obter de forma aprofundada e explícita as respostas dos profissionais entrevistados (Yin, 2015). O período da coleta de dados ocorreu no mês de setembro de 2024 e as entrevistas tiveram uma duração em torno de 50 minutos cada, conforme o previsto. As entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia dos entrevistados e suas identidades mantidas em sigilo. Tal procedimento, além de facilitar a transcrição dos dados, traz maior fidedignidade aos relatos das entrevistadas (Meyer, 2001; Yin, 2015). A gravação das entrevistas foi incorporada a um banco de dados da pesquisa, para acesso futuro, caso necessário, Yin (2015).

Após a conclusão das entrevistas semiestruturadas, essa técnica de coleta de dados é considerada preponderante devido à sua importância na obtenção de informações em estudos de caso. (Voss; Yin, 2015). Usualmente, esse tipo de entrevista semiestruturada transcorre de forma simples, espontânea, natural e não maciça (Yin, 2015).

Assim apoiada em referenciais empíricos, a análise de conteúdo contribuiu para que a descrição e interpretação do conteúdo de pesquisa possa conduzir as respostas, possibilitando a análise da palavra em seu sentido expressivo Luchesi (2012).

Bardin (1979), pondera que a análise de conteúdo é entendida como um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, que procura analisar diversificados aportes de conteúdo, sejam eles verbais ou não verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados. Bardin (2011) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais, sendo: Pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: inferência e interpretação.

Portanto, para a execução da análise dos dados, foi utilizada a revisão da literatura e a metodologia da análise de conteúdo. A Análise de Conteúdo se refere a um conjunto de dados verbais e/ou simbólicos expressos em mensagens verbais, orais, escritas, gestuais, figurativas, documentais ou diretas. Essas mensagens representam um significado e um sentido (Franco, 2008).

A organização dos resultados e da análise temática se deu conforme etapas previamente estabelecidas, de acordo com os pressupostos teóricos da Análise de Conteúdo, que são: a) Pré-análise – leitura flutuante do material coletado; b) Codificação em recortes de sentido – unidades de registro; c) Agrupamento das análises de registro; d) Formação de categorias e subcategorias temáticas; e) Análise e resultado dos registros

Assim sendo, as três etapas recomendadas por Bardin (2011) foram aplicadas ao conjunto de dados coletados, permitindo o desenvolvimento da pesquisa, com a apresentação e a análise de dados na íntegra. A análise de dados foi realizada a partir da leitura das transcrições de cada entrevista realçando as categorias observadas num primeiro momento e estabelecendo ligações teóricas com os autores referenciados. As categorias observadas foram organizadas manualmente com o auxílio do editor de planilhas, *Excel*. Estabelecidas e organizadas as categorias no editor de planilhas, iniciou-se o processo de análise flutuante com a revisão da interpretação referencial, identificando outros dados que ao longo das entrevistas foram mencionados.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os dados coletados e a análise dos resultados obtidos na pesquisa. Para tanto, recorre-se a uma estrutura na qual se optou por primeiro apresentar uma caracterização dos sujeitos de pesquisa e, em seguida, expor os dados e sua relativa interpretação, visando atingir os objetivos previamente propostos.

### 4.1 Caracterização dos entrevistados

Os entrevistados foram divididos em dois grupos: o grupo A, composto por quinze profissionais da educação, (professores, especialistas, vice-diretor e diretor) do Novo Ensino Médio, de ambos os sexos, idade, identificando a formação e tempo de função na instituição e na carreira. O grupo B foi constituído por dez pais e responsáveis dos discentes da instituição pesquisada, todos residentes no referido município de localização da instituição com um quadro socioeconômico heterogêneo, conforme especificado a seguir.

Por conseguinte, no grupo A, foram entrevistados 15 profissionais da educação da Instituição de Ensino pesquisada. Todos lecionam ou ocupam funções administrativas no ensino médio e se encontram em exercício na referida instituição. No quadro a seguir, constam algumas de suas características profissionais e pessoais:

#### Figura 1

*Perfil sociodemográfico dos entrevistados, profissionais da educação (PE)*

Cód.	Sexo	Idade	Estado Civil	Formação	Função	Tempo de Função na instituição
E 1	F	46anos	casada	especialização	PEB- Matemática	12 anos
E 2	F	44 anos	divorciada	especialização	Especialista	10 anos
E 3	F	41 anos	casada	especialização	PEB- Português	7 anos
E 4	F	45 anos	casada	especialização	PEB- História	9 anos
E 5	M	39 anos	casado	especialização	Diretor	2 anos
E 6	F	46 anos	casada	especialização	PEB- Geografia	10 anos
E 7	M	29 anos	solteiro	especialização	PEB- Biologia	3 anos
E 8	F	50 anos	casada	especialização	PEB- Química	9 anos
E 9	F	43 anos	casada	graduação	PEB- Eletivas	8 anos
E 10	M	44 anos	solteiro	especialização	PEB- Matemática	12 anos

Cód.	Sexo	Idade	Estado Civil	Formação	Função	Tempo de Função na instituição
E 11	M	46 anos	solteiro	especialização	Vice-Diretor	10 anos
E 12	F	43 anos	casada	especialização	PEB- Sociologia	9 anos
E 13	F	42 anos	casada	especialização	PEB- Filosofia	7 anos
E 14	F	41 anos	casada	especialização	Especialista	8 anos
E 15	F	42 anos	União estável	especialização	PEB- Física	9 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Analisando o quadro acima, percebe-se que se trata de um grupo heterogêneo em relação às características de gênero, faixa etária, estado civil, formação e tempo de função na instituição, o que pode viabilizar, neste estudo, a oportunidade de vislumbrar, de forma mais abrangente, a percepção desses profissionais da violência no ambiente escolar, em especial, os casos de *bullying* e *cyberbullying* na perspectiva do Marketing Macrossocial. Apesar dessa heterogeneidade, o grupo tem predominâncias importantes a serem ressaltadas, sendo, em sua maioria, composto por: pessoas do sexo feminino e casadas, com média de idade de 43 anos, no mínimo especialistas em suas áreas de formação e com tempo na instituição de ensino em média entre 8 a 12 anos.

Destes 15 profissionais da educação entrevistados, 11 são professores das diversas áreas do conhecimento, e os 4 demais compõem os cargos de gestão escolar. Do total de entrevistados todos são servidores públicos efetivos por força de lei, fazem jus à estabilidade, cujo condão é garantir o bom funcionamento do Estado, evitando que haja intervenções dissonantes do interesse público (Mariano & Souza, 2020). Os servidores estáveis não podem ser demitidos de forma arbitrária, portanto, gozam de certa proteção, o que, por um lado, representa a segurança de poder contrariar gestores que estejam agindo à revelia da lei, mas, por outro lado, confere aos indivíduos com tendências agressivas a tranquilidade de agirem segundo suas inclinações pessoais, sem temer a demissão sumária pelas hostilidades eventualmente praticadas.

Outra informação relevante levantada na entrevista, e que não consta no quadro acima, é o fato de que, dos 15 entrevistados, apenas quatro não possuem empregos externos à Instituição de ensino pesquisada. Todos os demais acumulam funções em suas respectivas áreas de formação, em outras empresas ou de forma autônoma, muitos inclusive em atividades distintas da docência.

No grupo B, foram entrevistados 10 pais e responsáveis dos alunos matriculados e frequentes na instituição pesquisada, sendo esses compostos por nove mulheres e um homem de perfil diversificado no quesito socioeconômico.

**Figura 2**

*Perfil sociodemográfico dos entrevistados na categoria Pais e Responsáveis (PR)*

NOME	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	Nº FILHOS	FORMAÇÃO	PROFISSÃO	RENDA
E 1	F	42	casada	3	Ensino Fundamental	Do lar	R\$600,00
E 2	F	36	casada	2	Ensino Médio	Atendente	R\$14500,00
E 3	F	35	Solteira	3	Ensino Médio	comércio	R\$2000,00
E 4	F	35	casada	3	Ensino Médio	comércio	R\$1800,00
E 5	F	38	União estável	1	Graduação	Analista de Dados	R\$3200,00
E 6	M	41	amasiado	4	Ensino Médio	Auxiliar administrativo	R\$1750,00
E 7	F	43	divorciada	3	Ensino Fundamental	Gari	R\$1700,00
E 8	F	44	solteira	2	especialização	Assistente Social	R\$3800,00
E 9	F	44	União estável	2	Ensino Fundamental	Do lar	R\$600,00
E 10	F	38	divorciada	3	Ensino Fundamental	Do Lar	R\$600,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Analisando o quadro 3, observa-se que se trata de um grupo predominantemente composto por mulheres, faixa etária variando de 35 a 45 anos, de estado civil variado, tendo uma média de 3 filhos por mulher, de formação variando do ensino fundamental e médio, se destacando duas entrevistadas com curso superior. No que diz respeito à profissão há prevalência de trabalho no comércio local e na Prefeitura Municipal, algumas têm como fonte de renda o auxílio social (Bolsa família). A renda familiar varia de 1 a 4 salários mínimos, o que pode viabilizar, neste estudo, a oportunidade de vislumbrar, de forma mais abrangente, a percepção desses pais e responsáveis perante a violência no ambiente escolar, nos casos de Bullying e Cyberbullying na perspectiva do Marketing Macrossocial. Apesar da diversidade socioeconômica, o grupo tem predominâncias importantes a serem ressaltadas, sendo, em sua maioria, composto por famílias que vivem em áreas periféricas do município no qual a instituição se localiza.

A análise das respostas obtidas através das entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de analisar a percepção dos entrevistados acerca da violência no ambiente escolar e descrever como eles percebem as ações de *bullying* e *cyberbullying*, está disposta e agrupada nos grupos A (profissionais da educação) e o grupo B (pais e responsáveis).

Foram elencadas três categorias e suas subcategorias temáticas pelos sentidos. Sendo possível identificar as seguintes categorias temáticas: 1- Percepção e Conscientização; 2- Razões, Causas e Consequências e 3-Clima Organizacional. Para resguardar as identidades dos respondentes, foram adotados na transcrição das respostas a sigla (PE) para os profissionais da educação e a sigla (PR) para os pais e responsáveis.

#### **4.2 Percepção e Conscientização**

A análise das respostas manteve o foco nas entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de descrever e analisar a percepção dos profissionais da educação e dos pais ou responsáveis legais em relação às ações da violência no ambiente escolar, especificamente o de *bullying* e *cyberbullying* no contexto social e escolar. Nessa primeira categoria, a percepção e conscientização para compreensão de como esses dois grupos interpretam e reagem a essas formas de violência é fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

A violência é uma conduta que tem por consequência diversificados métodos, incluindo agressões físicas, verbais e psicológicas, e tende a se manifestar em diferentes circunstâncias, como no núcleo familiar, no ambiente social e escolar. No núcleo escolar, os profissionais da educação (PE), percebem a violência e destacam as ações envolvendo *bullying* e *cyberbullying*, tendo por consequência as brigas rotineiras, a exclusão social e demais comportamentos agressivos que afetam negativamente o ambiente de aprendizagem e o bem-estar dos alunos, Lopes Neto (2011).

A violência não afeta apenas a vítima, mas também reflete negativamente o ambiente a sua volta, gerando um clima de medo e insegurança. Além disso, os entrevistados concordam que as consequências de a violência perdurar, ocasionando problemas de saúde mental como ansiedade e depressão, prejudicando o desenvolvimento emocional e social dos indivíduos envolvidos, Abramovay (2003,2012).

No entanto, é fundamental que a sociedade e os governos adotem medidas a fim de prevenir e educar, objetivando combater a violência promovendo um ambiente seguro e acolhedor para todos. A análise das respostas dadas nas entrevistas, tem o objetivo de

descrever e analisar o entendimento dos participantes da pesquisa, acerca da percepção da violência, do *bullying* e *cyberbullying*. As palavras mais citadas por todos entrevistados encontram-se na Figura 3

**Figura 3**

*Categoria 1 - Percepção e Conscientização*

EIXOS	SENTIDOS TEMÁTICOS
PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR	Violência física
	Violência verbal
	Violência psicológica
	Xingamentos
	Problemas familiares
	Preconceito
	Depressão
	Ansiedade
	Tensão Emocional
	Falta de respeito ao outro
	Exclusão social
	Cria problemas nas relações familiares
	Falta de limites por parte da família na educação das crianças e dos adolescentes
	Resistência às regras Agressividade
	Falta de limites no uso das redes sociais como parte da causa da violência na escola

**Fonte:** Elaboração própria.

Diante deste cenário a percepção dos entrevistados sobre violência, de modo geral, é vista como uma forma de agressão ou força física, resultando em danos profundos e duradouros, sendo eles tanto físicos como psicológicos aos envolvidos. No entanto, a percepção sobre a violência no ambiente escolar e as ações que levam aos atos de violência são tidas por influências de diversos fatores como: preconceitos, intolerância, raiva, relações de poder, entre outros, conforme exemplificado nos discursos dos entrevistados.

(PE), A violência na escola surge do nada, os alunos brigam por qualquer coisa, querem demonstrar a todo momento que são superiores uns aos outros. Não respeitam as regras da escola

e isso reflete nos conflitos entre eles, muito das vezes para colocar moral de que são os melhores. Não aceitar a forma como os colegas se comportam já é gatilho para começar uma discussão. (E7)

(PR) A violência na escola vejo pelas brigas entre os alunos, que se agredem e batendo um no outro, gritando e ameaçando pra colocar medo. Eles querem resolver tudo na porrada, quando não gostam de uma coisa, principalmente por serem preconceituosos e terem seus grupinhos e acharem que somente eles estão certos e que todos tem que ser como eles. (E3).

A percepção sobre a violência varia conforme o contexto social, cultural e individual. De maneira geral, os entrevistados relatam que a violência é vista como uma forma de agressão ou força física que resulta em danos físicos ou psicológicos a pessoas, grupos ou propriedades. No entanto, a percepção da gravidade ou da legitimidade de atos violentos pode ser influenciada por diversos fatores. Silva & Silva (2018) apontam que a estrutura do ambiente escolar pode impactar a violência. A interação entre a escola e a violência é complexa, sendo influenciada por diferentes fatores, como o contexto cultural, social e econômico.

Diante desta ambiência os profissionais da educação, por estarem na linha de frente dentro das escolas, têm uma percepção única e muitas vezes profunda sobre a violência no ambiente escolar. Essa percepção é moldada tanto pelas experiências pessoais no cotidiano da escola quanto pela responsabilidade que sentem de lidar com a violência e seus impactos. Os pais e responsáveis têm a percepção de que a violência no ambiente escolar é um fenômeno preocupante, principalmente pela violência física e verbal, apontando que fatores psicológicos e socioeconômicos são causas subjacentes conforme são destacados nos trechos abaixo.

(PE), Vejo que a violência na escola é um fato de convivência dos alunos, que muito das vezes a violência é implícita, camuflada pela forma como inicia as brigas e atritos, até nos percebermos que está acontecendo um ato violento dentro da escola, a confusão já está formada e quem é vítima já está sofrendo a muito tempo. (E6).

(PR) Fico muito preocupada quando meu filho está na escola, porque ele é tímido e tem muita vergonha, não sabe brigar e se defender. Então vejo que as brigas acontecem por causa de terem alunos com mais dinheiro e outros pobres, tem também a questão da cor, da homossexualidade. Meu filho não me conta nada e aí fico mais preocupada ainda, pois se tiver acontecendo alguma coisa vou ser a última a saber. (E7).

Ao perguntar sobre como os profissionais da educação percebem a existência de práticas que estimulem a violência no ambiente escolar, estes profissionais possuem uma visão diversificada sobre as práticas que podem estimular ou inibir a violência no ambiente escolar, sendo que *bullying e cyberbullying* são apontados como as principais práticas de violência, sendo que a desigualdade socioeconômica e a convivência em um ambiente familiar violento também foram apontados como estímulo à violência. No que tange a inibir essas práticas, os profissionais foram enfáticos em apontar que as instituições de ensino precisam ter regras claras e rígidas quanto ao comportamento dos estudantes e ainda contar com equipamentos e funcionários especializados para manter a segurança no período de aulas, conforme exemplificado em trecho abaixo.

(PE) As brincadeiras agressivas, o bullying e cyberbullying são as principais causas de brigas, atritos e discussões na escola. Os alunos que possuem uma condição financeira melhor normalmente são mais agressivos com os mais pobres, e aqueles que vivem a violência em casa, ao chegar na escola se tornam agressores compulsivos, devido à falta de educação que não lhe é oferecido em casa. (E11).

A violência no ambiente escolar pode ser desencadeada por preconceitos transmitidos no ambiente familiar e social. Segundo Salles et al. (2008), os entrevistados relatam a presença de elementos discriminatórios e difamatórios, muitas vezes originados desses ambientes, que se tornam práticas rotineiras nas escolas.

Na percepção dos pais, estes percebem que a prática de violência no ambiente escolar é estimulada por alunos que convivem diretamente com a violência e as diferenças socioeconômicas e é apontada como uma das principais causas de episódios de violência na escola. Para inibir a violência os pais possuem a mesma percepção dos profissionais da educação, declarando que as instituições de ensino precisam ter regras rígidas perante ao comportamento dos alunos no período de aulas, e ressaltam a importância de a escola oferecer um ambiente seguro durante a permanência dos mesmos na instituição conforme descrito no trecho abaixo.

(PR), Eu acho que a escola precisa ser bem dura com os alunos, eles não podem fazer o que querem sem ter punição. Sou a favor da cobrança do uso do uniforme, do horário de entrada na escola, o modo de falar, proibir os palavrões, os alunos que fazem o que querem não tem limite eles acham que podem fazer o que querem e não vai dar em nada. Por isso sou a favor de escola militar, pulso firme que eles têm medo e respeito de tudo. (E14).

Com o propósito de saber se os profissionais da educação já sofreram algum tipo de violência no ambiente escolar e quais foram, os profissionais relataram de uma forma bem diversificada, os diversos atos de violência a que já foram acometidos, alguns relataram que a violência física ocorreu após eles colocarem em prática as regras da escola e dois profissionais enfatizaram que, após reprovarem alunos, os mesmos partiram para agressão. A violência psicológica é a mais citada por todos, uma vez que os alunos utilizam de deboches, xingamentos e usam as tecnologias para desestabilizar e denegrir a imagem dos profissionais da educação.

As violências sofridas por estes profissionais geram hoje um quadro de afastamento do trabalho bem significativo, uma vez que muitos profissionais, após serem expostos à violência no ambiente escolar, manifestam síndrome do pânico, ansiedade, depressão, Síndrome de Burnout, dentre outros, conforme trechos abaixo.

(PE), Estamos a todo momento sendo humilhadas pelos alunos, que fazem piada de tudo, não querem fazer atividades, e acham ruim quando tiram nota abaixo da média. Violência física sofri uma vez, de uma aluna que foi reprovada ao final do ano e não satisfeita partiu para cima de mim, minha sorte que um professor estava perto e segurou a louca da menina, mas o pior é a violência psicológica, os alunos chamam a gente de velha, feia, gorda, chata e por muito das vezes ouço calada com medo de me agredirem novamente (E2).

(PE), Os alunos hoje em dia não recebem educação de casa, e o resultado é chegam na escola, super agressivos, brigando, xingando e querendo partir para agressão com a gente. Já sofri os dois tipos de violência, a física e psicológica, onde um aluno após deixar de fazer as atividades, eu dei uma ocorrência e ele não gostou, ao final da aula, jogou a cadeira em mim. Recentemente, após voltar de um afastamento por motivo de saúde, os alunos começaram a fazer bullying comigo, colocando apelidos por eu estar mancando, zombado da minha condição física. (E15).

A organização do ambiente escolar pode impactar a violência nas instituições de ensino, especialmente quando fatores externos também contribuem para essa dinâmica. A violência escolar é um fenômeno multifacetado, que vem passando por significativas transformações em suas causas e consequências. Ela se manifesta por meio de atos violentos nas interações sociais, como aponta Tognetta (2017).

Considerando o *bullying* e o *cyberbullying* como as principais formas de violência no ambiente escolar, os entrevistados de ambos os grupos foram indagados sobre a percepção que os mesmos possuem perante as manifestações destas ocorrências na

escola. Com relação ao *bullying* e o *cyberbullying*, na visão dos entrevistados, prevalece a concordância de que o ambiente escolar tem ganho crescente destaque, especialmente devido aos episódios graves e muitas vezes catastróficos que afetam crianças e adolescentes de diferentes classes sociais e regiões, Souza (2023).

Esses comportamentos agressivos, que vão desde a intimidação presencial até a violência virtual, geram impactos profundos na saúde mental e no desenvolvimento emocional dos jovens, contribuindo para crises de autoestima, depressão e, em casos extremos, tragédias como suicídios ou atos violentos nas escolas, conforme relatado pelos entrevistados. A expansão das tecnologias e o fácil acesso às redes sociais amplificaram o alcance do *cyberbullying*, tornando a questão ainda mais urgente para pais, educadores e autoridades. (Mattos et al. 2023).

Quando perguntado sobre a percepção dos profissionais da educação perante a definição de *bullying* e *cyberbullying*, de modo geral, os entrevistados possuem a mesma percepção de que o *bullying* é um comportamento repetitivo e intencional de agressão ou humilhação a um aluno ou até mesmo a um grupo, geralmente direcionado a indivíduos tidos como vulneráveis. Por outro lado, compreendem que o *cyberbullying* se caracteriza pela mesma forma de violência, porém utilizando as redes sociais e a internet, com mensagens maldosas, difamando e perseguindo, com o objetivo de causar sofrimento psicológico.

Souza (2023), descreve que o *bullying* não é apenas um comportamento agressivo, mas envolve um desequilíbrio de poder e a repetição de ações na rotina de forma intencional tem o poder de causar sofrimento e danos duradouros. Rocha (2012), relata que o *cyberbullying* é o produto de um comportamento agressivo e de fácil aplicabilidade, se tornando comum no mundo digital, configurando uma nova maneira de assediar, perseguir e denegrir a imagem de um ou mais indivíduos.

Perante a percepção das práticas de *bullying* e *cyberbullying* na escola, os profissionais da educação consideram ser frequentemente praticadas no ambiente escolar, configurando preocupação principalmente pela forma como elas se manifestam através da violência física, verbal e psicológica, conforme exemplificado no trecho abaixo.

(PE) Todos os dias alguém é vítima de bullying ou cyberbullying, até mesmo os dois juntos. Tenho visto na escola, falas cada vez mais preconceituosas e pesadas com o propósito de expor as dores dos mais fracos, aqueles que são tidos como alvos do dia. E ao sair da escola, as ofensas continuam nas redes sociais (E8).

Portanto a violência no ambiente escolar, na percepção dos entrevistados traz destaque ao *bullying* e *cyberbullying*, como um problema grave que deixa marcas nas vidas de crianças e adolescentes, sendo que ambos envolvem ações que levam à humilhação, à exclusão e à agressão, seja no espaço escolar ou no espaço virtual.

### **4.3 Causas e Consequências**

Na terceira categoria buscou-se compreender as possíveis, causas e consequências dos atos de *bullying* e *cyberbullying* na percepção dos entrevistados. Para profissionais da educação e para os pais, as causas envolvem (fatores individuais, sociais e familiares). Ao se relacionar suas consequências, os profissionais da educação prestam mais detalhes, citando o impacto emocional e psicológico, sendo levantadas também as crises de ansiedade, depressão e o isolamento social, e os pais citam, com frequência, a depressão e agressividade (raiva).

Em se tratando de *bullying* e *cyberbullying*, algumas palavras se destacaram ao longo das entrevistas com os profissionais da educação e os pais/responsáveis. Esses sinônimos e termos são semelhantes, e são frequentemente utilizados por estes entrevistados para descrever esses comportamentos, suas causas e consequências, principalmente no ambiente escolar, conforme a Figura abaixo.

**Figura 4***Categoria 2: Causas e Consequências*

EIXO TEMÁTICO	SENTIDOS
Razões, Causas e Consequências dos atos de Bullying e Cyberbullying no ambiente escolar	<p style="text-align: center;">➤ <b>Bullying</b></p> <p>Assédio Escolar Assédio Verbal Assédio Físico Ameaça Intimidação Agressão Verbal Agressão Física Perseguição Humilhação Violência Escolar Abuso Psicológico Discriminação Hostilização</p> <p style="text-align: center;">➤ <b>Cyberbullying</b></p> <p>Assédio Virtual Intimidação Calúnia Difamação Ataque cibernético Trolagem Ofensas Perseguição Ameaça Dominação</p>

**Fonte:** Elaboração própria.

O *Bullying* e o *Cyberbullying* tendem a produzir impactos profundos e duradouros no comportamento dos alunos, afetando tanto as vítimas quanto os agressores. Katic (2020), pondera que eles reproduzem consequências negativas para todos os envolvidos, quer seja vítima, quer seja agressor, e os demais que se veem incapazes de se ajudar ou até mesmo procurar ajuda gerando constrangimento, sofrimento e conflitos psicológicos.

Ao se perguntar aos entrevistados como o *bullying* e o *cyberbullying* afetam o comportamento dos estudantes/filhos, profissionais da educação e pais/responsáveis descrevem um perfil muito semelhante nas suas percepções, relatando que ao estar em posição de vítima esses estudantes/filhos procuram manter certo distanciamento de todos, na escola e no núcleo familiar, perdem a vontade de manter o convívio social e deixam

de participar das atividades rotineiras. Ao longo do tempo vão perdendo suas características próprias se transformando em pessoas isoladas, conforme exemplificado nos trechos abaixo de exemplos de alunos e filhos, vítimas de *bullying e cyberbullying*.

(PE), Tive um aluno, de uns 15 anos estudante do 1º ano do ensino médio, era um menino muito educado, engraçado e muito inteligente. Porém no decorrer daquele ano, fui observando sua mudança de comportamento, ficou mais retraído, calado e perdeu o interesse pelos estudos. Começou a ter episódios de crise de ansiedade, comecei então a perguntar aos demais alunos o que poderia estar acontecendo, porém os colegas fingiam não saber de nada. Os pais foram chamados na escola e disseram que estavam suspeitando de depressão, pois em casa ele também havia mudado o comportamento. Após muita insistência uma colega de sala relatou que esse aluno estava sofrendo retaliação por ser inteligente e tirar notas boas, dois colegas de sala estavam ameaçando ele e fazendo chacota no horário do recreio. Infelizmente se levou muito tempo para detectarmos esse caso de Bullying, então após descoberto foi necessário um plano de ação para recuperar ambos, os agressores e a vítima. foi meu caso mais drástico pois o aluno não se recuperou até hoje e perdeu totalmente a vontade de estudar. (E2).

(PR), Eu acho que meu filho já foi sim vítima de bullying, teve uma época ele estava no 7º ano, percebi que ele mudou muito o comportamento, ficou mais calado e não queria ir para a escola, a gente perguntava ele ficava mudo. Daí começou a ter certos dias que falava que não queria ir p escola e que estava doente, quando na real percebi que ele estava mentindo pra não ir na escola. No final do ano me pediu pelo amor de Deus me tira dessa escola, eu até fui na escola conversar com os professores, mas não adiantou muito, pois eles disseram que isso estava acontecendo com vários alunos, decidi então tirar meu filho da escola, e daí não tive mais problemas essa nova escola ele gosta de estudar (E13).

Portanto, pais e profissionais da educação concordam que o *bullying e cyberbullying* têm efeitos profundos no comportamento dos alunos, afetando seu aprendizado e socialização. Silva *et.al.*, (2022), relatam que, na prática, percebe-se que o medo e a insegurança reproduzem sentimentos de fraqueza, tristeza e isolamento. Nessa linha, os comportamentos de maus-tratos e intimidação caracterizam o bullying e o cyberbullying, manifestando-se de forma física, psicológica, moral, verbal e virtual (Mattos et al., 2023).

Ao perguntar sobre como os entrevistados identificam que alunos/filhos possam ser vítimas das práticas de *bullying*, a grande maioria concorda com a afirmação de que as primeiras mudanças estão relacionadas ao comportamento e ao estado emocional dos estudantes. Entre os sinais mais comuns relatados nas entrevistas, destacam-se o

isolamento social, o desinteresse pelos estudos, resistência de frequentar as aulas, alterações no apetite e no sono, além de crises de ansiedade e depressão. No caso do *cyberbullying*, os relatos dos pais se destacaram por notar que os filhos começam a evitar o uso de celulares e redes sociais, demonstrando angústia após suas interações na rede. Já os profissionais da educação percebem comportamentos adversos, como retraimento em sala de aula, falta de participação e mudanças nos grupos de amigos.

Segundo Crochik (2017) pais e professores devem estar atentos aos sinais sutis de mudança no comportamento, como o isolamento e o desinteresse pelas atividades que antes eram prazerosas, pois isto pode ser indício de que os estudantes estão sofrendo ataques de *bullying* e/ou *cyberbullying*, sendo necessário uma observação constante para identificar e intervir nesses casos de maneira precoce. É fato que os entrevistados mostram dificuldade em abordar o tema, conforme exemplificado nos relatos abaixo:

(PE), Às vezes é fácil perceber as vezes não. Eu tive um aluno, que sempre foi um excelente aluno. Participava das aulas, fazia as atividades e sempre estava rodeado de amigos, após as férias de julho do ano passado, percebi que ele voltou muito diferente, havia perdido o interesse pelos estudos, estava muito calado e começou a se isolar dos amigos. Ele não interagiu mais com os colegas e evitava todas as atividades em grupo. Ao conversar com ele em particular, após muita insistência, ele disse que estava sendo alvo de chacotas e piadas no Instagram. Não queria contar para ninguém com medo de piorar a situação porque esse colega também fazia ameaças. Repassei o caso para a direção, que chamou os pais dos agressores e da vítima e realizamos um plano de ação preventiva e informativa para toda a escola. É muito triste ver um aluno vítima dessas perseguições, as consequências sempre são dolorosas e trágicas.

(PR), Sempre observo meus filhos, porém em 2022, tive uma surpresa desagradável quando a diretora da escola me ligou relatando estar preocupada com minha filha, pois ela estava muito rebelde. Minha filha sempre foi boa aluna, até na pandemia não me deu trabalho com os estudos, sempre muito alegre e cheia de sonhos. Percebi que ela estava diferente, mais quieta, tímida, ficava muito no quarto, só que eu achei q tinha a ver com o ENEM, após a conversa com a diretora e uma professora da escola, a chamei para conversar, e depois de uns dois dias ela foi até meu quarto chorando dizendo que não aguentava mais duas meninas da escola. Essas meninas montaram um grupo no zap, para fazer chacota das nerds da escola, e estava divulgando a foto da minha filha com umas montagens bem feias dizendo coisas pesadas da personalidade da minha filha. Fui então na delegacia e fiz um *b.o.*, a polícia chamou os pais e as alunas que eram administradoras do grupo, não deu em nada, mais pelo menos o grupo acabou. Minha filha se formou e foi estudar em outro município, até hoje ela tem medo de novamente passar por essa situação, é muito triste p gente ver um filho sofrer e não poder fazer muita coisa. (E4).

Fante (2022) demonstra a concordância de que as vítimas de *bullying* e *cyberbullying*, de modo geral, apresentam sinais de sofrimento, principalmente emocional, queda no rendimento escolar e mudanças repentinas de comportamento. Essas estudantes (vítimas), tendem a ter dificuldades em solicitar ajuda e optam pelo sofrimento em silêncio, fato que reproduz consequências negativas na saúde mental e na interação social.

Os entrevistados corroboram que os estudantes que praticam atos de *bullying* e *cyberbullying* normalmente são motivados por uma associação de fatores pessoais, familiares e sociais. Entre as causas mais comuns estão a necessidade de se impor ou ganhar *status* entre os colegas, em uma tentativa de lidar com frustrações ou inseguranças pessoais, ou até a reprodução de comportamentos violentos vivenciados no ambiente familiar, enfatizado por, Silva (2017).

Agressores sentem prazer em exercer poder sobre os outros, enquanto outros podem agir por pressão dos colegas ou até mesmo para se proteger de serem possíveis vítimas. Na internet, o anonimato e a sensação de impunidade podem amplificar esses comportamentos, permitindo que os agressores atuem sem refletir sobre as consequências das suas ações, conforme os próximos relatos.

(PE), Já tive alguns alunos agressores, violentos e que praticavam as diversas formas de violência possíveis, nos casos de *bullying* principalmente os alunos fazem por querer aparecer, se impor na escola, vejo que muitos dos casos começam na hora do recreio, onde todos estão reunidos, de forma mais livre e o contato é mais próximo. Alunos agressivos são exibidos, agressivos e não respeitam nada e nem ninguém, gostam de humilhar os colegas, os alvos mais comuns são os alunos mais educados e inteligentes, tido como frágeis. A maioria dos brigões, são alunos que dão muito trabalho na escola, com problemas de disciplina e comportamento, alguns com histórico de violência no ambiente familiar. Na internet é mais difícil de falar, vejo os alunos comentar de grupos que são formados para atacar outros alunos, muito difícil da escola acompanhar, daí é mais com a família (E10).

(PR) Eu acho que esses alunos que provocam o *bullying* tem dificuldades de fazer amizades e até mesmo de ser bom aluno com nota boa, como eles não conseguem se destacar partem para a violência, a opressão contra os bons alunos. Conheço o caso de uma menina, que fazia *bullying* contra as meninas estudiosas e bonitas da escola, inventando mentiras para afastar os meninos, ela só foi descoberta porque uma colega contou para o namorado que contou para a irmã dele e essa avisou na escola. A gente vê muito caso na televisão também, vi um que o aluno matou os colegas porque ninguém conversava com ele, ele se vingou matando dois colegas, muito triste isso, mas

vejo que essa geração de hoje não sabe ter amizade de verdade, estão sempre fazendo gracinha um com o outro e expondo na internet tudo. (E3).

As consequências do *bullying* e *cyberbullying* são profundas e multifacetadas, afetando tanto as vítimas quanto os agressores, e se manifestam em diversas fases do percurso escolar e de vida pessoal. Para as vítimas, os entrevistados concordam que o impacto pode incluir problemas emocionais, como ansiedade, depressão e baixa autoestima, além de dificuldades no aprendizado e na vivência em sociedade que podem perdurar pela vida. Por outro lado, os agressores também enfrentam consequências negativas, como a possibilidade de se envolver em atos violentos e ter dificuldades nas relações interpessoais, (Mattos et.al.,2023).

#### **4.4 Clima Organizacional**

A terceira categoria, Clima Organizacional, tem por objetivo identificar o papel dos três níveis do marketing macrossocial, na prevenção do *bullying* e *cyberbullying* no ambiente escolar. Na percepção dos entrevistados para essa categoria, tanto os profissionais da educação quanto os pais/responsáveis elucidaram em sua maioria que o *bullying* e *cyberbullying* se manifestam de diferentes formas e eles alegam ser de fundamental importância a junção dos três níveis do Marketing Macrossocial como ferramenta de intervenção.

Contudo, surgiram, ao longo das entrevistas com os dois grupos, os sentidos demonstrados na figura abaixo, sendo destacados pelos entrevistados no decorrer das perguntas, onde pode se perceber que a abordagem do clima organizacional da escola, para estes grupos, impacta na dinâmica de um ambiente seguro, destacando a importância de envolver a todos a fim de mitigar a violência na escola.

**Figura 5***Categoria 3 - Clima Organizacional*

CATEGORIA	SENTIDOS
<b>Clima Organizacional</b>	Apoio e Suporte
	Conscientização e Conhecimento
	Percepção e Segurança
	Bullying
	Competitividade negativa
	Aplicar regras e normas
	Relações de poder
	Agressividade
	Raiva
	Disputa de forças pessoais
	Problemas psicológicos dos alunos
	Problemas de ordem familiar
	Falta de limites familiares
	Problemas pessoais dos professores
	Intolerância
	Assédio Moral
	Assédio Sexual
	Violência contra a identidade do outro
Calúnia	
Difamação	

---

**Fonte:** Elaboração própria.

Em se tratando de violência no ambiente escolar, o Marketing Macrossocial se configura e os entrevistados concordam que possa ser utilizado como uma ferramenta célebre nas ações de combate e prevenção da violência escolar, em especial contra o *bullying e cyberbullying*, conforme descrito por Kennedy (2021). Foi perguntado aos dois grupos de entrevistados se os mesmos percebem essa contribuição. A maioria concorda que esse tipo de abordagem, envolvendo os três níveis (governo, escola e família), é de fundamental relevância na formação de cidadãos (alunos) mais conscientes de seus atos.

No contexto escolar, o Marketing Macrossocial, vem com o propósito de agregar estratégias relacionadas à mudança de comportamento dos indivíduos, onde essa mudança se faz necessária ao nível macrossocial de vivência dos indivíduos, Oliveira (2018). Com isso, os entrevistados, em sua maioria, possuem concordâncias semelhantes perante a contribuição do Marketing Macrossocial como ferramenta de prevenção à violência, conforme exemplificado abaixo.

(PE), Acredito que do jeito que está, não pode ficar. Precisamos nos unir (escola, governos, os pais) para conter e combater essa onda de violência que perpetua no ambiente escolar. Os alunos precisam entender como é viver em sociedade como seremos humanos, e que nada se resolve na porrada, com xingamentos e humilhação nas redes sociais, só unindo forças para colocarmos disciplina e ordem na escola (E4).

(PR) O governo precisa tomar uma posição, nós pais e a escola temos o dever de ajudar nessa missão, juntos podemos melhorar a vida dos estudantes. A escola precisa ser um local seguro e de amizade, precisamos ensinar estes meninos que todos temos conflitos, desentendimentos e estes são resolvidos na conversa, não com brigas. Eles também precisam ser punidos, saber que tudo que eles fazem tem consequências, e que as vítimas podem se vingar, como a gente já viu casos de alunos matarem os colegas. (E10).

Dando ênfase ao papel do governo, a entrevista procedeu perguntando como o governo pode evitar que aconteçam os casos de *bullying* e *cyberbullying*. Para os profissionais da educação, a maioria ressaltou que o governo possui responsabilidade vital na prevenção desses casos, implementando de forma abrangente programas educacionais e ações de conscientização, com medidas eficazes no combate à violência no ambiente escolar nos casos de *bullying* e *cyberbullying*. Kennedy (2017) destaca que a combinação entre a sociedade e o Marketing Macrossocial foca nos problemas de maneira abrangente, começando pelos casos mais severos e graves.

Na percepção dos pais, o governo tem a atribuição de manter a escola segura, e para isso se faz necessário investimentos em equipamentos de segurança, que possam detectar o início desses casos de perseguição e ameaça. Pode exercer ainda um papel primordial na prevenção do *bullying* e *cyberbullying* por meio de diferentes ações que ofereçam suporte à família, maior fiscalização e leis mais rígidas para punir os agressores. Gordon (2012) descreve que agenciar mudanças e estabelecer intervenções no núcleo social reflete uma mudança significativa no indivíduo, refletindo mudanças nos âmbitos sociais.

Diante do crescente número de atos violentos envolvendo o *bullying* e *cyberbullying*, o governo através de políticas públicas educacionais, concorda que se faz necessário intervir e propor ações para minimizar os casos que ocorrem no ambiente escolar. No *site* da Secretaria Estadual de Educação, projetos voltados para a capacitação de professores, e em específico o programa Conexão Jovem, visa promover debates e atividades educativas nas escolas públicas estaduais sobre temas como respeito,

convivência saudável, empatia e cidadania, abordando diretamente as questões de *Bullying* e *Cyberbullying* (SEE/MG, 2024).

Perguntado aos entrevistados, ao observarem o cenário atual, quais ações foram implantadas para o enfrentamento do *bullying* e *cyberbullying*, os dois grupos reproduziram respostas semelhantes que dizem concordar que o governo precisa ser mais atuante e objetivo na solução do problema, que a cada dia ganha maiores proporções e graves consequências. Os profissionais da educação enfatizaram ainda que necessitam de maior suporte do governo, principalmente na oferta de capacitação, para que possam identificar e propor soluções rápidas e viáveis para solucionar o problema, conforme exemplificado abaixo.

(PE), O governo atua de forma superficial no combate ao bullying e cyberbullying, vemos ações mais efetivas quando ocorre tragédias no Brasil e isso se torna um clamor público, principalmente pela cobertura da imprensa. Daí o governo encaminha projetos prontos, nada a ver com a nossa realidade, sem nenhuma capacitação e da noite para o dia temos que executar e tirar foto para provar que o governo faz alguma coisa, e no final das contas o problema continua. A gente precisa de projetos de prevenção e orientação, antes de acontecer a violência e isso não acontece. (E13).

(PE), Da parte do governo não vejo nada de efetivo combate ao enfrentamento da violência e do Bullying e Cyberbullying, não somos preparados para enfrentar alunos violentos, alunos que usam a internet para fazer o mal. Os meninos precisam de orientação, de ajuda, e isso também precisa ser trabalhado com a família deles, uma vez que eles em sua maioria refletem a violência que sofrem em casa. O governo através da secretaria de educação encaminha os projetos prontos e iguais para todas as escolas, a gente tenta adequar a nossa realidade, mas até então não vejo resultados efetivos, os casos de violência não diminuíram, pelo contrário aumentaram. (E9).

(PR), Enquanto mãe não sei de nenhum projeto do governo para combater o Bullying e Cyberbullying, pelo menos meus filhos não falam nada e também não sou chamada na escola. Sei que realmente ta precisando fazer alguma coisa urgente, pois todos os dias meus filhos chegam da escola falando que teve briga, que algum colega foi vítima de bullying, até que tem pagina no Instagram para falar mal dos outros colegas, zombando e criticando, eu gostaria de ver projetos para acabar com essas coisas na escola e to querendo ajudar no que for preciso. (E2).

Conforme relatado nos relatos acima, percebe-se que os profissionais da educação e pais responsáveis descrevem insatisfação perante as ações propostas pelo governo, ao relatarem que as ações não são eficazes para enfrentar os casos de *bullying* e *cyberbullying* e cobram uma postura mais assertiva perante a situação, com políticas

públicas direcionadas ao problema. Kennedy (2021) propõe que o marketing macrossocial atue em um nível estratégico, buscando influenciar de forma objetiva principalmente políticos e governos. O objetivo é direcionar políticas públicas que atendam às realidades sociais.

Ao compreender que se faz necessário analisar o ambiente no qual os alunos estão inseridos, foi perguntado aos profissionais da educação, diante das ações desenvolvidas, como eles avaliam o seu resultado. As respostas se mostram diversificadas para cada ação proposta pelo governo, porém todos relatam que os resultados são insignificantes perante o problema vivenciado na escola. Diante disso Layton (2007), corrobora que compreender o sistema no qual o indivíduo está inserido, com suas características e comportamentos, permite um escopo para uma efetiva intervenção.

Nos trechos abaixo é possível identificar que as ações governamentais são propostas de forma geral a todas as escolas e a todas as superintendências e por haver uma heterogeneidade principalmente cultural, essas ações não demonstram eficácia ao não abarcar a realidade individual de cada instituição de ensino.

(PE), Até o presente momento, não vejo os projetos e ações desenvolvidos pelo governo onde os professores são obrigados a executar do jeito que quer, surtir algum efeito. Não recebemos uma capacitação para desenvolver a ação, não tem nenhuma preparação, portanto, do jeito que chega e a pedagoga da escola entende e repassa, a gente executa, vejo que os casos só estão aumentando e com proporções mais graves, no entanto o governo joga o problema pra debaixo do tapete, e só resolve falar do assunto quando uma tragédia ocorre em alguma escola desse Brasil afora. (E6).

(PE), Tenho mais de vinte anos de experiência como professora, nunca vi realmente um projeto eficaz para combater a violência na escola. Antes tínhamos as brigas, com porradas e xingamentos enquanto exemplo de violência, hoje vejo que essa violência cresceu na forma de acontecer, a violência hoje está em todos os cantos e de todas as formas. A internet se tornou um campo minado, a aula acaba e se estende nas redes sociais e nos grupo de *WhatsApp*, onde os alunos estão fazendo o que querem falando, agredindo e expondo os colegas e nós professores. O governo precisa compreender a realidade dos alunos, como eles vivem e se comunicam para daí pensar em projetos para ajudar esses meninos que são agressores e ao mesmo tempo vítima (E14).

Dando ênfase ao papel da escola em específico, a entrevista procedeu perguntando qual o papel da escola perante a prática de *bullying* e *cyberbullying* nos seus ambientes. Tanto os profissionais da educação e os pais/responsáveis foram enfáticos em afirmar que a escola tem um papel de cobrar a disciplina, a ordem e manter o bom convívio social.

Minayo (2005), descreve que a escola exerce um papel fundamental nas ações de combate à violência, especialmente no enfrentamento do *bullying* e *cyberbullying*, onde se faz necessário atuar proporcionando um ambiente seguro e acolhedor, onde alunos e professores estejam preparados para identificar, prevenir e lidar com comportamentos violentos.

Contudo, os relatos abaixo, demonstram que a escola possui um papel fundamental na formação dos alunos, e que as ações e métodos aplicados atualmente no ambiente escolar precisam ser reformulados, a fim de atender a esse novo público que possui características bem heterogêneas quanto ao vocabulário e o trato com as novas tecnologias.

(PE) A escola precisa estar preparada para identificar o início do problema, nós professores estamos na sala de aula e percebemos os casos de bullying e cyberbullying, nossa função é direcionar esse aluno a supervisão e direção escolar e elas precisam dar uma resposta à altura para sanar o problema e não deixar ele evoluir, porém hoje a escola enfrenta inúmeros problemas e exerce muitas funções e vejo na maioria dos casos que ao direcionarmos os alunos tanto vítima quanto agressores, a conduta da equipe gestora não é eficaz daí o problema só aumenta. (E1).

(PE), Na minha posição precisa lidar com todos os problemas da escola, desde RH, a disciplina dos alunos, a merenda escolar, dentre várias outras funções que exerço. Infelizmente os casos de bullying e cyberbullying tem se tornado mais frequentes aqui na escola, e vejo que sim, a escola tem um papel relevante nesse combate, inclusive já solicitei a supervisão escolar uma prioridade para esses casos, pois se a escola intervir no início poderemos solucionar o problema, o que não dá mais para aceitar é que vire uma bola de neve. (E5).

(PR), Na minha opinião a escola é responsável por manter a ordem e a disciplina dos alunos, então a escola é importante demais para conter os casos de violência e informar os pais sobre o que está acontecendo, a gente não sabe o que os nossos filhos estão fazendo na escola, eu sei que eles vivem no celular e estão sempre brincando, agora se isso leva a uma briga a escola precisa estar atenta para intervir. Meus filhos mesmos, tem cada conversa que estou sempre xingando eles, eles riem e fala que são apelidos que todo mundo tem, seria importante a escola explicar isso porque eu falo mais não adianta, e na escola falando e todos os colegas ouvindo acho que vai surgir efeito. (E4).

Em virtude disso a escola se configura um ambiente de inserção social e de prática do direito universal da educação, lugar onde não devem ser aplicados a violência, a discriminação ou preconceito, incluindo o *bullying* e *cyberbullying*. Esses fatores

compreendem problemas educacionais de convívio social que podem anteceder episódios de tragédias de violência no ambiente escolar, (Neves Viera et.al. 2011).

Correlacionando ainda mais o Marketing Macrossocial, foi perguntado aos entrevistados, de forma bem específica e direta, como eles avaliam a interação entre escola, comunidade escolar e governo na prevenção do *bullying* e *cyberbullying*. Para os entrevistados, essa interação é essencial para o sucesso de iniciativas de combate e prevenção aos casos de violência na escola, especialmente o *bullying* e *cyberbullying*. Barbosa & Costa (2014) discorrem que a interação entre indivíduos é importante, a fim de obter representatividade na identificação dos acontecimentos que resultam em problemas, identificando suas causas e efeitos, mediante interação de todos os envolvidos no contexto escolar, como exemplificado abaixo:

(PE) Só teremos uma escola inclusiva, disciplinada e organizada partir do momento que todos os atores responsáveis, governo, escola e família se unirem em prol da educação. Onde cada uma saiba a sua função, que é o governo com leis e campanhas de punição e conscientização, a escola promovendo a disciplina e o respeito e a família transmitindo os valores, orientando seus filhos. Essa união, essa parceria irá criar um ambiente seguro e sem violência (E7).

(PR) Acho muito importante a gente poder unir ao governo e a escola na educação dos nossos filhos. O mundo de hoje tá muito difícil, então a gente precisa tá sempre atento, porque esses meninos são muitos espertos e na internet onde eles querem ficar a maior parte do dia tem coisas boas e muito ruim também.

Fica evidente a percepção de que a aliança sustentada por uma estratégia de Marketing Macrossocial no ambiente escolar a fim de promover ações de combate e prevenção do *bullying* e *cyberbullying*, tende a promover uma mudança cultural e profunda, ao reforçar a importância da empatia, do respeito ao próximo e ao oferecer ferramentas práticas para prevenir e enfrentar a violência no ambiente escolar. Essa junção e colaboração sistêmica tem o potencial de transformar a maneira como a sociedade lida com o problema, criando um ambiente seguro e inclusivo para os estudantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral, identificar e analisar como os casos de violência escolar, mais especificamente os de *bullying* e *cyberbullying*, são percebidos pelos profissionais da área de educação e pais/responsáveis pelos alunos, a partir da perspectiva do marketing macrossocial.

Os dados coletados durante a pesquisa revelam um panorama preocupante perante a prevalência da violência no ambiente escolar. A existência da violência nas instituições de ensino afeta intensamente todos os sujeitos envolvidos, causando não apenas danos físicos e psicológicos, mas também comprometendo o convívio social e familiar. Ademais, esse cenário contribui para o baixo rendimento escolar, o aumento da agressividade e diversas alterações de comportamento.

Nesse contexto, é essencial promover uma articulação intersetorial e multidisciplinar que envolva a tríade do Marketing Macrossocial, o governo através da SEE/MG, a escola e a família, com o objetivo de desenvolver soluções colaborativas para enfrentar a questão da violência no ambiente escolar e combater as práticas de *bullying* e *cyberbullying*.

Os entes federativos, compreendendo os governos municipais, estaduais e a União, devem direcionar sua atenção para as instituições educacionais, tanto da rede pública quanto da rede privada, no que diz respeito ao cuidado necessário para a mitigação de práticas violentas nos ambientes escolares. Nesse contexto, as políticas públicas educacionais podem ser reformuladas e fortalecidas com o objetivo de incluir programas sociais, implementar ações práticas de educação em saúde, promover projetos de assistência psicológica e educacional, visando atuar de forma direta com alunos, docentes, funcionários, famílias e a comunidade. Ademais, é essencial a promoção de programas de capacitação em habilidades sociais e competências para a vida, assim como o incentivo a maior participação e engajamento das famílias nas atividades escolares.

A pesquisa revela uma percepção generalizada perante a violência no ambiente escolar e reflete uma preocupação entre os profissionais da educação e os pais e responsáveis em geral. Este fenômeno está associado à uma série de atos agressivos que se manifestam entre os alunos e na interação destes com os profissionais da educação. O *bullying*, o *cyberbullying*, o assédio e, em casos extremos, os atos de violência armada têm proporcionado um clima de insegurança nas instituições de ensino.

A pesquisa demonstra que essa realidade não apenas compromete o bem-estar dos alunos, mas também prejudica o processo de ensino-aprendizagem, resultando em consequências negativas principalmente no convívio social e no ensino. Portanto, a violência é percebida como um desafio multifacetado que demanda uma ação integrada e a colaboração entre as esferas da sociedade, dos governos e da escola para sua efetiva prevenção e intervenção.

Apesar das tentativas iniciais dos profissionais da educação em compreender o conceito e a prática do *bullying* e *cyberbullying* no ambiente escolar, as medidas adotadas ainda não têm gerado os resultados desejados, pois a agressão sistemática continua presente. Combater o *bullying* e *cyberbullying* nas escolas requer um esforço contínuo e prolongado. Não é o bastante meramente informar aos alunos sobre a definição destes assédios e suas formas de manifestação e pressioná-los a não praticar tais condutas.

Os dados obtidos nas entrevistas revelam que os profissionais da educação, principalmente os professores percebem que os alunos vítimas de *bullying* e *cyberbullying* sofrem em silêncio, manifestando sintomas como isolamento, queda no desempenho escolar, e alterações comportamentais. Essa percepção é baseada em sua convivência diária com os alunos e em sua capacidade de observar mudanças sutis no seu comportamento. No entanto, identificar essas agressões, especialmente no caso do *cyberbullying*, que ocorre fora do ambiente físico das escolas, muitas vezes é mais difícil.

Outro ponto importante relatado pelos profissionais da educação é a necessidade de o governo ofertar mais cursos de capacitação no enfrentamento dos atos de violência. Embora muitos estejam cientes da gravidade dos fatos, existe uma demanda alta por treinamentos que os capacitem a identificar os primeiros sinais de casos de violência de uma maneira mais assertiva e a forma mais correta e prudente de uma intervenção mais adequada. Muitos educadores relatam sentir-se impotentes diante da complexidade do *cyberbullying*, que, na maioria das vezes, foge ao seu controle por ocorrer na internet e fora do horário de aula.

A pesquisa demonstra relatos de professores que apontam para a necessidade de políticas e recursos institucionais mais eficazes. Eles percebem que o combate ao *bullying*, *cyberbullying* e as diversas formas de violência deve ser uma responsabilidade compartilhada por toda a comunidade escolar, envolvendo os pais/responsáveis, a escola, o governo e elencam ainda os profissionais da saúde. Muitos acreditam que ações de prevenção, como programas de educação emocional e campanhas de conscientização, podem ser ferramentas essenciais para reduzir esses comportamentos.

É imprescindível implementar práticas e políticas públicas eficazes e contínuas no ambiente escolar, abrangendo desde a gestão escolar até a atuação dos alunos. Nesse sentido, a educação deve ser fundamentada no desenvolvimento integral dos estudantes, em consonância com os princípios basilares dos direitos humanos. Essa abordagem promove a construção de uma postura ética, responsável e respeitosa entre os alunos, contribuindo para a formação de uma cultura de paz.

Analisando os relatos dos pais/responsáveis perante a percepção deles em relação ao *bullying* e *cyberbullying*, fica evidente que muitos sentem uma combinação de preocupação, frustração e, em alguns casos, impotência diante dessas formas de violência. Embora reconheçam os perigos, muitos pais enfrentam dificuldades em identificar quando seus filhos estão sendo vítimas ou são os agressores, principalmente nos casos de *cyberbullying*, que ocorrem no mundo virtual e fora de uma supervisão direta.

Os pais de modo geral, percebem o *bullying* como uma ameaça séria ao bem estar de seus filhos, reconhecendo seus impactos emocionais, sociais e na aprendizagem. No entanto, muitos relatam desafios em dialogar abertamente com os filhos sobre o assunto. As vítimas de *bullying*, por medo de represálias ou vergonha, frequentemente hesitam em compartilhar suas experiências com os pais, o que gera uma sensação de frustração e impotência familiar. Isso ressalta a dificuldade que muitos pais enfrentam ao tentar identificar sinais de que algo está errado, especialmente quando os filhos não compartilham suas rotinas.

Perante o *Cyberbullying*, essa percepção de vulnerabilidade é ainda maior. Os pais relatam dificuldades em acompanhar as atividades *on-line* de seus filhos, seja devido à natureza privada das interações digitais ou ao uso de plataformas que eles, enquanto pais, não dominam. Mesmo quando conseguem identificar sinais de que algo está errado, como mudanças de humor, isolamento ou ansiedade, é difícil para eles intervirem efetivamente, já que as agressões acontecem de forma virtual e muitas vezes longe de sua visão.

Além disso, os pais percebem que faltam recursos e orientações adequadas para lidar com o *cyberbullying*. A maioria se sente despreparada para abordar essas situações e os pais expressam a necessidade de mais suporte por parte das escolas e dos governos. A falta de conhecimento sobre as melhores práticas para monitorar e orientar os filhos em relação ao uso de internet, em específico as redes sociais, também contribui para essa sensação de desamparo.

Por outro lado, muitos acreditam que a comunicação aberta com os filhos é uma das melhores maneiras de prevenir ou mitigar os efeitos do *bullying* e *cyberbullying*. Eles

percebem que criar um ambiente de confiança, onde os filhos se sintam à vontade para compartilhar seus problemas, é essencial para que possam intervir de maneira eficaz.

Os pais e responsáveis reconhecem o impacto devastador do *bullying* e *cyberbullying*, mas muitas vezes se sentem despreparados para lidar com esses problemas de forma eficaz. Sua percepção é marcada por uma preocupação constante com a segurança emocional e digital de seus filhos, juntamente com a necessidade de mais apoio educacional e ferramentas de orientação que os ajudem a enfrentar essas situações de maneira mais assertiva e proativa.

A educação deve, portanto, ter como premissa fundamental o enfrentamento do *bullying* e do *cyberbullying*, promovendo a informação, a reflexão crítica, a difusão de valores éticos e a empatia, além de considerar o desenvolvimento integral dos alunos, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Isso implica uma compreensão abrangente da realidade social e econômica dos estudantes.

O Marketing Macrossocial como ferramenta de combate à violência, especialmente em contextos como o *bullying* e *cyberbullying*, demonstra que os entrevistados concordam que possa ser de suma importância uma abordagem integrada e consciente para enfrentar esse problema complexo. O Marketing Macrossocial se destaca ao proporcionar ações que vão além da simples promoção de estratégias de intervenção para promover mudanças sociais significativas.

Contudo, é preponderante reconhecer que o Marketing Macrossocial pode desempenhar um papel essencial na conscientização e na educação sobre a violência. Campanhas bem estruturadas, que utilizam narrativas empáticas e dados impactantes, podem sensibilizar o público sobre os efeitos devastadores do *bullying* e *cyberbullying*, desafiando preconceitos e promovendo um diálogo mais aberto sobre o tema.

Os dados indicam que o Marketing Macrossocial tende a incentivar a ação comunitária e o engajamento social. Campanhas que mobilizem a comunidade em torno do combate à violência escolar são possíveis. Fortalecem as redes de apoio e promovem iniciativas colaborativas que envolvem escola, família e governo. Isso irá ampliar a conscientização, gerando um senso de pertencimento e responsabilidade coletivos.

A pesquisa demonstrou que o Marketing Macrossocial é visto como uma estratégia contínua, que envolve a avaliação e a adaptação constante das abordagens utilizadas. Monitorar a eficácia das campanhas e coletar *feedback* da comunidade são passos essenciais para garantir que as iniciativas sejam relevantes e impactantes.

A percepção dos entrevistados, em suma, considera que o Marketing Macrossocial tem o potencial de ser uma poderosa ferramenta na luta contra a violência escolar, promovendo conscientização, engajamento comunitário e mudanças comportamentais que podem contribuir para a construção de ambientes mais seguros e respeitosos para todos.

O marketing macrossocial pode ser associado ao combate ao *bullying* e *cyberbullying* de maneira mais estratégica e abrangente, visando mudanças sociais e comportamentais em larga escala. Essa abordagem utiliza os princípios do marketing para promover valores sociais positivos, conscientizar os sujeitos sobre questões críticas e mobilizar esforços coletivos em direção a uma transformação social.

É importante salientar que os relatos trazidos pelos entrevistados não ocorreram necessariamente em tempos apenas recentes, o que faz com que seja possível inferir que os problemas aqui elencados não estão relacionados apenas ao contexto do presente, mas também pelas vivências dos mesmos.

Visando mitigar e prevenir os casos de violência no ambiente escolar, incluindo o *bullying* e *cyberbullying*, sugere-se que a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais implemente um programa abrangente de educação emocional e social em todas as escolas da rede pública do estado. Esse programa pode incluir atividades de conscientização sobre o *bullying* e suas consequências, cursos de capacitação para os profissionais da educação, a fim de identificar e intervir em casos de violência e o uso de mediadores para promover o diálogo entre os estudantes.

Adicionalmente, recomenda-se que a secretaria invista em campanhas de sensibilização sobre o uso seguro e responsável das redes sociais, integrando-as com a participação de pais e responsáveis para fortalecer o acompanhamento e a orientação fora do ambiente escolar. A criação de canais seguros e confidenciais para denúncias, direcionadas a alunos e professores, pode ser uma ferramenta essencial no combate a estes crimes, além da formação de equipes de apoio psicológico nas escolas.

### **5.1 Limitações do estudo**

Apresenta-se como limitação a restrição geográfica e institucional da unidade de análise. O estudo foi realizado dentro de um contexto escolar, em uma instituição de ensino da regional Metropolitana B, na esfera estadual, o que pode não refletir a realidade de outras regionais e instituições públicas. As práticas públicas, pedagógicas, culturais e

organizacionais podem variar entre diferentes regiões, o que limita a aplicabilidade universal dos resultados. Para obter uma visão mais abrangente e representativa da violência no ambiente escolar, seria necessário realizar estudos comparativos envolvendo múltiplas regiões e instituições. A inclusão de métodos quantitativos, como questionários padronizados e análises estatísticas, poderia complementar os dados qualitativos e fornecer uma compreensão mais abrangente do problema. A triangulação de métodos poderia ajudar a validar os achados e mitigar possíveis vieses, aumentando a robustez e a credibilidade das conclusões.

Cabe salientar que o estudo foi conduzido em um recorte temporal específico, capturando um momento particular no tempo. As dinâmicas e as políticas institucionais e educacionais podem evoluir e os resultados encontrados podem não refletir mudanças futuras ou melhorias implementadas após a realização da pesquisa. Estudos longitudinais, que acompanhem as mudanças ao longo do tempo, seriam valiosos para entender a evolução das práticas de violência no ambiente escolar e a eficácia das intervenções institucionais implementadas.

## **5.2 Sugestões para pesquisas futuras**

Para ampliar o escopo da pesquisa sobre o tema, sugere-se a realização de estudos comparativos entre diferentes regiões e instituições escolares públicas. Tais estudos podem proporcionar a identificação de variações regionais e organizacionais nas práticas de gestão e nos casos de violência no ambiente escolar provocados pelo *bullying* e *cyberbullying*, proporcionando uma compreensão mais abrangente e contextualizada do problema. A comparação entre diferentes contextos pode revelar fatores culturais, econômicos e políticos que influenciam a ocorrência e a gestão da violência escolar.

Sugere-se pesquisas que abordem os novos tipos de *bullying* e *cyberbullying* analisando a influência da inteligência artificial, tendo em vista a relevância dessa nova ferramenta no ciberespaço. A exploração desses temas, sob a luz de outros campos da ciência, a exemplo da Psicologia, poderia contribuir para robustecer os estudos organizacionais.

Outra sugestão é a incorporação de métodos quantitativos para complementar as abordagens qualitativas. A utilização de questionários e análises estatísticas pode fornecer dados mais robustos e generalizáveis sobre a incidência, as características e os impactos da violência no ambiente escolar. Estudos quantitativos poderiam também explorar

correlações entre variáveis como gênero, idade, posição hierárquica e tipo de violência experienciada, oferecendo *insights* adicionais sobre os grupos mais vulneráveis e as dinâmicas subjacentes às violências laborais. A triangulação de métodos qualitativos e quantitativos pode enriquecer a compreensão do fenômeno e aumentar a validade dos resultados.

Pesquisas futuras também poderiam explorar mais profundamente o impacto das violências no ambiente escolar sobre a saúde mental e o bem-estar dos estudantes, profissionais da educação e a família. Estudos longitudinais que acompanhem os efeitos psicológicos e emocionais das violências ao longo do tempo poderiam contribuir para essa análise. Além disso, a avaliação da eficácia de intervenções psicológicas e de suporte governamental poderia fornecer orientações práticas para a implementação de programas de apoio mais eficazes, podendo gerar conhecimento a ser compartilhado entre as instituições públicas e privadas. Além disso, pesquisas futuras que analisem a eficácia das políticas de prevenção e intervenção implementadas pelas instituições públicas poderiam trazer achados relevantes. Estudos avaliativos que examinem a implementação e os resultados de diferentes programas e políticas podem identificar melhores práticas e áreas que necessitam de melhorias. Pesquisas que incluam a perspectiva dos gestores e dos responsáveis pela formulação de políticas podem fornecer uma visão mais completa dos desafios e das oportunidades na criação de ambientes escolares seguros e saudáveis. Ademais, a exploração das barreiras institucionais e culturais contra a implementação de mudanças pode oferecer *insights* para superar resistências e promover uma cultura pedagógica salutar e harmoniosa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, Miriam e outros. *Gangues, galeras, chegados e rappers* Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- Abromovay, M. Ruas M. das G et.al. Percepções dos alunos sobre repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola. IN: Escola e Violência; Miriam Abromovay, Brasília, UNESCO, UCB 2002 P.89-120.
- Abramovay, Miriam; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: RITLA, SEEDF, 2009
- Abramovay, Miriam (Coord.). Conversando sobre violência e convivência nas escolas. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, OEI, MEC, 2012.
- Abramovay, Miriam. O Papel da Educação para Jovens Afetados pela Violência e Outros Riscos. Rio de Janeiro: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), 2018.
- Adorno, t. W. Teoria estética. Tradução artur morão. Lisboa: edições 70, 2011.
- Amado, J. (2005). Contextos e formas da violência escolar. separata Revista Portuguesa de História, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, t. XXXVII, pp. 299-319.
- Andrade, M.M. Introdução a metodologia do trabalho científico, elaboração de trabalhos de graduação: São Paulo, SP: Atlas 2010.
- Andrade, Luísa Carina Figueira. Bullying e cyberbullying: um estudo num contexto escolar particular. Dissertação de mestrado. Universidade da Madeira. 2012, p. 5 e 21
- Andreasen, A. R. (2002). Ética e Marketing Social: como conciliar os interesses do cliente, da empresa e da sociedade numa ação de marketing (1o ed). São Paulo: Futura.
- Andreasen, A. R. (2003). The Life Trajectory of Social Marketing Some implications. Marketing Theory, 3(3), 293–303.
- Andreasen, a.r. (2005). Social marketing in the twenty-first century.
- Andreasen, A. R. (2006)- Social Marketing in the 21st Century- ilustrada, SAGE, ISBN: 2006-1412916348, 9781412916349; 264 páginas- p. 43-62.
- Antunes, d.c.; zuin, a. A s. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. Revista psicologia & sociedade. V.20, n.1. Porto alegre, jan./apr. 2008.

- Assis, Simone G.; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Q. (orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Fiocruz, 2010.
- Araújo, Carla. A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- Bana, I. (2016). Bullying, homofobia e responsabilidade civil das escolas: uma análise sob a proteção dos direitos da personalidade. Birigui: Boreal.
- Bandeira, C. de M., & Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar E Educacional*16(1), 35–44. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>.
- Bardin, I. *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70, 1979.
- Barboza, S.I.S.; COSTA, J. C. Marketing Social para doação de sangue: uma análise da preposição de novos doadores. *Cadernos de Saúde Pública*, v.30 n. 7, p. 1463-1474, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X001>.
- Barros, J. C. M. de, & Sauerbronn, J. F. R. (2021). Marketing Social como Estratégia para o Controle do Tabagismo. *Revista Brasileira De Cancerologia*, 67(3), e–041183. <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2021v67n3.1183>
- Basso, Claudia de Fátima Ribeiro. *Indisciplina Escolar*, Blumenau IADE 2010.
- Bastos, A. de F. V., Costa, F. J. da, & Vasconcelos, M. M. (2017). Consumo de Bebidas Alcoólicas por Jovens: Implicações para o Marketing Social. *ReMark - Revista Brasileira De Marketing*, 16(4), 469–486. <https://doi.org/10.5585/remark.v16i4.3442>
- Bayraktar F, Machackova H, Dedkova L, Cerna A, Ševčíková A. Cyberbullying: Os fatores discriminantes entre cyberbullies, cybervictims e cyberbully-victims em uma amostra de adolescentes tchecos. *J Interpers Violência*. Novembro de 2015; 30(18):3192-216. DOI: 10.1177/0886260514555006. Epub 2014 18 de novembro. PMID: 25411234.
- Becker, K. L., & Kassouf, A. L. (2016). Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. *Nova Economia*. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/2591>.
- Blaya, C.; BAUDRIT, A. Entre necesidad y factibilidad: el mentorado de profesores al principio de su carrera para el manejo de situaciones difíciles. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, Tlalpan, v.10, n.26, p. 765-786, 2005.

- Bond, L.; WOLFE, S.; TOLLIT, M.; BUTLER, H.; PATTON, G. 2007. A comparison of the gatehouse bullying scale and the peer relations questionnaire for students in secondary school. *The Journal of School Health*, 77:75-79.
- Bourdieu, P.; PASSERON, J.-C. *Los herderos: los estudiantes y la cultura*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.
- Bowan, G. (2001). The violence identity. Em B. Schmidt & I. Schröder, (Orgs.) *Anthropology of violence and conflict* (p. 25-46). New York: Routledge
- Brasil, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf> . Acesso em 20/03/2022.
- Camacho, L.M.Y. *A violência nas práticas escolares de adolescentes ANPED*, GT Sociologia da Educação, 2001. 1 CD-ROM.
- Camodeca, M.; GOOSSENS, F.A. 2005. Aggression, social cognitions, anger and sadness in bullies and victims. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46:186-197.
- Campbell, M. Study confirms girls are victims of cyberbullying. Brighton: Medical News Today, 2007. Disponível em: [www.medicalnewstoday.com/articles/83863.php](http://www.medicalnewstoday.com/articles/83863.php). Acesso em: 2023.
- Candau, Vera; LUCINDA, Maria da C.; NASCIMENTO, Maria das Graças. *Escola e Violência*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.
- Carlyle, K.E.; STEINMAN, K.J. 2007. Demographic differences in the prevalence, co-occurrence, and correlates of adolescent bullying at school. *The Journal of School Health*, 77: 623-629.
- Carvalho, Hamilton Coimbra; MAZZON, Jose Afonso. A better life is possible: the ultimate purpose of social marketing. *Journal of Social Marketing*, 5, (2), 169-186, 2015.
- Carvalhosa, SF (2007) *Intervenção em Contexto Escolar*. Paper presente at the conference “Bullying, Violência e Agressividade em Contexto Escolar”- Lisboa-Portugal.
- Casado, A. G. P. (2011) - *Cyberbullying: violência virtual e o enquadramento penal no Brasil*.
- Castro, M. G.; Abramovay, M.; Rua, M. G.; Andrade, E. R. (2001). *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza* (3ª ed.). Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento.

- Charlot, Bernard. *Violences à l'école: état des savoirs* Paris: Armand Collin, 1997.
- Charlot, Bernard. A violência na escola: como sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, Ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 423-460.
- Chiesa A M, Ciampone MHT. Princípios gerais para abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais. In Chianca TCM, Antunes MJM, organizadores. *Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva - CIPESC*. Brasília ABEn; 1999.
- Colomby, R., Generali da Costa, S., Salvagni, J., & Cheron, C. (2024). Quando o trabalho se torna um dano à existência? Dos impactos na vida do trabalhador às possibilidades jurídicas. *Caderno De Administração*, 32(1), 6-34.
- Corcuff, P. *Les nouvelles sociologies: constructions de la réalité sociale*. Paris: Nathan, 1995.
- Crochik, José Leon. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. In: *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 211-229, ago. 2012.
- Crochik, J. L., et al. Análises de concepções e propostas de gestores escolares sobre o bullying. *Acta Scientiarum Educação*. Maringá, vol. 36, n. 1, jan-jun, 2014, pp. 115-127. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v36i1.21940>
- Crochik, José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. In: *Movimento Revista de Educação*, Niterói, n. 3 p. 29-56, jan. 2016.
- Crochik, J. L., & Crochick, N. (2017). *Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva*. São Paulo: Benjamin.
- Crochick J. L. (2019). Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida *Psicologia USP*, 30, e190006. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190006>
- Cruz, T. M. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. *Educação em Revista*, v. 30, p. 157-188, 2014.
- Damasceno, C. D.; Sousa, C. V.; Batinga, G. L. Filhos do Coração: Percepção das Famílias Adotantes em Relação as Ações de Marketing Social em Prol da Causa. *Revista Gestão & Planejamento*, v. 21, n. 1, p. 54-69, 2020.
- Dann, S. (2010). Redefining social marketing with contemporary commercial marketing definitions. *Journal of Business research*, 63(2), 147-153.
- Dayrell, J; GOMES, N.L. Juventude, práticas culturais e identidade negra. *Palmares em Ação*, Brasília, DF, n. 2, p. 18-23, 2002.

- De oliveira, E. L., da Silva, J. M. S., da Rocha, E. G., Lemos, J. R. R., & da Silva, J. A. S. (2023). O marketing social frente à Pandemia de COVID-19. *Revista De Gestão E Secretariado*, 14(4), 4776–4793. <https://doi.org/10.7769/gesec.v14i4.1941>
- Debarbieux, É. *La violence en milieu scolaire: état des lieux*. Paris: ESF-éditeur, 1996. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *La violence en milieu scolaire :le desordre des choses*. Paris: ESF-éditeur, 1998. v.2.
- \_\_\_\_\_; MONTOYA, Y. La violence à l'école en France: 30 ans de construction sociale de l'objet. *Revue française de pedagogie*, n.123, 1998.
- Debarbieux, Eric. *Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político*. In: Editado originalmente por ELSEVIER SAS, Paris. 2002 UNESCO .
- Debarbieux, Eric; Blaya, Catherine (Orgs.). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002. P.59-93.
- Debarbieux, Eric. *Violence à l'école: un défi mondial?* Paris: Armand Colin, 2006
- Domegan, C. Social marketing: implications for contemporary marketing practices classification scheme. *Journal of Business & Industrial Marketing*, 23, (2), 135-141, 2008.
- Domegan, C. et. al. Systems-thinking social marketing: conceptual extensions and empirical investigations, *Journal of Marketing Management*, 32, (11-12), p. 1123-1144, 2016.
- Demo, P. (2004) *Pesquisa Participante: Saber pensar e intervir juntos*. Brasília/DF: Liber Livros.
- Einarsen, S.; HOEL, H.; NOTELAERS, G. Measuring exposure to bullying and harassment at work: validity, factor structure and psychometric properties of the Negative Acts Questionnaire-Revised, *Work & Stress*, v. 23, n. 1, p. 24-44, 2009.
- Elias, N. A. *Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: a formação do Estado e civilização*, vol. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- Enguita, Mariano Fernandes. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Fante, Cleo. *Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campina – SP: Verus, 2005.

- Fante, C., & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas* Porto Alegre: Artmed.
- Fante, C. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. 6. ed. Campinas: Verus Editora, 2011.
- Farrington, D. P. The development of offending and antisocial behaviour from childhood: key findings from the Cambridge Study in delinquent development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. v. 360, n. 6, p. 929-964, 1995.
- Fekkes, M., Pijpers, F. I. M., Fridriks, M., Vogels, T., & Verloove-Vanhorick, S. P. (2010). Do bullied children get ill, or do ill children get bullied? A prospective cohort study on the relationship between bullying and health-related symptoms. *Pediatrics*, 117, 1568-1574.
- Ferreira, T. R. S. C. Cyberbullying: magnitude, experiências e possibilidades de prevenção entre adolescentes do Ensino Médio de duas capitais brasileiras. 2022. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueiras, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.
- Ferreira, T. R. S. C. Cyberbullying de crianças e adolescentes: definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.
- Ferreira, T. R. S. C.; DESLANDES, S. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 3369-3379, 2018.
- Flaherty, T., Domegan, C., Duane, S., Brychkov, D., & Anand, M. (2020). Marketing Social de Sistemas e Marketing Macro-Social: Uma Revisão Sistemática. *Marketing Social Trimestral*, 26(2), 146-166. <https://doi.org/10.1177/1524500420925188>
- Freire, A. N., & Aires, J. S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e enfrentamento do bullying. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 55-60. Doi: 10.1590/S14
- Fukui, Lia. Estudo de caso de segurança nas escolas públicas estaduais de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa* n.79 p.68-78, 1991.
- Furlan, Alfredo (Coord.). *Reflexiones sobre la Violencia en las Escuelas*. México: Siglo Veintiuno, 2012.

- Furlong, Michael. The school in school violence: definitions and facts, 2000. Boletim 21, Unesco, v. 1, p. 16-27, 2005.
- Gaio, D. M.; BLUM, P. Implicações do bullying no desenvolvimento infantil. Acadêmica de Psicologia/UNIBRASIL. 2016.
- Gasparini J.L. (1999). A construção dos conceitos científicos na teoria histórico cultural e as implicações pedagógicas. In: Semana da Pedagogia. Maringá- Universidade Estadual de Maringá- PR.
- Gil, A. C. Como elaborar projetos e pesquisa. 3a ed. São Paulo: Atlas; 1995
- \_\_\_\_\_. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- Godoi, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, A. B. Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais. São Paulo. Saraiva, 2006
- Goldenberg, M. A arte de pesquisar. São Paulo: Record, 2000
- Gomes, Nilma Lino. Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferenças presentes na escola. 1999. Artigo publicado no site: [www.mulheresnegras.org/nilma](http://www.mulheresnegras.org/nilma) . . Acesso em: 02/08/2023.
- Gordon 2012- Gordon, R. (2012) Re-thinking and re-tooling the social marketing mix. Australasian Marketing Journal 20, 122-126.
- Guimarães, Áurea Maria. Escola e violência: Relações entre vigilância, punição e depredação escolar. Campinas; 1984. 183p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da PUC de Campinas.
- Guimarães, Eloisa. Escola, Galeras e Narcotráfico. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- Hargreaves, Andy. O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança. São Paulo: Artmed, 2004.
- Hastings, Gerard. Social marketing: Why should the devil have all the best tunes? Oxford: Elsevier, 2007. Butterworth Heinemann
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2020). Bullying beyond the schoolyard: Preventing and responding to cyberbullying (3rd ed.). Sage Publications.
- Hink, A. B. et al. Adolescent Suicide—Understanding Unique Risks and Opportunities for Trauma Centers to Recognize, Intervene, and Prevent a Leading Cause of Death. Current Trauma Reports, v. 8, n. 2, p. 41–53, 2022.
- Huff, A. D., Barnhart, M., McAlexander, B., & McAlexander, J. (2017). Addressing the wicked problem of American gun violence: consumer interest groups as macro-social marketers. Journal of Macromarketing, 37(4), 393-408.

- Jagdale, S. R., & KEMPER, J. (2022). 'Give It Up!': A Macro-Social Marketing Approach to India's Clean Cooking Fuel Access. *Journal of Macromarketing*, 42(3), 433-453. <https://doi.org/10.1177/02761467221107556>
- Katic, B., Alba, L. A., & Johnson, A. H. (2020). A systematic evaluation of restorative justice practices: school violence prevention and response. *Journal of school violence*, 19(4), 579 -593
- Kennedy, A.M. Macrosocial marketing. *Journal of Macromarketing*, v. 36, n. 3, p. 354-365, 2016. doi:10.1177/0276146715617509
- Kennedy, A. M.; KEMPER, J. A.; PARSONS, A. G. Upstream social marketing strategy. *Journal of Social Marketing*, 8, (3), p. 258–279, 2018.
- Kennedy, A. M. *Macro-Social Marketing Insights: Systems Thinking for Wicked Problems*. Editora: Routledge, 2019.
- Kennedy, A-M (org.) (2021) *Macro-social Marketing Insights: Systems Thinking for Wicked problems*.
- Kennedy, A.-M., & SMITH, J. (2022). Socially Responsible (Macro-Social) Marketing. *Journal of Macromarketing*, 42(4), 572-582. <https://doi.org/10.1177/02761467221087356>
- Kotler, p., & Zaltman, g. (1971). Social marketing: an approach to planned social change. *Journal of marketing*, 35(3), 3-12.
- Kotler, p. (1972). A generic concept of marketing. *Journal of marketing*, 36(2), 46–54.
- Kotler, P.& Roberto, E. *Marketing Social: estratégias para alterar o comportamento público*. Tradução de José Ricardo Azevedo e Elizabeth Maria Braga. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- Kotler, p., & Lee, n. (2011). *Marketing social: influenciando comportamentos para o bem* (3o ed). Porto alegre: Bookman.
- Lanzoni, Sônia Lopes. *Clima organizacional: fator de prevenção à violência escolar*. 2009. 221 f. Tese (doutorado em educação escolar) – programa de pós-graduação em educação escolar, faculdade de ciências e letras, universidade estadual paulista, Araraquara, 2009
- Laterman, Ilana. *Violência e incivildades na escola*. Florianópolis: Letras, Contemporâneas, 2000.
- Lazer, W. Marketing Changing Social Relationships. *Journal of Marketing*, 33 (1): 3-9, Winter 1969.

- Layton, R. A. (2007), "Marketing Systems—A Core Macromarketing Concept," *Journal of Macromarketing*, 27 (3), 227-42.
- Levandoski, G. Análise de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar: características cine antropométricas e psicossociais. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- Levandoski, Gustavo; LUIZ CARDOSO, Fernando. Imagem corporal e status social de estudantes brasileiros envolvidos em bullying. In: *Revista Latinoamericana de Psicologia*, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 135-145, Jan. 2013.
- Lévy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2000a.
- \_\_\_\_\_. A Internet e a crise de sentido. In: PELLANDA, Nize M. Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000b. p. 21-25
- Lima, B.T. et.al. (2012) Cyberbullying: estudo introdutório sobre o conceito e sua presença no IF- Sertão Pernambucano- Campus Petrolina- PE.
- Lima. I. O; COUTINHO, M. P. L.; MILANI, M. R; Representações sociais da violência—bullying no contexto escolar do ensino médio. *Indagatio Didactica*, v. 5, n. 2, p. 212. 2013.
- Lisboa, C; BRAGA, L. L; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, v. 2, n. 1, p. 59-71, 2009.
- Lopes NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, 2005.
- Lopes NETO, Aramis Antônio. *Bullying saber identificar e como prevenir*. São Paulo: Brasiliense, 2011
- Lourenço, Lélío Moura; SENRA, Luciana Xavier. A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. *Aletheia*, Canoas, nº 37, p. 42-56, abr. 2012.
- Machado NETO, M..M. (2010). O marketing é a mensagem. *Organicom*, 7(13), 49-64. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2010.139069>.
- M. Swearer & D. L. ESPELAGE (Eds.), *Handbook of bullying in schools: An international perspective*. (pp. 9-33). New York, NY US: Routledge/Taylor & Francis Group, 2010. ONU. Declaração Universal dos Direitos da Criança.

- McMahon, S. D., Peist, E., Davis, O., Bare, K., Martinez, A., Reddy, L. A., ... & Anderman, E. M. (2020). Physical aggression toward teachers: Antecedents, behaviors, and consequences. *Aggressive behavior*, 46(1), 116-126.
- Malta, d. c., porto, d. l., crespo, c. d., silva, m. m. a., Andrade, s. s. c. de ., mello, f. c. m. de ., monteiro, r., & silva, m. a. i.. (2014). bullying in brazilian school children: analysis of the national adolescent school-based health survey. *Revista brasileira de epidemiologia*, 17(rev. bras. epidemiol., 2014- 17 suppl 1). <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050008>.
- Malti, Tina; PERREN, Sonja; BUCHMANN, Marlis. Children's peer victimization, empathy, and emotional symptoms. *Child Psychiatry and Human Development*, v. 41, n. 1, p. 98-113, Feb. 2010.
- Martinez de Murguía, Beatriz. *Mediación y resolución de conflictos*. México: Paidós, 1999.
- Martins, José de Souza. Linchamento, o lado sombrio da mente conservadora. *Tempo Social, Rev. Sociologia*, v. 8, n. 2, São Paulo, out. 1996.
- Martins, M.J.D. 2005. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18:93-115.
- Mattos, P. *No mundo da lua - Perguntas e respostas sobre transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos*. 16ª edição, revista e atualizada pelo DSM-5, Brasil, ABDA, 2015.
- Mattos, A. R., Komuro, L. S. F., & Shimada, M. F. P. H. (2023). Bullying, cyberbullying e suas manifestações no ambiente escolar: um desafio de todos. *Caminhos da educação diálogos culturas e diversidades*, 5(3), 01-16.
- May, C., & PREVITE, J. (2016). Understanding the midstream environment within a social change systems continuum. *Journal of Social Marketing*.
- Medeiros, M.C Unidos contra a violência. In *Marcadas a Ferro Brasília*, secretaria especial de políticas para as mulheres. 2005.
- Mena, A., Moret-Tatay, C., Xavier, C. E., & De Lima Argimon, I. I. (2021). Programas de intervenção para a prevenção da violência escolar: uma revisão sistemática e meta-análise. *Edupsykhé. Jornal de Psicologia e Educação*, 19(1), 106-127. <https://doi.org/10.57087/edupsykhe.v19i1.4380>
- Mendoza, B., Morales, T., & Arriaga, Y. (2015). Variables Proximales relacionados com Violencia Escolar y Bullying en alumnado de bachillerato. *Psychology, Society, & Education*, 7(2), 185-200.

- Miguez, Daniel (comp.). *Violencias y conflictos en las escuelas*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- Minayo, M.C.S *A violência social sob a perspectiva da saúde pública*. Cadernos de saúde pública, 10 Rio de Janeiro 1994.
- Minayo, Maria Cecilia e outros. *Fala Galera Rio de Janeiro*: Garamond, 1999.
- Minayo, M.C *Relaciones entre procesos sociales, violência y calidad de vida*. Salud Coletiva, La Plata, v.1 p. 69-78 (2005).
- Morgan, D. L. *Focus groups as qualitative research: Qualitative research methods series; v.16*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1997.
- Nashiki, A. G. (2013). *Bullying: el poder de la violencia*. Revista Mexicana de Investigación Educativa, 18(58), 839-870
- Neto, ARAMIS A. Lopes. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. Jornal de Pediatria, Porto Alegre, v. 81, nº 5, supl. p. 164-172, nov. 2005.
- Neves Vieira, A. L., Ribeiro, E. L., Silva, F. C., & Pedro, M. L. (2011). *A educação como meio de inclusão social*. Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext. Uberaba – MG, v.3. n.2, p. 148-162, jul./dez. 2011.
- Ngyen, D. H. H., Parker, L., Brennan, L., Clements, A. *The taboo question: condom retailing in Vietnam and social marketing implications*. Journal of Social Marketing, 2014.
- Njaine, K.; Minayo, M. C. S. *Violência na escola: identificando pistas para a prevenção* - Comunic, Saúde, Educ, v.7, n.13, p.119-34, 2003
- Nobre, C. S. et al. *Fatores associados à violência interpessoal entre crianças de escolas públicas de Fortaleza, Ceará, Brasil*. Ciência. saúde coletiva, v. 23,n. 12,p. 4299-4309, 2018.
- Oliveira, Juliana Célia; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. *Bullying entre estudantes com e sem características de dotação e talento*. Psicologia: v. 25, p. 747-755, 2012.
- Oliveira, E. S. P. *A gente não quer só comer: uma abordagem de marketing social e o consumo alimentar de adolescentes*. 2018. Universidade Federal da Paraíba. Bananeiras: UFP, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15393>. Acesso em: 04 de fevereiro 2024.
- Olweus, D. *Aggression in the schools: Bullies and Whipping Boys*. Washington: Hemisphere Pub. Corp.; New York: Halsted Press, 1978.

- \_\_\_\_\_. *Bullying at school: What we know and what we can do*. London, Lackwell, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Peer harassment: A critical analysis a some important issues*. In J. Juvonen & S. Graham (Eds). *Peer harassment in school: The plight of the vulnerable and victimized* (pp. 1- 20). New York: Guildford, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Understanding and researching bullying: Some critical issues*. In S. R. Jimerson, S.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). *Violência na escola: América Latina e Caribe*. UNESCO, Brasília, 2003.
- Ohsako, Toshio (ed.). *Violence at School: global issues and interventions*. Paris: UNESCO, 1997.
- Patchin, Justin & HINDUJA, Sameer. (2006). *Bullies Move Beyond the Schoolyard A Preliminary Look at Cyberbullying*. *Youth Violence and Juvenile Justice*. 4. 148-169. 10.1177/1541204006286288.
- Paul, S., Smith, P. K., & Blumberg, H. H. (2012). *Police Investigating legal aspects of cyberbullying*. <http://www.psicothema.com/pdf/4066.pdf>
- Peralva, Angelina. *Violência e democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência, Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2.<sup>a</sup> Ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a ciência e a tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- Pereira, Antônio Igo Barreto e Zuin, Antônio Álvaro Soares. *Autoridade enfraquecida, violência contra professores e trabalho pedagógico*. *Educar em Revista* [online]. 2019, v. 35, n. 76 [Acessado 24 Abril 2024], pp. 331-351. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.64821>>. E.pub 26 Set 2019. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.64821>
- Pinto, Teresinha Cristina Rekis. *A questão da depredação escolar*. In: *Conferência Brasileira de Educação, Anais 6*. São Paulo: Papyrus, 1992.
- Powell, Anastacia; SCOTT, Adrian J.; NICOLA, Henry. *Digital harassment and abuse: experiences of sexuality and gender minority adults*. *European Journal of Criminology*, London, v. 17, n. 2, p. 199-223, 2018.

- Priotto, Elis Palma. Características da violência escolar envolvendo adolescentes. In. EDUCERE. Congresso de Educação da PUCPR, 2006. Curitiba: Champagnat 2006.
- \_\_\_\_\_. Violência Escolar: políticas públicas e práticas educativas. Curitiba 2008.
- Randall, P. E. A community approach to bullying. Stoke-on-Trent: Trentham Books, 1996
- Rez, Rafael. Marketing de conteúdo: a moeda do século XXI. São Paulo: DVS, 2016.
- RISTUM, M. and FERREIRA, T. R. S. C. Bullying escolar e cyberbullying. In: ASSIS, S. G., Constantini, P., AVANCI, J. Q., and NJAINE, K., eds. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP,2023, pp. 99-132. ISBN: 978-65-5708-150-1
- Rocha, T. B. (2012) Cyberbullying: ódio, violência virtual e profissão docente. Brasília: Liber Livro, 2012. 192 p.
- Rodrigues, M. A., Gonçalves, P., Brandão, C., Rodrigues, I., Ferreira, I., Pinto, L., & Rela, T. (2023). The Role of Social and Digital Marketing in Heineken's Worlds Apart Campaign. *Casos De Marketing Público Y No Lucrativo - Casos De Marketing Público E Não Lucrativo*.
- Romero, S. M. A utilização da Metodologia dos Grupos Focais na Pesquisa em Psicologia. In: Psicologia e Pesquisa: Perspectivas Metodológicas. Porto Alegre: Editora Sulina, 2000.
- Rothschild Michael L. (1999), "Carrots, Sticks, and Promises: A Conceptual Framework for the Management of Public Health and Social Issue Behaviors," *Journal of Marketing*, 63 (4), 24–37.
- Salles, L. M. F. Desvelando a Escola: o adolescente, o professor do aluno adolescente e a indisciplina na escola. In: SALLES, L M. F; LEITE, C. D; LOUVEIRA, M B (Orgs.). Educação, Psicologia e Contemporaneidade: novas formas de olhar para escola. Taubaté, São Paulo: Cabral Universitária, 2000, p. 131-154.
- Salles, L. M. F., Silva, J. M. A. de P. e, Castro, J. C. R., Villanueva, C. F., & Bilbao, R. D. (2008). A Violência no Cotidiano Escolar. *Educação: Teoria E Prática*, 18(30), 15.
- Sameer HINDUJA & JUSTIN W. PATCHIN (2008): Cyberbullying: An Exploratory Analysis of Factors Related to Offending and Victimization, *Deviant Behavior*, 29:2, 129-156

- Santos, José Vicente Tavares dos (Orgs.). A Palavra e o gesto emparedados: a violência na escola. PMPA, SMED. 1999
- Sarmiento, Walney M. Educação formal: um desencontro Escola- Comunidade. Tecnologia Educacional, v. 16, n. 75/76, 1987.
- Silva, M. R. S.; Nunes, K. S. Avaliação e diagnóstico do processo de reinserção familiar e social de crianças e adolescentes egressos de uma casa de passagem. Cogitare Enfermagem, v. 9, n. 1, p. 42-49, 2004.
- Silva, A.B.B. (2010). Bullying: Mentres perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Silva, A. C. B. Das diretrizes curriculares à construção dos projetos pedagógicos em cada instituição. Cadernos Abess, São Paulo, n.8, p.19- 25, 2010.
- Silva, P. F. et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. Psicologia - USP, v. 28, p. 44-56, 2017.
- Silva, G.; SENA, M. C.; BASTOS, P. R. H. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. Geofronter, Campo Grande, v. 8, p. 1-17, 2022.
- Silva, M., & Silva, A. G. (2018). Professores e alunos: o engendramento da violência da escola. Educação & Realidade, 43(2), 471-494. Recuperado a partir de <https://dx.doi.org/10.1590/2175-623664089>
- Souza, M. A. de; CASTRO, R. E. F. de. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. Psicol. Estud., Maringá, vol.13, n.4, p. 837-845. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a22.pdf>>. Acesso em 10/11/2023
- Souza, R.A. (2023). Bullying e as Equipes de Ajuda: é possível a ajuda entre os adolescentes para a superação da violência na escola? Editora Dialética.
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, N., Mounts, N., & Dornbusch, S. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. Child Development, 65, 754- 770.
- Stelko-Pereira, A. C. WILLIAMS, L. C. de A. (orgs.). Violência nota zero: como aprimorar as relações na escola. São Carlos: EduFSCar, 2017.
- Sposito, Marília Pontes. "Violência colectiva, jóvenes y educación". México: Revista Mexicana de Sociologia, n. 3., 1994.

- \_\_\_\_\_. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, v.5, n. 1-2, 1993, editado em 1994a.
- \_\_\_\_\_. A instituição escolar e a violência. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, 104, 1998.
- \_\_\_\_\_. (coord.). Juventude e Escolarização: uma análise da produção do conhecimento. Relatório de pesquisa São Paulo: 1999.
- \_\_\_\_\_. (coord.). Juventude: estado do conhecimento. Relatório de pesquisa INEP, 2000.
- Sposito, MP- Instituição Escolar e a Violência. Caderno de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação. São Paulo, nº 104 1998. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias: Educação e Pesquisa- São Paulo, v.27 2001.
- Sposito, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 24-39, 2002.
- Sposito, M. P. (2014). Juventude e violência nas escolas. In: M. P. Sposito (Ed.), Escola, juventude e violência (pp. 9-32). Campinas: Papirus.
- Tavares dos santos, José Vicente; NERY, Beatriz Didonet; SIMON, Cátia Castilho. A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola. Porto Alegre: PMPA – SMED, 1999
- Telles, M. A. de A; MELO M. O que é violência contra a mulher. Editora Brasiliense, 2013
- Tognetta, L. R. P. et al. Bullying e cyberbullying: quando os valores morais nos faltam e a convivência se estremece. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 12, n. 3, p. 1880–1900, 2017.
- Unesco- Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. – Brasília : UNESCO, 2019.
- Veiga, F. H., Festas, I., Taveira, C., Galvão, D., Janeiro, I., Conboy, J., Carvalho, C., Caldeira, S., Melo, M., Pereira, T., Almeida, A., Bahía, S., & Nogueira, J. (2013). Envolvimento dos Alunos na Escola: Conceito e Relação com o Desempenho Acadêmico — Sua Importância na Formação de Professores. Revista Portuguesa de Pedagogia, 46-2, 31-
- Viana, Nildo; VIEIRA, Renato Gomes. Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola. Edições Germinal: Goiânia, 2002.

- Watson, M. W., Andreas, J. B., Fischer, K.W. & Smith, K.W. (2005). Patterns of risk factors leading to victimization and aggression in children and adolescents. In K. A. Kendall-Tackett, & S. M. Giacconi (Orgs.), *Child Victimization: Maltreatment, bullying and dating violence, prevention and intervention*. (pp. 12.1-12.18). New Jersey, USA: Civic Research Institute.
- Weber, M. (1999). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, UnB.
- Wilkie, William L.; MOORE, Elizabeth S. Scholarly research in marketing: exploring the "4 Eras" of thought development. *Journal of Public Policy & Marketing*, p. 116-146, 2003
- Wilkie, W., Moore, E. Expanding our understanding of marketing in society. *Journal of Academy of Marketing Sciences*.40-53: 73. 2012.
- Williams, I. C. A.; STELKO-PEREIRA, A. C. "Por fora bela viola: pesquisa e intervenção sobre cyberbullying". In: ABREU, C. N. (Org.). *Vivendo esse mundo digital*. Porto Alegre: Artmed, 2013. p.49-59.
- Wyner 2011- Weinreich, N. K. (2011). *Hands-on Social Marketing: a step-by-step guide to designing change for good* (2o ed). California: Sage Publications
- Zagorscak, P., Krumbholz, A.S., Heinrich, M., Wölfer, R., & Scheithauer, H. (2018). Efficacy of Cyberbullying Prevention on Somatic Symptoms-Randomized Controlled Trial Applying a Reasoned Action Approach. *Journal of Research on Adolescence*, 29(4), 908-923. <https://doi.org/10.1111/jora.12429>
- Yang, S.; Kim, J.; Kim, S.; Shin, I.; Yoon, J. 2006. Bullying and victimization behaviors in boys and girls at south Korean primary schools. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 45:69-77.
- Zaluar, Alba (org.) *Violência e Educação*. São Paulo: Cortez, 1992.
- Zequinão, M. A. et al. Desempenho escolar e bullying em estudantes em situação de vulnerabilidade social. *Journal of Human- Growth and Development*, v. 27, n. 1, p. 19-27, 2017.

## APÊNDICE A - Revisão da literatura- Marketing Macrossocial

TÍTULO	AUTORES	ANO	OBJETO	OBJETIVO
<i>Macro-demarketing: the key to unlocking unsustainable production and consumption systems?</i>	Little, Lee, Nair	2019	Sacolas plásticas	Baseando-se na perspectiva multinível da mudança socio técnica e teoria da prática social, este artigo argumenta que o marketing macrossocial deve atender ao desafio da redução da demanda agregada, a fim de apoiar a transição para sistemas de marketing mais sustentáveis. É um estudo de caso etnográfico.
Systems Social Marketing and Macro-Social Marketing: A Systematic Review	Flaherty et.al.,	2020	Pensamento sistêmico para problemas complexos e perversos.	A adoção do pensamento sistêmico dentro do marketing social é ilustrada pela literatura emergente relacionada ao marketing social de sistemas e ao marketing macrossocial. O marketing social de sistemas e o marketing macrossocial sinalizam uma mudança de comportamento de nível singular para um modo de operação mais holístico e multinível para problemas complexos e perversos.
Macro-social marketing as a government's opportunity to make a positive influence on societal behaviour	Volgasts, Emils Sloka, Biruta	2020	Qualidade de vida	Os governos trabalham duro para tornar seu distrito um lugar melhor para se viver, às vezes quando a sociedade não o faz reconhecer o que foi feito e isso indica o verdadeiro problema – a assimetria de informação. Para melhorar o fluxo de informações Entre governo e sociedade, além de mudanças sociais ativas, é possível utilizar o marketing macrossocial.

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>ANO</b>	<b>OBJETO</b>	<b>OBJETIVO</b>
DA TRAVESSIA DO DELITO RESSOCIALIZAÇÃO: análise das ações de marketing macrossocial coordenadas pela Apac de São João Del Rei.	Cristina Prezoti	2021	Ressocialização	Identificar e analisar as ações de marketing macrossocial promovidas pela Associação de Proteção e Assistência aos Condenados – APAC, unidade da cidade de São João Del Rei/MG, em prol da ressocialização dos presos.
Alavancando o marketing macrossocial para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável: uma intervenção em toda a cidade sobre a obesidade no Brasil	Bastos et.al.,	2021	Obesidade	Demonstrar como o marketing macrossocial pode contribuir para o objetivo de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas 2030 de reduzir doenças não transmissíveis e promover o bem-estar, abordando o problema perverso da obesidade.
Socially Responsible (Macro-Social) Marketing	Kennedy & Smith	2022	Problemas perversos	Explicando o Marketing Socialmente Responsável (SRM), eles fornecem o argumento para que os profissionais de marketing (e suas organizações) ajam em benefício da sociedade. As organizações devem procurar ativamente, quando lhes é dada a oportunidade, aumentar os resultados sociais positivos através da abordagem de problemas perversos. Esses objetivos são compartilhados por profissionais de marketing social e profissionais de marketing macrossocial.

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>ANO</b>	<b>OBJETO</b>	<b>OBJETIVO</b>
Give It Up!': A Macro-Social Marketing Approach to India's Clean Cooking Fuel Access	Jagdale, & Kemper	2022	Acessibilidade de combustível de cozinha	Examina como o Governo da Índia (GOI) usou o marketing macrossocial (MSM) para abordar as questões de acessibilidade e acessibilidade de combustível de cozinha limpa e desigualdades estruturais na redistribuição de subsídios. Ele destaca um novo aplicativo de MSM para abordar a cronometria em sistemas de marketing.
Percepções sobre o tratamento precoce do Câncer de mama: proposição de uma escala e Influência dos três níveis do marketing macrossocial.	MARGARETE ALVES DA SILVA	2023	Tratamento do Câncer de Mama	Identificar a influência dos três níveis do marketing macrossocial para o tratamento precoce do câncer de mama, por meio de teste de validação de uma escala no contexto brasileiro, segundo a perspectiva de indivíduos acometidos ou não pela patologia.
MEU HUMANO VOLTARÁ? a problemática do abandono animal na perspectiva do marketing macrossocial	ACHILEM ESTEVAM DA SILVA	2023	Abandono Animal	Identificar as interações das instituições e dos atores que constituem o cenário de abandono de animal a partir da perspectiva de marketing macrossocial, a fim de identificar ações que promovam a redução desta problemática.

Fonte: Elaboração própria, 2024

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

### Dados de identificação

Título do Projeto: Violência no ambiente escolar: Uma análise dos casos de Bullying e Cyberbullying na perspectiva do Marketing Macrossocial.

Pesquisador Responsável: Andréia Moreira da

Silva Nome do participante:

Data de nascimento: R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa de Violência no ambiente escolar: Uma análise dos casos de Bullying e Cyberbullying na perspectiva do Marketing Macrossocial, responsabilidade do(a) pesquisador(a): Andréia Moreira da Silva

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao(a) pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo analisar como os três níveis do marketing macrossocial, pode ser utilizado com o propósito de prevenir a violência no ambiente escolar, em específico o *Bullying* e o *Cyberbullying*, envolvendo as esferas governamentais, a sociedade, a escola e o indivíduo. Para tanto, a pesquisa será realizada com profissionais da educação (professores, supervisores, diretores, coordenador e os pais e responsáveis pelos alunos).
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em responder a algumas questões sobre Violência no ambiente escolar, especificamente Bullying e Cyberbullying. Poderão ser utilizadas imagens, trazidas pelos entrevistados, desde que sejam de domínio público (revistas, livro, internet, entre outros) durante a condução das entrevistas. Haverá o registro de áudio das entrevistas. Os áudios serão utilizados exclusivamente para fins da pesquisa e ficarão em posse do(a) pesquisador(a). Na apresentação dos resultados da pesquisa os entrevistados não serão identificados. Não haverá qualquer mecanismo de registro de imagem dos entrevistados, como câmeras ou o uso do celular.
3. A coleta de dados será realizada na Escola Estadual Geralda Eugênia, situada no município de São Joaquim de Bicas pertencente a SER/ Metropolitana B.
4. O(a) pesquisador(a) poderá utilizar um roteiro, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisado Centro Universitário Unihorizontes, para a condução da entrevista.

Rua Paracatu, 600 | Barro Preto | CEP: 30.180-090 Av. Afonso Vaz de Melo, 465 | Barreiro de Baixo | CEP: 30.640-070 Belo Horizonte – MG, (31) 3349-2916



5. A pesquisa não apresenta riscos inerentes a saúde, física ou mental, bem como a integridade dos participantes. Contudo, fui informado que se desejar posso retirar, a qualquer momento, minha participação.

6. Ao participar desse trabalho contribuirei com (ou para futuras intervenções perante o problema da violência no ambiente escolar.

7. A minha participação neste projeto deverá ter a duração da entrevista, que poderá variar entre 50 a 90 minutos.

8. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.

9. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

10. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

11. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados com fins acadêmicos.

12. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Andréia Moreira da Silva, pesquisador(a) responsável pela pesquisa, telefone: (31)97103-1424 e-mail: andrea.moreira.silva@educacao.mg.gov.br

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_(Cidade), \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 20\_\_.

### Assinatura do(a) participante

Assinatura do responsável por obter o consentimento

## APÊNDICE C - Roteiro de Entrevistas

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERGUNTAS	AUTORES
<p>1- Compreender as possíveis causas e consequências dos atos de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> provenientes do ambiente escolar, segundo a percepção dos entrevistados.</p>	<p>1- Para você o que significa violência no ambiente escolar?</p> <p>2- Considerando o ambiente escolar como você caracteriza os episódios de violência ?</p> <p>3- Você percebe a existências de práticas que estimulem/inibem à a violência no ambiente escolar?</p> <p>4- Você percebe a existências de práticas que influenciam a prática do bullying e cyberbullying no ambiente escolar?</p>	<p>Debarbieux (2002) (Abromoway &amp; Ruas 2003).  Minayo (2005) Medeiros (2005) Blaya (2005) (Veiga <i>et.al.</i> 2013).  Teles (2013) Cruz (2014) Oliveira <i>et.al.</i> (2015)</p>
<p>2- Analisar como é percebido o papel dos governos na prevenção dos casos de <i>bullying</i> e no ambiente escolar;</p>	<p>1- Como você avalia que a interação entre escola, comunidade escolar e governo podem agir na prevenção do Bullying e Cyberbullying?</p> <p>2- Quais ações são desenvolvidas até o presente momento, para prevenir e combater o <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> ?</p> <p>3- Quais ações seriam relevantes para minimizar e combater as práticas de bullying e cyberbullying?</p> <p>4- Você acredita que o Marketing Macrossocial possa contribuir como ferramenta de combate e prevenção a violência no ambiente escolar, em especial ao Bullying e Cyberbullying?</p>	<p>(Kennedy &amp; Parsons, 2012).  Gordon (2012).  Kennedy (2016)  (May &amp; Previte, 2016).  (Huff <i>et.al.</i> 2017).</p>
<p>3- Identificar, segundo a percepção dos profissionais da educação e dos</p>	<p>1- Como você caracteriza as razões que levam as práticas de Bullying e Cyberbullying?</p> <p>2- Como você caracteriza as causas que fomentam</p>	<p>Debarbieux (2002).  Abramovay (2003) Minayo (2005).  Lanzone, (2009)</p>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERGUNTAS	AUTORES
<p>familiares como têm sido conduzidos os casos de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> no ambiente escolar e possíveis estratégias de mitigação.</p>	<p>o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> ?</p> <p>3- Conte-me uma experiência, onde você percebe que ocorre com mais frequência as práticas de <i>bullying</i>? E de <i>Cyberbullying</i>?</p> <p>4- Quais as consequências que você identifica nas vítimas de <i>Bullying e Cyberbullying</i>?</p>	<p>Lopes Neto (2011) (Veiga <i>et.al.</i> 2013) (Lourenço &amp; Senra, 2014) Pereira (2019). (Mattos <i>et al.</i>; 2023). Souza (2023)</p>